UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM – MEMÓRIA – EXPERIÊNCIA – FORMAÇÃO

LER, ESCREVER E COMPARTILHAR POESIA: PRÁTICAS (DES)TERRITORIALIZADAS, POLÍTICAS, COLETIVAS

ELIANE APARECIDA BACOCINA

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Janeiro - 2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS – RIO CLARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM – MEMÓRIA – EXPERIÊNCIA – FORMAÇÃO

LER, ESCREVER E COMPARTILHAR POESIA: PRÁTICAS (DES)TERRITORIALIZADAS, POLÍTICAS, COLETIVAS

ELIANE APARECIDA BACOCINA

ORIENTADORA: PROFª DRª MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Janeiro – 2017

809.1 Bacocina, Eliane Aparecida
B128L Ler, escrever e compartilhar poesia : práticas (DES) territorializadas, políticas, coletivas / Eliane Aparecida Bacocina. - Rio Claro, 2017
210 f. : il., figs., fots.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Poesia. 2. Educação e linguagem. 3. Espaços da escrita. 4. Linguagem poética. 5. Cartografia. 6. Processos de criação. 7. Literatura menor. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Ler, escrever e compartilhar poesia: Práticas (DES) Territorializadas, Políticas, Coletivas. Marginais?

AUTORA: ELIANE APARECIDA BACOCINA
ORIENTADORA: MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Profa. Dra. KATIA MARIA KASPER
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. LAURA NOEMI CHALUH
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro

Profa. Dra. ARLETE DE JESUS BRITO
Departamento de Educação / IB Rio Claro

Profa. Dra. FABIANA MARINI BRAGA
Educação / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Rio Claro, 21 de novembro de 2016

Dedico este trabalho a todos os poetas.

Poetas nas palavras...
Poetas nas diferentes linguagens...
Poetas nas pequenas atitudes...
Poetas da vida.

"Você não sabe o quanto eu caminhei...
Pra chegar até aqui...
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu não cochilei.
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei...
A vida ensina e o tempo traz o tom
Pra nascer uma canção
Pela fé do dia a dia encontro a solução.
Quando bate a saudade vou pro mar..."

Agradeço imensamente a todos os que acompanharam minha trajetória durante esses quatro anos de lutas e conquistas. Passagem por uma fronteira repleta de aventuras.
Foram 210 páginas escritas, três mudanças de emprego, dez concursos públicos prestados, oito disciplinas cursadas, duas novas línguas aprendidas e quinze apresentações de trabalho em eventos.
Viagens, sorrisos, lágrimas, cansaço, esperanças... Luta constante para, em meio a rotinas de trabalho cansativas e intensas, apaixonantes, contudo, encontrar espaço e tempo para ler, pesquisar, pensar, poetizar, escrever...
Caminho solitário, mas que, por entre tantos obstáculos, possibilitou encontros e amizade com tantas pessoas.
Tantas pessoas a agradecer.
Nomes que não caberão nas margens dessas páginas.
Seguem algumas dessas pessoas, as essenciais...
A Maria Rosa R. M. de Camargo, eterna orientadora. Voz que conduz, tranquilamente e intensamente pelos caminhos do saber.
Às Professoras Katia Maria Kasper, Laura Noemi Chaluh, Arlete de Jesus Brito e Fabiana Marini Braga, pelas contribuições ao texto apresentado.
Aos poetas do Sarau das Ostras - Ludimar, Nego Panda, Fernandes, Abel e Pelé, pelas aulas de poesia e pelo acolhimento. Pelas conversas poéticas, pelos cafés e por tantos momentos que compartilhamos.

Aos amigos do Laboratório Escriarte, pelas experimentações, pelas *escriartices* e por tudo o que cada precioso momento de partilha me proporcionou enquanto invenção e produção de pensamento. Agradecimento especial a Carolina Gonçalves Souza e Flávia Priscila Ventura, companheiras de lencinho e de desabafos, e a Débora Sara Ferreira, pelos textos em co-autoria, momentos singulares de aprendizado coletivo.

Ao IFSP, local onde cheguei há poucos meses para atuar como professora, pela política de valorização do profissional estudante, que me proporcionou um tempo semanal para dedicação à escrita final desta tese. Aos novos colegas e amigos do campus de Presidente Epitácio, que com tanta receptividade me acolheram e me acolhem a cada dia.

À equipe da Faculdade de Administração e Artes de Limeira, pela valorização profissional e, em especial, pela liberação das atividades para participação nos eventos acadêmicos dos quais participei. Aos colegas e alunos artistas, com os quais tive a alegria de compartilhar conhecimentos.

À Direção e colegas da EMEF Profa. Maria Aparecida Pagoto Moraes, pela convivência e pela união nos momentos de dificuldades.

À Secretaria Municipal de Educação de Limeira, em especial às colegas de trabalho que compreenderam minha luta e minha escolha por deixar a tarefa em andamento, pelo direito de prosseguir estudando.

Aos amigos da Faculdade do Litoral Sul Paulista, pelo apoio em final de 2012 / início de 2013, no momento de aprovação no Doutorado. Aos alunos que ali conheci, hoje pedagogos e educadores, muitos já colegas de profissão.

À amiga Luciana Pelizari, pelo auxílio com o tratamento das imagens.

Às amigas de viagem e final de semana, pela descontração e pelas risadas, que aliviaram as tensões do dia a dia.

A Ana Maria Bacocina, irmã e amiga, presente em todos os momentos e pensamentos... com ternura.

Ao meu pai Jose Bacocina e à minha mãe Josefina Betin Bacocina (in memorian) pelo dom da vida. E a tantas mulheres, dessas famílias, de gerações antepassadas, que viveram sem as mesmas condições que tive de estudar e adquirir oportunidades de aprendizado. Essa conquista dedico a todas elas...

A Deus, que me permitiu deixar essas pegadas no mundo acadêmico, devo a força que adquiri no decorrer da vida e a saúde com a qual fui presenteada durante esse tempo. Agradeço pelas forças para não desistir de caminhar. E para chegar até aqui...

"Quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos 'obscuros heróis' do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isso é admirável!"

Michel de Certeau

RESUMO

A presente Tese de Doutorado propõe cartografar práticas de invenção (escrita e produção poética) postas em ação por sujeitos em uma comunidade de escritores, grupo que atua de maneira não formal com produção de poemas. Propõe-se discutir o poder da escrita em interlocução com o grupo, que atua no litoral sul paulista, com o objetivo de fazer pensar sobre questões sociais, políticas e cotidianas. O grupo, denominado Sarau das Ostras, constitui-se por cinco integrantes escritores de poemas e tem como inspiração a ostra, elemento comum no litoral, que diante dos obstáculos, resiste e produz a pérola, assim como o grupo que, frente aos desafios da vida cotidiana, produz poesia. A pesquisa intenciona trazer à discussão o papel e o lugar da escrita poética e o modo como dela o grupo se utiliza, reverberando em travessias de fronteiras do pensamento. Tem como procedimentos metodológicos a cartografia, proposta por Rolnik, o paradigma indiciário (Ginzburg) e a configuração (Norbert Elias). Dentre o referencial teórico utilizado, estão aportes da história cultural, com Chartier e Certeau, além dos estudos da linguagem, com Rancière, Foucault e Bakhtin. Deleuze e Guattari complementam o estudo, com a abordagem que realizam sobre a literatura menor/escrita marginal. Desvendar sentidos dos processos de escritas contemporâneas a partir de situações de interlocução e atividades artísticas é uma forma de conhecer e valorizar os saberes trazidos por poetas que compõem e atuam em espaços diversos de produção escrita. Das margens das páginas escritas, oriundas das bordas que ladeiam cidades, às fronteiras de um pensamento que se revela fértil, concretiza-se um movimento-fluxo das palavras numa composição poética, singular. Para onde nos leva? De que modo flui esse movimento? Devaneios daí advindos fazem (trans)bordar as margens do que produzem tais páginas escritas, gerando material de pesquisa, fluxo de pensamento, devir, poesia.

Palavras-chave: espaços da escrita, linguagem poética, cartografia, processos de criação, literatura menor.

ABSTRACT

This Doctotorship Thesis aims to cartography practices of invention (writing and poetry production) put into action by persons in a community of writers, a group that acts with creation of poems in a non-formal way. Its proposal is to discuss the power of writing in dialogue with that group, which works in the South coast of São Paulo State, with the purpose of helping the participants to reflect upon social, political and daily actions. The group, entitled *Sarau das Ostras* [Oysters Soiree], is composed of five writers and inspires itself in the oyster, a common element in the coast that, in front of obstacles, resists and produces a pearl, as well as the group, which produces poetry, when facing life daily challenges. The research intends to discuss the role and place of poetic writing, and the way it is used by the group, reverberating in the crossings of the thought boundaries. The methodological proceddings are the cartography, proposed by Rolnik, the evidentiary paradigm (Ginzburg) and the configuration (Norbert Elias). Among theoretical foundation is the contribution of cultural history, with Chartier and Certeau, apart from language studies, with Rancière, Foucault and Bakhtin. Deleuze and Guattari increase the study with their approach of minor literature/marginal writing. Unveiling meanings of writing processes from situations of dialogues and artistic situations is a way of knowing and valuing knowledge brought by the poets that act in different spaces of writing. From the borders of written pages, which come from the boundaries of cities, to the frontiers of a thought that shows itself fertile, a movement-flow of the words in a unique poetic composition is consolidated. Where does it take to? How does this movement flow? Daydreams from it overfill the borders of those written pages, generating research material, flow of thought, transformation, poetry.

Key words: writing space, poetic language, cartography, creative process, minor literature.

SUMÁRIO

PREFÁCIO – CARTA A UM (A) POETA 11

TRAÇANDO UM CAMINHAR... O ATO DE ESCREVER É A PAUTA. REFLEXÕES POÉTICAS 13

1. PRIMEIROS PASSOS: DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA. MODOS DE COMPOR... 20

2. COMO TEM INÍCIO ESSA TRAVESSIA? DEVIRES DA TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA / EDUCADORA... IDEIAS A RODAR... 63

3. CAMINHANDO... DEVIR POETA 99

4. ATRAVESSANDO FRONTEIRAS. EM DIREÇÃO ÀS MARGENS, BORDAS... POESIA MARGINAL? POESIA MENOR? 134

5.SEGUIR AO INFINITO - (TRANS)BORDAR 180

REFERÊNCIAS 207

PREFÁCIO - CARTA A UM (A) POETA

Saudações,

É a você, poeta, que direciono esta carta.

Não só aos que vão nascer, como faz Larrosa, nem a um jovem poeta, como realiza Rilke. Mas direciono a todos os leitores, aprendizes e poetas, de todos os tempos e todas as idades. E é a você, que vai abri-la, a quem a direciono, em especial. A você, que pode e poderá dialogar comigo, consigo mesmo (a) ou com os outros sobre as palavras que aqui deixo registradas. Palavras que são minhas, mas que também são de outros, de outros que ouvi dizer, que li, de outros com quem tive contato, e são também suas, para que faça delas o que achar que deve fazer. Até ignorar, ou jogá-las fora, se assim achar necessário.

Para aqui escrever, inspiro-me em cinco poetas, que conheço, admiro e com quem dialogo enquanto pesquisadora. Poetas que, por entre pedras e gavetas, escrevem sobre o mundo louco, que deixam pegadas na areia, que deixam suas rimas inteiras para todas as quebradas, que constroem ludicidades... Que defendem que o sonho *dus* guerreiros não morre, que juntos inventam o seu barato. Barato que é louco, mas que ainda dizem que o que fazem é pouco, que podem criar ainda mais...

A você, poeta, o que posso dizer? A você, poeta que lê diversos textos, que escreve poesia, seja ela em forma de poema, ou de prosa, ou de imagem... até mesmo de uma pesquisa acadêmica, e talvez nem tenha a intenção de fazer poesia. A você que escreve em diários, em cadernos em espiral, na tela do computador ou celular, em folhas soltas, ou em muros... ou até mesmo na areia... Você que guarda aquilo que escreve, ou que não permite que ninguém leia, ou que publica em livros, *blogs* ou redes sociais... ou que permite que o vento leve suas palavras, assim como as ondas do mar, que levam, mas que deixam... Deixam o quê? Sim, mesmo quando palavras se vão, quanto elas deixam?

Posso dizer que o que você escreve tem uma materialidade, um valor, um sentimento, que não importa quantos leitores sua escrita tenha, você escreve, deixa marcas e pegadas na terra firme ou na areia, ou em muros. E alguém, um dia, alguém que pode ser você mesmo (a), poderá ler suas palavras, linhas traçadas, e partir delas viver uma experiência singular. Provavelmente que tal experiência seja muito diversa daquela que você viveu ao escrevê-las. E pode ser que tais experiências sejam impossíveis de serem imaginadas hoje.

A você, leitor / leitora dessa carta, deixo uma pergunta, pergunta que também não sei como responder, mas que com você posso pensar: é possível pensar numa metodologia para a escrita poética? Ou numa metodologia de pesquisa sobre a criação poética?

Penso em Palomar, quando observa uma onda, buscando capturar um movimento que foge, penso nos construtores descritos por Kafka, quando os diferentes fragmentos se compõem, deixam lacunas e contam ou escondem histórias... Penso em como configurar ou cartografar os diferentes movimentos. Penso na construção de versos, no ritmo das palavras quando agrupadas, lidas, oralizadas...

Penso em RO3P, que me conta que escreve pequenos trechos de poemas e, num determinado momento, assim como na construção da muralha da China, senta-se junto aos pedaços de escrita anotados em folhas de papel e tenta compor um poema... poema que ganha ritmo, vira música, com a batida do *rap*. Mais ou menos como eu tento compor a escrita de um texto... acadêmico? poético? Enfim, um texto para apresentar como pesquisa de pós-graduação. Junto pedaços, fragmentos, de falas, escritas, poemas, citações de autores, pensamentos, relatos pessoais, devaneios... o quanto essa construção inventiva pode ser pensada enquanto procedimento metodológico?

Penso na linguagem. O quanto se pode dizer por meio dela? É possível a uma linguagem, seja ela acadêmica, poética, falante, dar conta de dizer aquilo que não se diz? Experiências, vozes, movimentos, sentimentos, sensações, luzes, escuridão, silêncio... como transformar coisas como essas em palavras, em linguagem?

Por fim, penso no construir "junto com", no criar com o outro, compartilhar... partilhar... quantos espaços e lacunas isso deixa? Quanto tudo isso permite criar? Quantas muralhas de afinidades, de tensão, de estranhamento, de encontros, desencontros? Quantas pegadas na areia se desenham e se apagam? Quantas gavetas são abertas? Quantos baratos? Quantos devaneios?

Enfim, quantos devaneios nessa carta, leitor / leitora? Afinal, escrevi para você ou para mim mesma? Não tenho a intenção de que você entenda, apenas convido que leia... leia com sua voz, com sua poesia, com seus silêncios. Você, que a encontrou em alguma praia famosa ou isolada, e deve estar se perguntando: "Por que eu a ler essas palavras?"

Nesse momento, estou enrolando essas palavras aqui escritas numa garrafa e lançando-as ao mar. Nessa folha de papel, não colocarei local nem data. Nem um nome próprio. Assinarei apenas como

Uma certa aprendiz de pesquisadora, aprendiz de poeta.

TRAÇANDO UM CAMINHAR... O ATO DE ESCREVER É A PAUTA. REFLEXÕES POÉTICAS[1]

"Essa é, até o momento, a última página da pesquisa... talvez, outras possam ser escritas a partir dela..."

Inicio meu texto assim, com a última frase de minha Dissertação de Mestrado, concluída em 2007. Foi mesmo concluída? Não há como afirmar.

Final de uma etapa... início de outras tantas...

E de lá para cá? Páginas foram escritas?

Muitas. Quantas?

Não há como contar.

Algumas guardadas.

Quantas não recuperadas?

Assim as palavras ditas.

Registrado ficou o olhar.

Olhar que se transformou,

Seguiu estradas.

Em início de 2009, foi para o mar...

Praia Grande. Litoral sul do estado de São Paulo.

Lugar poético... próximo ao porto de Santos, local de chegadas e partidas.

A São Vicente, primeira vila do Brasil, com a biquinha do Itororó e as barraquinhas de doces.

Às ondas a quebrar... idas e vindas...

Lá fui parar, de maneira inusitada, em busca de muitas coisas, entre elas, experienciar o trabalho como docente no ensino superior.

Da universidade pública à faculdade particular.

Tantas diferenças de paisagem, cenários, modos de escrever, de ler, de aprender, de ensinar...

Apesar dos inúmeros desafios, ambiente leve.

Surgem sinais. O primeiro a despertar a atenção é o mar, tão próximo, e as pessoas ali presentes...

[1] Esse texto começou a ser produzido a partir de proposta de escrita da disciplina Seminários de Pesquisa, cursada na pós-graduação em 2013, ministrada pelas professoras Maria Rosa R. M. de Camargo e Laura N. Chaluh. A proposição do texto tinha como tema "O ato de escrever é a pauta".

Muitos artistas, produzindo imagens
e compondo um lugar na paisagem.
Traços marcantes,
não menos importantes
que as pessoas, reais, que vão surgindo nas salas de aula.
Alunas e alunos do Curso de Pedagogia. Pessoas... únicas, singulares, múltiplas...

Primeiro ano... desafiador.
Comparações, avaliações, juízos de valor...
de ambos os lados.
O olhar da professora, desterritorializada, que olha para os alunos e os percebe diferentes
não é distante dos educandos, que observam que a professora não é do lugar.

Muitas novas tarefas. Ministrar aulas de Metodologia da Alfabetização, Oficina de Leitura e Produção de Textos – *locus* de práticas, pensamentos e escritas...

Novas pessoas para, de certa forma, de forma mais ampla, alfabetizar.
Memorizar fisionomias,
descobrir caligrafias,
produção escrita a decifrar...
Quando foi que a professora se viu, novamente, pesquisadora?

Pesquisa que se apresenta no *locus* da prática, praxis freireana, de quem aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende...

Talvez, de forma inconsciente, quando no ano seguinte, surgiu uma nova aluna – a poeta Ludimar. O ano era 2010.

Qual o pretexto? Por que o olhar?
Por ela ter estudado na EJA? Ou por sua escrita, tão peculiar?
O fato de ter tantas histórias pra contar?
E o ato contínuo de contá-las?
Sua postura inovadora?
Tanto saber a mostrar?
Ou, simplesmente, o ato de compartilhar?
O quê?
E as novas pessoas, grupos de poetas, que vieram a, com ela, se apresentar?

Poeta Fernandes, RO3P, Abel, Nego Panda... o último, dois anos depois, também se apresentando como meu aluno no curso de Pedagogia.

Poetas que se encontram em espaços circulares... rodas literárias, saraus...

Biblioteca, livraria, calçadão da praia...Espaços de encantamento pela leitura, oralidade, palavras rimadas...

Impossível não se sentir apaixonada...

Quem são eles? Poetas-alunos? Professores de poesia?

Como se apresentam? Poetas que fazem literatura marginal periférica.

O que vem a ser essa literatura?

Sarau das Ostras... assim se autonomeiam essas pessoas que, encontrando-se por entre tantos espaços, reconhecem-se uns aos outros enquanto grupo. Comunidade de poetas. Escritores. Fascinados pela leitura.

E aqui estou, contagiada por eles, iniciando um texto para compor uma tese de Doutorado...

****

De onde surgiu esse texto? Escrevi e, após umas cinco linhas escritas, tive que parar, reler e dividir em linhas, versos, ao observar que as palavras rimavam. E continuei a escrever, sem muito pensar, me vi a continuar e não conseguia parar de rimar. Finais de palavras que se complementavam. Fui escrevendo quase sem pensar...

Rima e ritmo... Para Cristóvão Tezza (2003, p. 124), "o conceito de verso aparece em oposição ao conceito de prosa – o princípio de construção do verso será o ritmo. "

Embalada pelo ritmo das palavras, a partir de palavras que rimam e frases que possuem uma sonoridade peculiar, construí o texto. E agora? Mantenho como está? Releio e refaço a escrita, retirando as rimas? Afinal, uma professora que tive, já há algum tempo, dizia: "Cuidado para não deixar as palavras rimarem". E a própria Ludimar, quando foi minha aluna, relatava que tinha paixão pelos versos rimados, mas sentia a maior dificuldade nas aulas de Filosofia e Sociologia, que exigiam linguagem técnica; dizia que sua vontade era escrever tudo "rimadinho" nas provas. Ah, mas não podia... Mesmo quando eu disse a ela que, quem sabe, para as professoras de tais disciplinas, talvez lhes agradasse receber suas rimas nas avaliações.

"Ah, não. Não pode. – disse ela - Temos que respeitar os diferentes contextos de escrita e, aqui, o texto é acadêmico".

Será? Não seria o ato de escrever um ato que se realiza com as mãos, com a mente, com as emoções? Ato de atar / des-atar / re-atar ideias e sensações? É possível colocar tudo isso num

molde, num modelo acadêmico? E os imprevistos, os questionamentos, as perguntas que se faz, como padronizá-las e, ao mesmo tempo, revelar quem somos, o que pensamos e sentimos?

E agora, mudo a estrutura do texto, ou deixo como está?

Boaventura de Sousa Santos (2010) defende, na pós modernidade, a "transgressão metodológica", que abarca a pluralidade de métodos presente na revolução científica que vivenciamos.

> A transgressão metodológica repercute-se nos estilos e gêneros literários que presidem à escrita científica. A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é o outro lado da pluralidade metodológica. (SANTOS, 2010, p. 49).

Configurar estilos. Essa visão parece, enfim, trazer legitimidade à questão da escrita poética no texto acadêmico. Afinal, o que é um poeta, senão um transgressor de regras pré-estabelecidas? Como afirma Nego Panda, ou NP, poeta / aluno de Pedagogia, que encontrei pelos caminhos da docência / pesquisa / trajeto:

> Sou poeta da noite
> Ou do dia
> Do barraco humilde
> Da periferia
> Sou poeta
> E rimo em prosa e verso
> A imensidão da dor
> A lágrima que cai
> Do olhar sofredor
> Sou poeta Brasileiro
> Desse Brasil aquarela
> Que espera alcançar coisas belas
> Ah! Quem me dera
> Viver em paz
> Longe da guerra
> Sair do labirinto
> Ou romper e quebrar essa esfera
> E impor uma nova era.
> Dizer um forte não
> A toda guerra
> Erguer a bandeira da paz
> Em um mastro
> Colocar num lugar alto
> Caminhar sem ouvir "Assalto!"
> Sou poeta
> Sou homem, sou menino
> Sou um grãozinho pequenino
> Nesse imenso azul do céu

> Provei o doce e o fel
> Dessa torre de babel
> E digo a palavra certa
> Porque nasci, cresci "sou poeta"
> (N.P., 2011, p.11).

Sim, a poesia permite esse rompimento, transgressão, abertura de horizontes da palavra, que não vive aprisionada, como completa Ludimar:

> Não queiram vestir a poesia com camisa de força
> Deixem-na à paisana.
> Não lhes imponham uma farda parnasiana.
>
> Preparem-lhe passarelas festivas e democráticas.
> Permitam que desfilem por elas a coleção auto didática.
>
> Deixem fluir na sutil marginalidade a mais perfeita intelectualidade
> Imaginária ou realista. Não atrofiem o artista.
>
> Alguém sabiamente disse:
> "O que o coração não sente a mão não escreve"
> A desmenti-lo quem se atreve? (...) (MOLINA, 2011a, p. 16).

Sem dúvida, não me atrevo, e reafirmo a fala desse sábio. Como afirma Bakhtin (2003, p. 399), "o autor se encontra naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, e é na forma onde mais percebemos sua presença". O processo de autoria é singular e, na poesia, é permitido quebrar regras e, apesar das formas e rimas, romper com modelos pré-estabelecidos, colocar a própria presença na forma de apresentar o conteúdo. Processo leve? E, ao mesmo tempo, repleto de tensão.... Vejo nos versos de Fernandes Oliveira, também protagonista da pesquisa que se delineia, particularidades do processo de criação poética, que movimenta os sentidos:

> (...) rimo de modo singular
> uma pluralidade de sentidos
> há vezes que ter sentido não faz sentido,
> porém meu verso estremece o cardio,
> intumesce o lábio e o deixa parecer falho,
> mas falo de modo obtuso e análogo,
> os caminhos que percorro sozinho
> são feito campo árido
> coberto de espinhos
> e nunca houve rosas, nem dádiva esperançosa
> todas as frases se intercalam
> assim como o poeta também se calam
> à medida que o absolvem e não o absorvem
> sinto dores no peito e peço um fim
> afinal o entendimento do verso

> não passa pelo certo e errado
> muitos deles nem saíram de mim. (FERNANDES OLIVEIRA, 2011, p. 59)

Saíram de quem? De que lugar? Qual o sentido? Questões que se aproximam da proposta de pesquisa que aqui se apresenta.

****

Essa, academicamente, deveria ser uma Introdução. Será que a cumpri?

Aqui apresento o início de meu processo inicial de pesquisa e formação. E quanto ao ato de escrever que, deveria ser, na proposição deste texto, a pauta? Antes de iniciar o texto, me vi em um dilema. Escrever sobre os sujeitos que escrevem... quem? Eu? Os poetas do Sarau das Ostras? Os leitores dos textos e poemas que, inspirados por eles, põem –se a escrever também? Ou todos juntos, em palavras que se entrelaçam?

E o que dizer sobre os modos como tudo isso se compõe?

Quantos elementos compõem essa pesquisa?

Como apresentá-la?

É composta por escrita, mas também por oralidade, ritmo, movimentos, imagens.

Nela há cenários, pessoas, diálogos...

Como transpor tudo isso para a folha branca e plana do papel?

Objetivos? Métodos? Modo de analisar? E tudo o que se espera numa Introdução de trabalho acedêmico?

Qual caminho seguir?

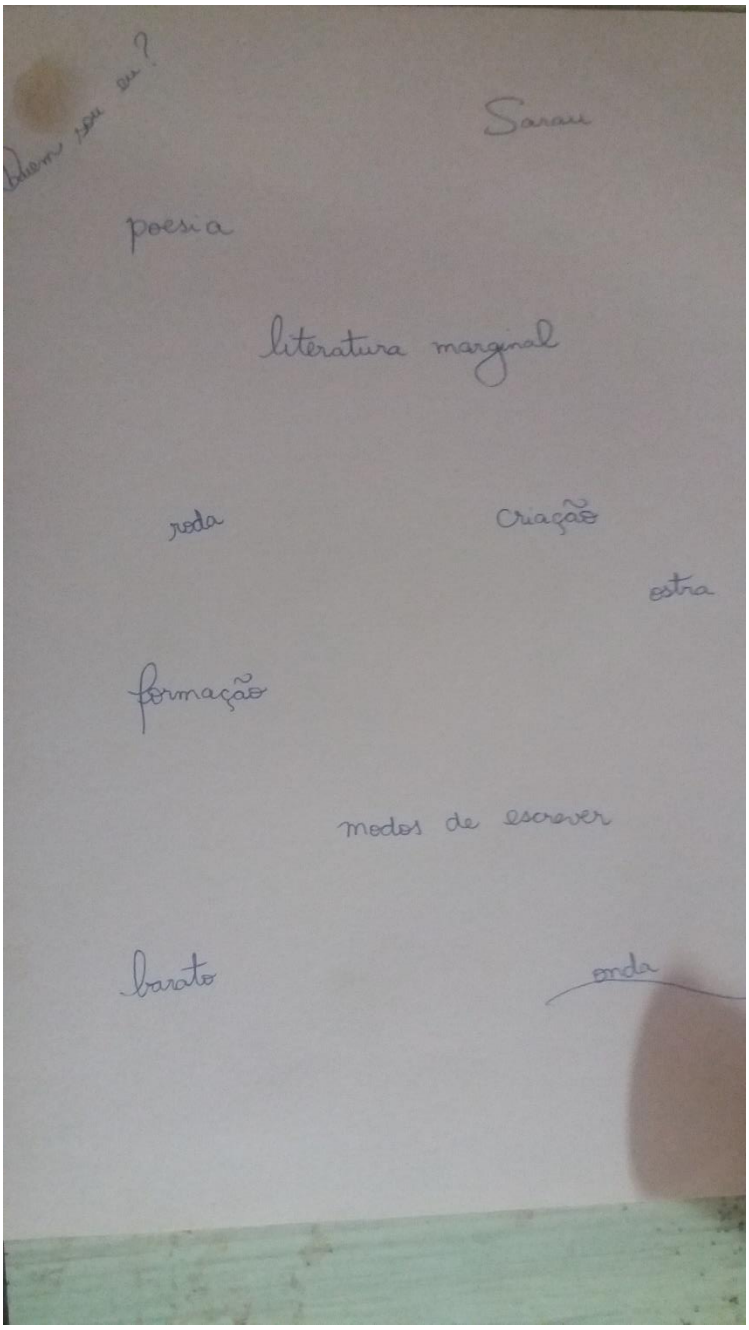
Muitas ideias passam pela minha mente antes de escrever o início dessa escrita. Tentei delinear um planejamento, algumas vezes, mas em todas elas me vi perdida por entre minhas próprias palavras. Seriam as palavras capazes de explicar o que farei aqui?

Início de 2016. Primeiro encontro do Grupo de Pesquisa.

Vou até a UNESP.

Recebo uma folha em branco. Penso em algumas palavras... em atividade do pensamento.... Escrevo-as no papel...

Figura 1: Pergunta "Quem sou eu?", seguida de 10 palavras que dizem da pesquisa

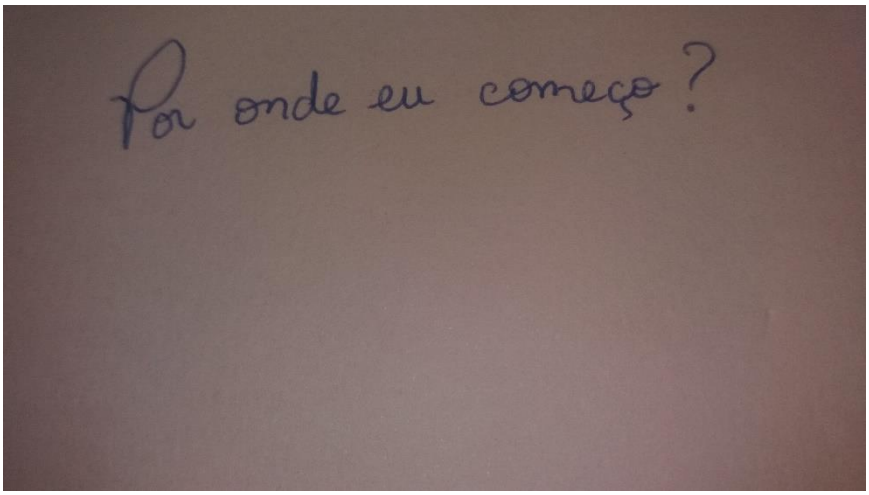


Fonte: atividade realizada pela autora, em proposta do 1º encontro de pesquisa de 2016, do Laboratório Escriarte – março de 2016.

Traço as palavras no papel. Olho para elas... O que me dizem? O quanto elas dizem da pesquisa aqui apresentada?

Segundo passo: "No verso da folha, escreva uma pergunta."

Figura 2: Que pergunta me vem à mente...



Fonte: atividade realizada pela autora, em proposta do 1º encontro de pesquisa de 2016 do Laboratório Escriarte – março de 2016.

Por onde começar?

A possibilidade que encontro, neste momento, é sair a caminhar... e ir apresentando, aos poucos, os modos de compor, o início da travessia, o processo de caminhar e os previstos e imprevistos encontrados por esse caminho.

E os objetivos, métodos, modo de olhar? Quiçá, surjam no praticar, no ato de andar...

Convido o leitor / a leitora a me acompanhar...

1. PRIMEIROS PASSOS:
DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.
MODOS DE COMPOR.

Ludimar: Um amigo meu falou uma frase um dia que aquilo me marcou tanto... eu coloquei no meu TCC: "O poema não é só aquilo que te agrada; é aquilo que te agride". Eu achei tão legal aquilo ali, ele tem que fazer pensar, tem que te cutucar, tem que te impactar, te horrorizar assim, na hora. Porque se for só coisinha melosa...

Nego Panda: O poema tem que te causar uma reação. Independente se essa reação vai ser boa. Ah, eu adorei esse poema. Ou eu odiei. Mas ele ta causando uma reação.

Ludimar: O Vieira Vivo do CPL, que fala: " Não, gente, não descreve, usa mais a linguagem, faz o pessoal entender. Lê aquela poesia sem citar quem é. Pra causar aquele: "Olha, é ela!" Um poeta conceituado foi fazer uma homenagem sobre o Michael Jackson. "Ele é um grande cantor, foi o rei do pop. " Isso aí todo mundo sabe. Isso é descrição. Faz um negócio diferente.

É que nem o Ariano Suassuna falou numa entrevista: "o pintor vai pintar um boi, e fica olhando no boi, ele faz exatamente como o boi é. Ele não criou uma obra de arte. Ele criou mais um boi. Faz um boi diferente".

Fernandes: Aí é onde eu volto e gosto dessa ideia. A minha filha não vê isso..., mas eu estava vendo o pequeno príncipe esses dias de novo com a minha filha. Versão de 1960. "O que é isso? " "É um chapéu. " "Não. É uma cobra que engoliu um elefante. " E a outra situação é aquela: "Me desenha um carneiro. " Ele desenha uma caixa. É essa a sensação. A pessoa vê o óbvio... A poesia é quando ele transcende aquele óbvio.

Ludimar: É essa a sensação. E também daquela flor, com tantas rosas que tem, mas aquela é a rosa. É como o amor...

Nego Panda: Quando você vê a literatura simplesmente como material de leitura, então essa bolacha é a bolacha, mas se você colocar num patamar de arte, aí entra uma diferenciação. Porque uma coisa é você fazer um prato, e outra coisa é você fazer uma obra de arte. É diferente. Porque quando você reproduz milimetricamente toda aquela escrita, toda aquela forma regrada e metodizada de poema, por mais bonito que seja, não é uma obra de arte. Seria como eu fazer uma paródia de uma outra música. Porque a forma já ta lá. É por isso que eu não gosto de escrever em cima de formas. Soneto, eu sei fazer soneto. Algumas coisas eu acabei escrevendo e colocando no meu blog. Eu sei fazer. Eu também faço. Publiquei o limerique. Só que o que acontece? Você pode pegar a estrutura, ela é x. Você pode usar a mesma estrutura e transformar ela em y.

(Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Como escrever um texto sobre poesia? Sobre poetas?

Um texto que provoque, que cause reações no leitor?

Que fuja do óbvio?

Que possa, assim como faz o aviador do Pequeno Príncipe, surpreender quem lê?

Que não seja aquilo que é esperado, não se prenda a estruturas e formas, que seja Arte?

Que não explique..., mas que simplesmente... leve a sentir e afetar-se....

As palavras ficam para mim, pesquisadora e autora de uma tese:

“Faz um boi diferente”!

Não escreva mais um texto.

Faz um texto diferente.

Texto poético?

Tese poética?

Como fazer? Onde buscar pistas?

Sigo em busca de pegadas... de autores que possam me auxiliar nesse desafio. Autores acadêmicos. Autores da literatura. Autores que também fizeram o que poucos ousaram fazer, na arte da escrita.

As respostas? Não as tenho. Quiçá elas surjam no processo, no fazer, no praticar.

Arrisco-me, então, ao sabor do vai e vem, por entre sensações vagas e escolhas que dão impulso às marés...

Em suma, não são "as ondas" que ele pretende observar, mas uma simples onda e pronto: no intuito de evitar as sensações vagas, ele predetermina para cada um de seus atos um objetivo limitado e preciso.

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se. A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir-se embora. Contudo, isolar uma onda da que se lhe segue de imediato e que parece às vezes suplantá-la ou acrescentar-se a ela e mesmo arrastá-la é algo muito difícil, assim como separá-la da onda que a precede e que parece empurrá-la em direção à praia, quando não dá até mesmo a impressão de voltar-se contra ela como se quisesse fechá-la. (CALVINO, 1994, p.7).

Na praia, as ondas vêm e vão, descontínuas, quebrando em meio à areia. Por entre as ondas, insistentes, lá está ela - a ostra, pequeno molusco recoberto por uma concha. Ameaçada pelos agentes externos do ambiente, poderia desistir e morrer. No entanto, tais intempéries a estimulam ainda mais e, no contato com os organismos estranhos e agressões, que poderiam tirar-lhe a vida, ela dá uma resposta corajosa: reveste o objeto estranho com sua madrepérola e o cristaliza, produzindo, assim, uma pequena joia – a pérola, que se destaca por seu brilho e se apresenta num misto de nobreza e simplicidade. Humilde espetáculo da natureza que, muitas vezes, passa despercebido aos olhos humanos. (BACOCINA, 2014[2]).

[2] Trecho do texto completo apresentado no VI CIPA – Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em novembro de 2014, próximo às areias do Rio de Janeiro.

Ambiente aberto, nas proximidades daquela praia onde a ostra se apresenta e a pérola se forma.... Algumas pessoas começam a chegar, na expectativa do que vai acontecer a seguir. Espetáculo sem cortinas.... Mais pessoas vão se juntando e, outras, passantes, olham com curiosidade para o cenário que começa a se desenhar. Vão se organizando numa roda quando, ao centro, ele aparece: o poeta. Com voz forte, começa a declamar, recitar palavras que soam em tom de revolta e, ao mesmo tempo, defendem uma sociedade mais justa e feliz. Outras quatro vozes vão se unindo à primeira, como se continuassem a ideia anterior. Uma palavra puxa outra e, na plateia, desperta-se também o desejo de trazer novas palavras ao diálogo dinâmico e provocativo que se propõe nesse jogo de vozes e movimentos que ali se delineia.
Os poetas, cada um ao seu modo, passam uma sensação de liberdade ao público ali presente. Trazem consigo, assim como as ostras ali da praia, as intempéries que a vida, com todas as suas condições e injustiças sociais, foi lhes causando. Poderiam desistir, partir para outros caminhos que o mundo lhes oferece. Mas preferem seguir o exemplo daquele pequeno molusco que lhes serve de inspiração: cristalizam suas lágrimas, transformam-nas em pérolas; seus sentimentos viram palavras e, as palavras, poesia. Poesia viva, vibrante, não mais solitária, que encontra nos amigos do grupo e nas leituras que fazem a companhia necessária, o ponto de apoio para o cultivo de suas joias.
As pessoas, muitas delas turistas, continuam a passar e a observar. Algumas apenas olham e seguem seu caminho, outras param para ver e escutar. Para alguns desses espectadores, as palavras que se escuta encontram eco em seus pensamentos e sentimentos, ganham vida, são (re) escritas em outras palavras. Fica o convite para que eles possam voltar e, mais uma vez, suas ideias compartilhar. (BACOCINA, 2014[3]).

[3] Trecho do texto completo apresentado no VI CIPA – Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em novembro de 2014, próximo às areias do Rio de Janeiro.

Um modo de olhar / fazer pesquisa / investigar. Como ler uma onda?

> *Se então considerarmos cada onda no sentido de uma amplitude, paralelamente à costa, será difícil estabelecer até onde a frente que avança se estende contínua e onde se separa e se segmenta em ondas autônomas, distintas pela velocidade, a forma, a força, a direção.* (CALVINO, 1994, p.7).

No pequeno conto de Ítalo Calvino (1994), o sábio Palomar observa o mar. Talvez muitas ostras o habitem, mas esse não é o foco de seu olhar. O que ele busca é o movimento das ondas, ou melhor dizendo, a produção de uma onda. Como conseguir tal façanha, se há tantos movimentos envolvidos nessa produção? Se cada onda que se forma está envolvida com outras ondas que a acompanham dinamicamente? Se quando o olhar capta tal movimento, o mesmo movimento se desfaz?

> Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e sequências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. (CALVINO, 1994, p. 8).

Tal como Palomar, pesquiso o espaço de criação e busco a linguagem poética nos processos de cada um dos sujeitos-protagonistas desta pesquisa. Poetas.

Para cada um / cada uma, um modo de olhar, algumas palavras.... Posso falar sobre cada um deles ou pedir para cada um se apresentar...

E ao modo de apresentação, mantenho suas palavras, que muito dizem sobre si mesmos e sobre como se encontraram com a palavra escrita.

Poetas se apresentam[4]

À **Ludimar,** conheci em 2010, por entre as carteiras da sala de aula, quando fui professora de uma faculdade de Pedagogia, que a mesma concluiu no ano de 2012. Aos 59 anos

[4] Os poetas, em TCLE - Termo de Ciência Livre e Esclarecido, elaborado para o Comitê de Ética, registraram o modo como gostariam de ser apresentados. Optaram pelo nome próprio que utilizam artisticamente, sob a justificativa de que o modo de literatura que produzem pressupõe a identificação de quem cria / escreve.

de idade, ela realizava o sonho de cursar o ensino superior, após ter concluído o ensino fundamental e médio na Educação de Jovens e Adultos e após passar muitos anos escrevendo poesias e, de forma autodidata, estudando Língua Portuguesa. Muito me surpreendeu a força da escrita de seus poemas.

Ludimar: As circunstâncias em que eu comecei a escrever... foram bem na escola primária. Na escola primária o que eu mais gostava? Descrição à vista da gravura. A gente entrava na sala de aula e tinha uns cavaletes com umas figuras enooormes. E todo dia que a gente entrava lá a professora virava naquela página. Era o que eu mais gostava. Até um dia a classe inteira deu risada de mim porque eu falei que tinha um enorme cachorrinho. Aí eles me corrigiram que não podia ser um enorme cachorrinho, mas daí eu falei que era enorme no amor que eu sentia por ele. Era o que eu mais gostava de escrever do 1º ao 4º ano.

(...)

Aí eu comecei a gostar muito de escrever, na minha casa ninguém lia nada, às vezes minha mãe lia e até criticava alguma coisa que eu escrevi e às vezes eu estava no serviço e eu começava a escrever o que estava acontecendo no próprio serviço. Então eu falava: "Ah, eu estou aqui aproveitando esses momentos de folga", ficou um diário e comecei a escrever todo final do dia tudo o que eu tinha feito... Aí passava um dia e eu voltava lá.

(...) Foi quando eu percebi que a maioria das coisas vinham assim rimadas e aí comecei a me pegar a isso: já que ta vindo tudo rimado eu vou começar a fazer. Mas elas, coitadinhas, tiveram que ficar na gaveta muito tempo porque não tinha como mostrá-las pra ninguém, eram 25 na gaveta, mas dentro da minha cabeça eu pensava rimado(...)

A gente tem a Roda Literária, que eu sou da Casa do Poeta. No começo quando eu comecei a frequentar a Casa do Poeta era o Café Poético, até ficava um nome mais sugestivo que uma roda literária. Eu comecei a frequentar em 98 e quando eu comecei a frequentar eu me encantei, ali vinham uns poetas de São Paulo, comecei a tomar conhecimento dos poetas daqui e era uma coisa muito rica, ali tinha textos teatrais, performances teatrais, tinha coral. Agora tem a roda literária. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 2º encontro. 19/10/2013).

Um enorme cachorrinho...

A maioria das coisas vinham rimadas...

Tiveram que ficar na gaveta...

Roda Literária... Casa do Poeta... Café Poético...

Quando comecei a frequentar, me encantei...

Era uma coisa muito rica...

Influências:

Me influenciei muito no Manoel Bandeira, sempre gostei muito das coisas que ele falava, do Augusto dos Anjos por causa dessa coisa de trazer pra poesia a anatomia, o corpo, de pensar que o nosso corpo não é só aquela coisa bonita, a gente vai apodrecer, tem o do Vinicius de Moraes que é aquele amor mais louco. Tem o meu amigo Roberto Massoni, professor, escreve, ele viaja, na mesma poesia ele vai do James Jinn ao Einstein, nas pinturas de Salvador Dali, que tem a loucura, das pinturas do Van Gogh... me davam uma melancolia

tão grande, uma tristeza, não sabia explicar porque aquela tristeza do Van Gogh, aqueles girassóis, no cubismo do Pablo Picasso

Eu me influenciei, eu gostava muito de ler, mas eu não gostava muito dos livros que eram melosos, poesias melosas, as coisas... sei lá... muito românticas, não do movimento romantismo, do romântico amor assim, eu percebi que disso aí eu não gostava muito. Eu gostava mais das coisas de reflexão, como motivo, você sabia o que você estava refletindo, não tava mexendo com você, mas mexendo com seus sentimentos e eu queria uma reflexão de forma sinistra que pegasse mesmo, uma coisa bem surreal, com aquela reflexão você viajasse. (...) e no começo que eu comecei a escrever eu falava muito de mim, eu tinha uma necessidade tão grande de falar de mim, só que eu falava como se eu fosse do sexo masculino, talvez pela repressão que eu não podia fazer nada, mulher não podia fazer nada, eu achava que eu tinha que me impor como uma pessoa masculina, depois eu achava que as pessoas não me compreendiam, então eu comecei a passar pro papel, eu falei muito de mim dos meus medos, das minhas fobias, dos meus pânicos, das minhas tristezas, aí essa fase passou um pouco; agora eu decidi falar de tudo, apesar que em tudo tem um pouco de mim (...) agora eu to mais eclética, mais universal, acho que tem que falar de tudo, porque você ta em tudo e tudo tá em você . (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 2º encontro. 19/10/2013).

Pensar o nosso corpo em Augusto dos Anjos...

Amor mais louco de Vinicius de Moraes...

Loucura de Salvador Dalí...

Tristeza de Van Gogh...

Não gostava dos livros que eram melosos...

Queria uma reflexão de forma mais sinistra...

Surreal...

Falei de mim, dos meus medos, das minhas fobias, dos meus pânicos, das minhas tristezas...

To mais eclética.... falar de tudo... você tá em tudo e tudo tá em você.

Poeta Fernandes,

Seguia Fernandes no caminho
E Drummond lia
No caminho lia Fernandes
Drummond e seguia
Drummond Fernandes lia
E no caminho seguia

Nunca esquecerei este dia
Em que no caminho que nada havia
Fernandes seguia
E nada via
E Drummond lia
De repente uma pedra.
(FERNANDES OLIVEIRA, 2011, p. 43)

Conheci Fernandes em 2011, numa roda literária da qual participei com os estudantes de Pedagogia.

Poeta dinâmico. Principal divulgador do grupo e dos eventos nas redes sociais.

Nascido na Praia Grande há 35 anos. Começou a escrever poesia por influência da escola, entre a 7ª e 8ª série, quando foi premiado por alguns poemas que escreveu:

Fernandes: Foi na 7ª série... 7ª pra 8ª... 8ª série, eu tinha 14 anos e aí tinha, foi em 93.
"Vamos passear no parque, ho, deixa o menino brincar".
Aí eu ouvia isso no rádio e eu ainda não sabia o que era.
E aí eu fiz uma paródia:
"Vamos todo mundo pra escola ho. Fim de semana jogar bola. "
Eu ainda não sabia o que era aquilo que tava tocando no rádio. Aí eu fiz uma paródia na escola e acabou que era pra fazer uma poesia e eu não consegui fazer até o final e acabou assim:
"não dá pra chegar no final porque está tocando o sinal"
e ganhei prêmio com isso na escola. E aí eu falei: "cara, esse negócio de fazer poesia é legal! " Aí depois veio "droga é uma droga" que ficou uma droga, mas ficou legal também... na época, 14 anos. Aí eu falei: "Cara! Dá pra você expor as suas ideias em forma de poesia." Foi aí quando eu comecei a descobrir. Uma era uma paródia e a outra era que droga é uma droga. Foram duas poesias que deram um supetão assim pra mim. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Ouvia isso no rádio e ainda não sabia o que era...

Dá pra você expor as ideias em forma de poesia.

Comecei a descobrir...

Influências

E influências vieram depois, que com o Ensino Médio a gente começa a estudar os autores da própria literatura portuguesa e a brasileira e a gente vai pra Camões, passa um pouco em Gregório de Matos, vou passear um pouco em Gil Vicente, dou uma passeadinha de leve no cara dos 100 sonetos, o Bocage. E Bocage já não soa nos poemas que eu mais gosto, porque ele nega tudo aquilo que afirma o que ele é, é um soneto. E foi quando eu me prendi aos sonetos... fiz quase 100 sonetos em um ano, era quase um soneto a cada três dias, foi quando eu fui participar da Casa do Poeta pela primeira vez e mostrei um soneto que eu havia feito. Eu tava preso porque tava lendo muito os antigos, clássicos. Essa linha antiga. Depois veio o Modernismo, algumas inspirações. Quando eu conheci... tive o meu encontro com Drummond e com Fernando Pessoa, foram duas paixões, e aí eu esmiucei nos próximos dois anos lendo tudo sobre eles. E com o advento da internet foi quando eu pude buscar e caí de cabeça neles. Drummond e Fernando Pessoa, foram os dois ícones. Aí tem um pouco de Augusto dos Anjos, mas esses dois assim são mais presentes. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Ensino Médio... literatura portuguesa e brasileira...

Quase 100 sonetos em um ano...

Modernismo, algumas inspirações.

Encontro com Drummond e com Fernando Pessoa.

Nego Panda

Conheci Nego Panda em 2012, como aluno do Curso de Pedagogia. Já havia conhecido seu trabalho na roda literária da qual participei com os alunos há um ano. Ao final de praticamente todas as aulas, ele me procurava para discutir modos de escrever poesia.

Nego Panda: Gosto que aparece o Nego Panda ou NP porque eu me identifico. E muitas pessoas não sabem meu nome.

Eu comecei a escrever quando eu tinha 12 anos de idade. Eu comecei a escrever através das histórias em quadrinhos, de super-heróis. Quando eu morava na Cohab a gente tinha um grupo de amigos (...) e a gente ficava criando as histórias de super-heróis, criava os personagens, criava as histórias, ficava lendo para a molecada da rua. Daí eu comecei a desenvolver minha escrita. Escrever mais...

Minha mãe escrevia poesia. Minha irmã Goreth que faleceu recentemente escrevia poesias, escrevia contos. Comecei com 12 anos e nunca mais parei de escrever. E fui escrevendo escrevendo escrevendo... Estou escrevendo até hoje.

(...)

Eliane: E você só escreve rap ou também escreve outros gêneros?

Nego Panda: Escrevo rap, escrevo rock, escrevo blues, escrevo samba, escrevo jazz... risos... tudo dentro do contexto social, contextualizado na questão...

Fernandes: E de amor? Já fez declarações?

Nego Panda: Tenho. Já fiz declarações sim. Claro que já fiz declarações... Todos os sambas que eu escrevi, 99,9 % dos sambas que eu escrevi falam de amor...

Eliane: E o samba, quem te influenciou?

Nego Panda: Em casa minhas irmãs sempre ouviram samba, meu irmão mais velho...

Eliane: Que tipo de samba?

Nego Panda: Fundo de Quintal, Beth Carvalho.

Nego Panda: Tem uma letra minha que eu canto com o moleque, é assim:

"Quem acha que eu não sou um moleque atrevido

Nunca colou no samba, nunca andou comigo.

O samba me acompanha desde os tempos de infância.

Quem dança, dança. Quem não dança segura a criança. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Grupo de amigos...

Criando histórias de super-heróis.

Mãe escrevia poesia. Irmã escrevia contos.

E fui escrevendo...

Dentro do contexto social.

Samba... falam de amor.

Influências

Nego Panda: Eu leio muita coisa. Tem muita coisa pra gente ler e que a gente diz "isso me toca". Recentemente eu estava vendo um documentário sobre poesia, sobre o Miró, do

Recife e ele tava com uma camisa que tinha uma frase muito show de bola. A frase é "Merece um tiro o homem que inventou a bala." Uma outra frase dele que eu achei bastante interessante: "Deus é grande e o diabo tem 1,80m". Tem muitas coisas que no mais inusitado você acaba se identificando.

Eu leio bastante coisa, leio conto, leio literatura fantástica, mas eu gosto muito do Sérgio Vaz, o vira-latas da literatura, gosto do trabalho apresentado pelo Alessandro Buzo. Ultimamente eu estou não tão focado no pessoal da literatura periférica, mas eu gosto muito de ler e de buscar algumas assim... inspirações, coisas que você fala "caramba, eu tinha um texto parecido com isso e acabou indo pro..." e aí cê vê num texto e o cara trazendo como marketing, como foi o caso do Renan que usou a mudança. Na abertura do meu livro eu falo que o ser humano vive em busca da mudança. Aí o cara pegou a palavra mudança e o cara conseguiu pegar uma simples palavra e reverter e transformar em todo um...

Fernandes: Contextualizou

Nego Panda: Contextualizou num movimento cultural numa simples palavra. Aí você fala: "Caramba, o menino é bom demais", entendeu? Péricles Arruda, Vulgo Elemento, Sacolinha, Jéssica Balbino, gosto bastante das coisas que ela escreve. Ela é inteligente, jornalista... Leio Fernandes Oliveira, Ludimar, Celso Correa de Freitas, o Celso escreve bastante coisa bacana, tem um senso crítico...

Fernandes: Muito político.

Nego Panda: Muito forte, o Tubarão do Lixo.

Fernandes: O Tubarão gosta de atacar as pessoas... rs. Não as pessoas, mas o comportamento que elas têm...

Nego Panda: Mexe muito, com as pessoas, com o comportamento que elas têm. Faz você pensar "aquele papel de bala que eu joguei no chão, por que que eu fui jogar aquele papel de bala no chão? ", essa questão ecológica.

Racionais.... Quando eu comecei a escrever rap o auge era Racionais, Taíde e eu disse: "eu tenho que cantar rap". O que me influenciou no começo foi o rap e o samba. Escrevia letras de samba, mas escrevia rap e cantava rap. O rap é o forte... Dizer uma frase que é chavão de um monte de gente: "O hip hop mudou minha vida". A partir do momento que eu conheci o hip hop eu passei a ver o mundo de uma forma diferente.

Eliane: Que legal! E tem o Patativa também, que eu lembro que no ano passado você falava dele? É que a gente conhece, porque vocês não contam tudo pra gente... risos...

Nego Panda: Patativa é incrível. "Seu Dotô"... – é que eu não sei nada do Patativa assim pra declamar. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

No mais inusitado você acaba se identificando.

Gosto de ler e de buscar algumas coisas... inspirações...

Movimento cultural.

Cantar *rap*. Conheci o *hip hop*.

Passei a ver o mundo de uma forma diferente.

RO3P

Conheci RO3P em uma apresentação do grupo Sarau das Ostras para meus alunos do curso de Pedagogia (ano de 2012). Voz e presença forte.

Participante do grupo, tem 32 anos e nasceu em Praia Grande. Diz não ter recebido influências da experiência escolar, mas, assim como Nego Panda, do contato com o *rap*. Codinome: Pelé.

RO3P: Meu nome é Péricles Nascimento Félix Silva, tenho 32 anos e pode me chamar de Pelé, pode colocar Pelé, ou não, melhor, Péricles Nascimento.

Nasci em Praia Grande.

Eliane: E a primeira coisa é 'como foi a sua trajetória de escrita, como você começou a ler, a escrever, a se interessar por poesia'.

RO3P: Eu costumo falar que foi depois de velho...

Eliane: Velho quando? Rsrs... Que idade que é velho?

RO3P: A paixão pela escrita foi muito pouco de ler assim, até hoje. Antes quando eu era mais novo eu não lia por não ter tanto interesse de leitura porque na escola a gente não tinha incentivo de professor algum pra poder ler. Não tinha... E hoje atualmente eu não leio tanto por falta de tempo. Muita responsabilidade... agora pai de família, então, infelizmente a gente tem que deixar de priorizar algumas coisas e ter que fazer outras que as responsabilidades mandam, aí eu não tenho o costume tanto de ler. A minha participação no movimento hoje na literatura foi por conta do Fernandes, do Panda. Comecei a escrever rap, fazer rap em 96 e automaticamente o rap me forçou um pouco a ler também. Por mais que eu leia pouco a gente tem que procurar estar se informando, por causa da nossa escrita, o que a gente escreve é a nossa vivência, então adquirindo informação, conhecimento ajuda mais ainda.

(...) Escrevo mais letras de rap, os poemas surgiram... em muitos saraus que a gente participa eu recito minhas próprias letras e apenas eu vou adaptar elas da forma pra interpretar, é mais a interpretação... agora, poesia, poesia escrita mesmo a que eu tenho só foi mesmo a Crônica que A a Z. Foi a única poesia que eu escrevi de verdade. Agora as demais, a Milhares, O barato é louco são músicas minhas, eu apenas vou adaptar elas ao formato de recitar poema pro povo entender. Mas poesia a minha única foi Crônicas de A a Z mesmo. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 2º encontro. 19/10/2013).

Na escola a gente não tinha incentivo de professor algum pra poder ler.

O *rap*

me forçou a ler um pouco mais.

O que a gente escreve é a nossa vivência.

Músicas minhas, eu vou adaptar ao formato de recitar poema.

Pro povo entender.

O barato é louco.

Influências

Eu gosto de ler muito livro de poesia e crônicas. Eu passei a ler um pouco a partir do momento que surgiu mais sobre a literatura periférica, porque querendo ou não eu não via algo assim... alguma coisa que... alguém que falava sobre o meu mundo. Embora tinha, mas eu não conhecia... tinha o Castro Alves, tinha.... Hoje eu vejo muitos poetas da literatura periférica que falam nomes de poetas, escritores que já falavam sobre o mundo que a gente

vive, mas de outra forma, mas eu não conhecia, até hoje eu não conheço muita gente, mas eu gosto de ler, quando eu tenho tempo, mais livro de crônicas e poesia. Eu gosto mais.

Eliane: Algum autor?

Pelé: Tem. Tenho. Panda, Fernandes, Dona Ludimar, Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, que eu já li um livro dele e eu gostei, gostei do livro do meu chará que é o Vulgo Elemento, que é o Daniel Péricles. Poucos, não tenho tantos pra citar porque eu li muito pouco. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 2º encontro. 19/10/2013).

Alguém que falava sobre o meu mundo.

Abel

Abel: Eu escrevo desde os 13 anos de idade, escrevo rap e pra mim foi uma porta a mais pra eu poder estar articulando as coisas que eu componho. Muita coisa que a gente não consegue passar pela música, passa pela literatura, pelo sarau.

Eu posso escrever qualquer tipo de coisa, só depende da expressão. O que me der na telha de escrever eu escrevo.

Eliane: Tema?

Abel: O que eu gosto muito é falar mais do sentimento, não só do amor, mas a solidão... qualquer outra coisa que eu esteja sentindo no momento, eu escrevo. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 3º encontro. 23/02/2014).

Vi Abel pela primeira vez em um evento de poesia, a Roda Literária, em 2011. Despertou minha atenção o modo como ele chegou, encontrou uma cadeira vazia, um lugar na roda, abriu um caderno em espiral e começou a escrever, de forma compenetrada. As leituras e declamações de poemas aconteciam ao girar da roda e, quando chegou sua vez, ele abriu o caderno e leu o poema. Seria aquele que ele havia acabado de escrever? No momento da conversa poética com ele, vi a oportunidade de satisfazer a curiosidade.

Abel: Todo sarau que eu vou eu levo o caderno. Já tem coisas escritas e eu acabo escrevendo na hora pra eu não esquecer. Aí eu olho e falo, não quer dizer que eu chego lá e faço na hora. Todo mundo acha isso. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 3º encontro. 23/02/2014).

Em conversa com o grupo, vem à tona um de seus textos que, segundo os colegas, a cada vez que ele declama, tem algo novo. Algo como um poema que não quer terminar.

Abel: A 'Egos e ambições' era uma letra de rap que eu havia feito, coisas que você passa e que você almeja ao mesmo tempo e ao mesmo tempo não é nada disso, às vezes conforme uma ambição que você tem eu tenho até vontade de continuar como se fosse o homem da estrada, até então a minha vida é simples era uma parte da 'Egos e ambições' que eu tinha feito e depois eu resolvi cortar... (...). É uma poesia que eu procuro não repetir as palavras. (...) uma vez que eu estava conversando com o Pelé e falei: 'Tive uma ideia, eu vou fazer um disco, fazendo assim, começando saindo de casa... cada faixa vai ser contínua da outra sem parar, sem parar e sem repetir nenhuma coisa e vai trocando as faixas, mas vai continuar, vai voltar, sem refrão, sem nada...'. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 3º encontro. 23/02/2014).

Caderno: presente.

Vontade de continuar como se fosse o homem da estrada.

Poesia: eu procuro não repetir as palavras.

Sem parar e sem repetir nenhuma coisa.

Influências

Abel: Influência que eu tive foi do meu pai, meu pai sempre sonhou em ser escritor, ele acabou deixando esse sonho de lado e acabou morrendo com ele. Eu, como já tinha passado muita coisa com ele, muitas desavenças que eu tinha, escrevendo foi um meio pra eu estar me comunicando.

Meu pai escrevia poesia, apesar que ele não deixava a gente ver nada, ficava tudo escondido. A gente pegava um caderno, uma coisa pra ver..... (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 3º encontro. 23/02/2014).

Influência do meu pai.

Sempre sonhou em ser escritor.

Ele acabou deixando esse sonho de lado.

Escrevendo foi um meio pra eu estar comunicando.

****

Aqui estão os poetas. Como olhar para eles individualmente? Capturar cada onda?

Ler as falas de cada um / cada uma e destacar pontos que me afetaram.

Cada um, uma história. Tão diferentes. Singulares.

No entanto, a complexidade da teia em que me encontro exige outros modos de olhar para a temática a que me proponho, que "escapam" da visão cartesiana que muitas vezes se tem da pesquisa acadêmica. Muitas vezes tenho a mesma sensação do senhor Palomar, quando organiza suas observações minuciosamente e, de repente, vê as mesmas certezas se dissolverem, tal qual a onda do mar... "É pena que a imagem que o senhor Palomar havia conseguido organizar com tanta minúcia agora se desfigure, se fragmente e se perca. Só conseguindo manter presentes todos os aspectos juntos, ele poderia iniciar a segunda fase da operação: estender esse conhecimento a todo o universo". (CALVINO, 1994, p. 11).

Aspectos impossíveis de se juntar, devido à dinâmica, ao movimento, tenso e intenso, que se apresenta. Pois as ondas se encontram, se misturam, se configuram de tal forma, que não se mostra apenas uma onda de cada vez. Elas criam movimento. Tal qual os encontros dos poetas que, ao apresentarem-se, apresentam uns aos outros.

LUDIMAR CONTA COMO CONHECEU O POETA FERNANDES E OUTROS COLEGAS

Ludimar: O Fernandes eu já conhecia desde 97. Até... posso contar aquela historinha lá? A forma como eu conheci o Fernandes, me fez sentir que ali ia sair uma grande amizade. Da minha parte eu fiquei até meio revoltada, mas aí é o exemplo da pérola. A gente se encontrava, ainda não existia a biblioteca Porto do Saber, e a gente se encontrava em uma biblioteca bem pequenininha aqui no Boqueirão. Até o nome dela nos incomodava: era Emílio Garrastazzu Médici. E era uma época em que fervia de poetas.... Vinha gente de São Paulo. Era Café Poético. O presidente era Walter Rossi, grande poeta já falecido. Era assim de 100, 150 pessoas. Depois trocou de presidente, deu uma caída...mas ia muita gente. E tinha muitas senhoras naquela reunião daquele dia. E a porta de vidro da biblioteca ficava aberta. E eu lembro que apareceu um garoto, um garoto ali de chinelo havaiana, bermuda, camiseta, bem simples, e ele encostou na porta de vidro, e aí as senhoras se assustaram. Foi um tal de esconder bolsa, de se ajeitar.... Aí o presidente também olhou e fazia pra ele assim: "O que que você quer? O que que você quer? " Aí as mulheres: "Fecha a porta. Fecha a porta. Fecha a porta. " Daí eu falei pra uma delas: "Pergunta o que ele quer, né?" Porque como era um espetáculo pro público. Aí o presidente foi lá e perguntou e ele todo humildezinho, falou: "Não, é que eu li no jornal que aqui tinha um Café Poético. E eu vim aqui assistir..." Ele entrou, mas meio que receoso, a turma muito receosa. E a Dona Graziela, que era uma das fundadoras da Casa do Poeta, historiadora, folclorista, professora... todo mundo foi lá falar poesia. E a gente lembrou: "E você, quer falar uma poesia aí? " Ele foi lá e abriu o papelzinho e devolveu com luva de pelica, porque ele leu um soneto maravilhoso... E todo mundo: "É da sua autoria? " Pediram pra falar mais um. A Dona Graziela ainda brincou: "Nossa! É o Castro Alves da Praia Grande". Aí todo mundo foi se achegando nele. No próximo encontro ele veio. Foi quando que ele com toda a humildade, botava aquele pessoal todo intelectual, ele botava todo mundo no chinelo... as letras dele. Aí ele foi fazendo parte, fazendo parte e a gente é amigo até hoje, há 16 anos. Mais recentemente conheci o Nego Panda. Um baita escritor, escreve pra caramba, puxa minha orelha quando precisa. O Pelé também foi nessa época. Eles são mais recentes, mas a intensidade é a mesma. Agora, o Fernandes é como um filho. Tem até a idade do meu filho. Eu acho eles assim... eu acho eles muito simples, humildes, mas de uma grande capacidade. Eles têm o que mostrar, na simplicidade deles, na humildade.... Eles sabem que têm o que mostrar... quando eles chegam é porque alguma coisa boa vai sair. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Porta de vidro da biblioteca ficava aberta.

Ele encostou na porta de vidro.

Entrou, meio que receoso.

Abriu o papelzinho

Aí ele foi fazendo parte...

Episódio de um encontro.

Encontro que vira poesia.

Poeta
Eu me lembro bem do dia em que o conheci.
Homem-menino chegando por ali.
Lá dentro a cultura fervilhava.
Intelectualidade se manifestava.

Parado na porta esperando o convite que não chegava.
A porta ameaçando ser fechada antes da sua entrada.
A poesia sentiu muita dor no seu peito
ao notar indícios de preconceito.
Valeu o bom senso e o menino entrou.
Sob olhares reprovadores um cantinho procurou.
Durante todo o tempo não se manifestou.
Quase no final da reunião alguém vem a sugerir
que a poesia do menino se pudesse ouvir.
O menino se agiganta. A plateia se encanta.
E com palavras rebuscadas, tímido, mas sem medo,
o poeta declama seu maravilhoso soneto.
"Que lindo! " Todos dizem – quem foi que escreveu?
E ele a todos explica: Este soneto é meu...
Entre aplausos e comentários o poeta, todo feliz,
Atendendo a pedidos na poesia faz um bis.
Vai embora o menino, fica o encantamento
tomando conta do lugar.
Vai embora o poeta pra logo retornar.
Desde esse dia os Cafés Poéticos, as Tertúlias, os Saraus,
nunca mais foram os mesmos.
A cada dia que passa o poeta mais encanta.
Solta o grito da garganta e as plumas do coração.
Dá voz à periferia, sutiliza o romantismo,
encanta o parnasianismo, renova o simbolismo,
revigora o modernismo.
Eu sigo suas pegadas. Vou colhendo encantamento.
Poeta Fernandes, eu lhe agradeço cada momento
que pude estar ao seu lado.
Meu respeito e minha amizade por você são verdadeiros.
São meu tesouro guardado. (MOLINA, 2014, p.46-47);

O poeta, todo feliz,

Na poesia faz um bis.

Fica o encantamento.

Grito da garganta. Plumas do coração.

Sigo suas pegadas.

Tesouro guardado.

POETA FERNANDES CONTA COMO CONHECEU NEGO PANDA

Fernandes: Vou falar agora de um lado inverso. Ela já contou como me conheceu e eu vou agora contar como conheci o Panda. Nos idos de 2004, a febre era o Orkut. E eu tava ali, eu e o Mário. O Mário era um amigo meu. Eu não manjava nada de informática na época. E: "Mário, eu quero fazer a comunidade dos poetas de Praia Grande". Eu fiz a tal comunidade do Orkut de poetas de Praia Grande. Aí comecei a convidar o pessoal pra escrever, jogar lá os textos como era no Orkut e aí do nada já tinha 200 pessoas. Criei e falei: "Caramba, Mário. O negócio ta bombando aqui." Passou um tempo, 2005, 2006 e apareceu um tal de Nego Panda, começou a escrever uns textos na comunidade do Orkut. E eu tinha o Café Poético, em

2006, e eu falava pra ele: "Vai ter uma reunião da Casa do Poeta". O Geraldo Costa era presidente. "Oh, aparece aí. Aí passou 2007". Teve a mudança de presidência da Casa do Poeta e uma certa revolução até na grade de apresentações e de eventos. A gente criou o Sarau dos Pensadores, criou a Roda Literária posteriormente. Numa dessas rodas literárias aparece o Nego Panda depois que a gente tinha apagado a luz. Risos.... Por que ele apareceu? O Pelé era um cara que trabalhava aqui no Boqueirão e falava assim. Eu sempre ia lá bater um papo com o Pelé sobre música, e ele sabia que eu escrevia e falava: "Cara, cê tem que conhecer o Nego Panda". Aí eu falei: "Eu conheço o Nego Panda. É um cara lá do Orkut". Só que eu não conhecia ele pessoalmente. Aí apareceu esse cara, no final de uma roda literária com um encadernado na mão, um espiral. Do mesmo jeito, talvez, que eu fui tratado, trataram o Nego Panda. "Oi, meu nome é Nego Panda. Fiquei sabendo aqui pelo convite do Fernandes..."

"Oh, Nego Panda! É você que é o cara da internet? Manda aí um verso pra gente. " Ele mandou assim de corredor, porque a gente tava mesmo saindo e a gente se reunia aqui no prédio da (rua) Jaú. Ele tava com o encadernado. Eu comprei o encadernado dele que era a base do livro que ele laçou posteriormente, do qual eu diagramei. Olha só como dá volta assim... Conheci ele nesse dia e no final da Roda Literária ele lança esse texto.

No mês seguinte a gente ia ter o 14º Sarau dos Pensadores na Sociedade de Amigos Guilhermina, um bairro próximo. A gente tava lá reunido e chegou o Nego Panda. E eu já falei: "Esse cara tem que falar. Esse cara tem que entrar na apresentação". E foi a primeira apresentação para o público da Casa do Poeta. 14º sarau, a gente tá falando já em 2008. E hoje assim... a gente fortaleceu os laços de amizade. A forma como a gente se conheceu e a forma como.... Do mesmo jeito que ela me abraçou, me deu uma oportunidade dentro de um grupo que num primeiro momento me achou: "Ah, quem é esse cara aí...", talvez eu vi ele e me vi como tinham me visto 11 anos antes. Eu vi ele na mesma situação que eu passei, assim, ta entrando num grupo novo e o pessoal olhar com certo receio, até pelo tipo de texto que ele tava apresentando. Mas eles já haviam passado por isso. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Comunidade dos poetas de Praia Grande.

Apareceu um tal de Nego Panda.

Depois que a gente tinha apagado a luz.

Com um encadernado na mão. Um espiral.

Esse cara tem que falar.

Fortaleceu os laços da amizade.

Ele na mesma situação que eu passei.

NEGO PANDA CONTA COMO CONHECEU RO3P E ABEL

Nego Panda: O que eu posso falar é da forma como eu conheci o Pelé e o Abel. Eu conheci o Pelé era molequinho, tinha o quê? Tinha 6 anos de idade. Eu sou 5 anos mais velho que ele... vim pra Praia Grande com 11, fui morar na Cohab. Conheci o Pelé molequinho, quando vim pra cá. Meu contato era maior com o irmão dele. Quando o Pelé começou a cantar rap a gente começou a ter uma aproximação maior. De uma certa forma os grupos de referência da minha época eram o Sindicato do Rap, Ruídos, ... a gente começou a ter essa maior aproximação e como a gente se conhecia de moleque a gente só fortaleceu e juntou o laço. O Prefixo, que é o grupo do Abel eu conheci através do Pelé. Em eventos. O Pelé falou:

"Tem uns moleques aí que faz um rap." Você olha pro Abel e não dá nada. Aí quando ele abre a boca pra cantar é um vozeirão. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Pelé começou a cantar *rap*.

A gente se conhecia de moleque.

Fortaleceu e juntou o laço.

ABEL CONTA COMO CONHECEU RO3P, PANDA E FERNANDES

Abel: O Pelé eu já conhecia do meio do rap, o Panda também por meio do rap e o Fernandes conheci porque ele já tinha ouvido alguma coisa minha, ocasionou da gente conversar, mas entre eles eu já conhecia antes por meio do rap. O Péricles tem o grupo dele chamado RO3P e se acolheu com o meu grupo que se chama Prefixo 13 e já conhecia o Ruídos Negros do Panda, e como a gente já se conhecia de longa data, a gente foi se articulando.

Nesse grupo são os meus amigos do peito. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 3º encontro. 23/02/2014).

Já conhecia do meio do rap.

Se acolheu com o meu grupo.

Amigos do peito.

RO3P CONTA COMO CONHECEU NEGO PANDA E COLEGAS

O Panda me conhece desde pivete, andava muito com o meu irmão, ia pro baile com o meu irmão. Quando eu comecei a me envolver com o hip hop, com o rap em si, o Panda já cantava e foi aí que despertou o dom da escrita, eu comecei a escrever, a gente já tinha uma proximidade de longos anos. Aí quando o Panda veio com a ideia ele falou assim: 'Negão, eu to com um projeto, cara, aí de fazer um sarau. ' Aí ele me explicou o que eu já sabia, que era o que rolava na Cooperifa com o Sérgio Vaz, sobre a literatura periférica, ele abriu um pouco mais minha mente, e ele falou: 'Isso que a gente escreve é poesia, você sabe disso, só que agora a gente vai adaptar a nossa poesia de outra forma para que as pessoas possam entender, a gente sabe o quanto que é difícil às vezes num rap a pessoa entender o que você ta querendo passar, mas se você tirar essa instrumental do rap, a música e se deixar só a poesia e você expor isso é bem capaz das pessoas entenderem'. (...). Foi aí que surgiu, convocou o Fernandes e em tão pouco tempo a gente conheceu a Ludimar e se tornou essa família toda. Foi bem bacana a primeira apresentação do Sarau das Ostras que foi no Porto do Saber, foi bem legal, bem importante. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 2º encontro. 23/02/2014).

Despertou o dom da escrita.

Projeto – fazer um sarau.

Ele abriu um pouco mais minha mente.

Deixar só a poesia.

POEMAS DE FERNANDES E LUDIMAR PARA RO3P

Péricles, o guerreiro
Péricles sonhou um dia com democracia
E na periferia percorria como um guerreiro
Proclamando para o povo preto,
Pobre, sujeito ao preconceito
Sua oração protesto em forma de poesia.
Péricles peregrinou da Cohab ao Solemar
E sem se contentar, percorreu centenas de lugares.
E permaneceu por alguns minutos apenas
E percebeu olhando o mar foi quando veio a calma
Que a sua alma e dos seus era sujeita a duras penas
E que era preciso se impor de forma contundente
Diante de todos os problemas
Prevaleceram em Péricles milhares de sentenças,
Porém peço que agora desta vez
Você seja um dos poucos que o compreenda
Que de fazer o bem ninguém o prive
E que o seu Rap em aclive sempre se poste
E por mais que os piolhos não gostem e o subestimem
Saibam que o sonho dus guerreiro não morre
E Péricles jamais penderá para o crime.
(Fernandes Oliveira, In: Minhas pegadas na areia, 2011, p. 17 e RO3P, O sonho dus guerreiros não morre! ", Faixa 1)

Mano Péricles (Pelé)
Um grande amigo meu tinha um sonho na adolescência
Esse sonho, uma indecência, que agora vou revelar.
O sonho desse mano: ser assaltante de banco.
Levar a vida no tranco.
Queria o tênis importado. Queria ter o carrão.
Tudo de bandeja na mão.

E aí? Ficou chocado?
Repare que o verbo está no passado.
Ele tinha um sonho.
Um sonho medonho que não se concretizou.
Em homem honrado se tornou.
Procurou a saída certa. Mudou o rumo da seta.
Hoje sua mente é pura. Recheada de literatura.
Já saiu do vermelho agora só dá bom conselho.
Na vida quer crescer.
Sinto orgulho desse mano.
Olho para ele e não me engano de que é um vencedor.
Na vida já é um doutor.
De um rei tem a majestade.
Do malandro bom a jogada.
Se o barato é louco desse barato eu quero um pouco.
Para esse mano tiro meu boné.
Esse rap é todo seu Pelé!
(MOLINA, 2014, p. 18).

Quantas histórias que se conectam... escritas que revelam momentos... pessoas que se inter-relacionam, se encontram e se distanciam, se sobrepõem, tal qual as ondas do mar.

Aqui estou, assim como Palomar, olhando as ondas. Tentando capturar, como ele, concomitantemente, cada movimento da onda, enquanto ela se desfaz? Ou olhando além do que elas me mostram?

Encontro-me também em meio aos livros produzidos, aos vídeos disponibilizados na internet, às experiências de vê-los declamando em eventos dos quais participei... às conversas e encontros informais com cada um deles.

Encontro-me em meio às falas que ouço, transcrevo, leio, às lembranças dos encontros realizados para a pesquisa. Tudo isso gera em mim, um movimento.

Movimento complexo, que exige paciência e olhar cuidadoso, mas principalmente aprender a lidar com as incertezas e as (im) possibilidades.

Escrever sobre poesia... como fazê-lo, senão de forma poética? Talvez, capturando indícios do que seja um processo: enquanto ocorre, se desfaz. Então, a intenção passa a ser, diferente de captar o processo de invenção na captura, compor com uma linguagem que se quer poética.

Não tenho a intenção de fazer do material que tenho uma "camisa de força", ou de "rotular" os participantes como "isso" ou "aquilo". Nem mudar aquilo que eles realizam enquanto artistas e poetas. Então, entendo que construir uma pesquisa sob esse modo de olhar é lidar com tais imprecisões e arriscar estabelecer outras possibilidades metodológicas. Meu modo de olhar, nesta pesquisa, sobre uma pesquisa que se diz "marginal", permite-se, então, andarilhar.

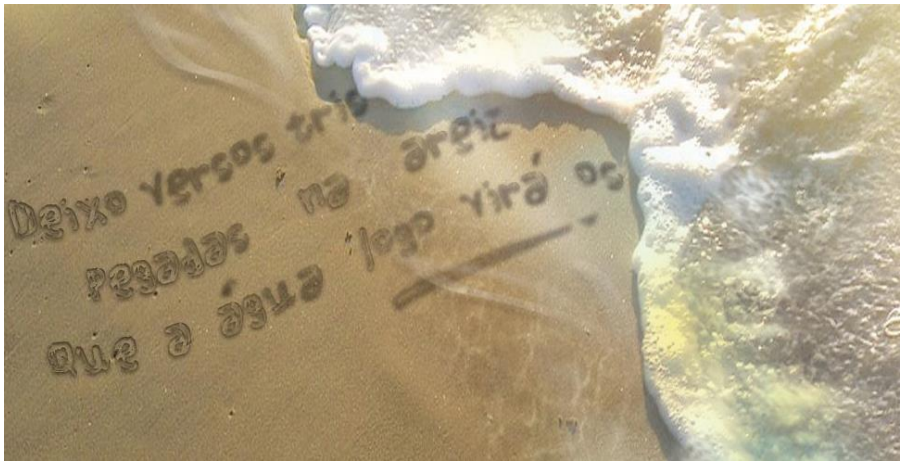
Algumas pegadas... pistas metodológicas para uma pesquisa movediça

Andarilhando por entre os modos possíveis de fazer pesquisa, pela areia desta praia encontro pegadas que, movediças, delineiam contornos quase ao mesmo tempo em que a forma se modifica... O livro de um dos poetas me inspira. *Minhas pegadas na areia*...

Pegadas... são marcas. São vestígios. São intensas. São reais. São passageiras. São móveis... movediças...

Territórios de passagem... e de intensidade.

Figura 3: Pegadas... em pés e palavras... que se inscrevem, se movem, se apagam. Desaparecem, mas ficam...



Fonte: Detalhe da capa do livro de Poeta Fernandes – *Minhas pegadas na areia*

É possível fazer pesquisa movediça? E intensa?

Três vestígios encontro pelo caminho:

- a cartografia (ROLNIK, 2011),
- a configuração (ELIAS, 1980),
- o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

São propostas que não lidam com certezas, mas com possibilidades, cujo movimento não é fechado em si mesmo, mas aberto ao acontecimento.

Proponho, então, compor uma metodologia de pesquisa que possibilite olhar para as minúcias, os detalhes daquilo que se tem diante dos olhos e, diante disso, compor... naquilo que constantemente se movimenta, delineia contornos e quebra... como as ondas... como pegadas na areia...

Cartografar.... Configurar.... Buscar indícios...

Como fazer?

Cartografia

Sobre a cartografia, Rolnik descreve o cartógrafo como um antropófago: “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos / alimentos para compor suas cartografias. ” (ROLNIK, 2011, p. 65).

Expropriar... apropriar... compor com elementos.

Como elementos / alimentos da pesquisa, o que tenho à minha frente?

Transcrições de falas, textos produzidos, reflexões, imagens, poemas, teorias diversas, acontecimentos inusitados... O que posso compor com eles?

Como construir uma pesquisa que, como a autora me desafia na leitura que faço, possibilite “mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (p. 66)?

> (...) mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (...). Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens-e-salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. Tapete voador... (ROLNIK, 2011, p.66).

Pontes móveis, que levam àquilo que afeta. Busco mais pistas de como fazer uma cartografia: “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p.15).

Reporto-me ao modo como encontrei os poetas, não em momento em que buscava um objeto de pesquisa, mas a partir de encontros em sala de aula e locais que frequentei como professora de turmas de Pedagogia. Em meio a cenários que iam se desenhando e movimentando à minha frente, transformando relações professora-alunos em pontes de relações que desenvolviam afetos.

Em alguns momentos, lendo sobre cartografia, me vem à mente a construção de um mapa. No entanto, a própria autora a diferencia:

“A cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações”. (ROLNIK, 1989, p.62).

Por entre mutações de paisagens, vou buscando construir, então, meu objeto de pesquisa:

Uma tarefa: cartografar as sensações presentes em falas de poetas e livros de poemas.

Os autores: poetas que escrevem sobre temas sociais, sujeitos-protagonistas da pesquisa.

O lugar: litoral sul paulista, em seus ambientes de praias, praças, livrarias, bibliotecas.

Objetivos: compor com os sentidos produzidos no cotidiano do processo de formação de escritores a partir de situações de interlocução com o grupo proposto e atividades artísticas, como forma de conhecer e valorizar os saberes trazidos pelos diferentes sujeitos que compõem e atuam nesse espaço.

Questão de pesquisa: De que forma as imagens poéticas, produzidas em forma de versos, oralizados e escritos por poetas que se dizem "marginais" permitem extravasar as margens do pensamento?

Qual o potencial de criação desse pensamento que se diz em linguagem poética?

Configuração

Norbert Elias (1980), como pode contribuir com meu processo de pesquisa?

Ao tratar seus estudos sob o conceito de configuração, apresenta-o da seguinte forma:

> Configuração forma um entrançado flexível de tensões. (...) O conceito de configuração chama a atenção para a interdependência das pessoas. O que é que, na realidade, une as pessoas em configurações? Perguntas como estas não podem ser respondidas se começarmos por considerar todas as pessoas individuais em si mesmas, como se cada uma fosse um Homo Clausus. (...) O comportamento de muitas pessoas separadas enreda-se de modo a formar estruturas entrelaçadas. (ELIAS, 1980, p. 142; 145).

Pessoas... tensões... interdependência... estruturas entrelaçadas...

Configurar... entrançar... enredar...

"O conceito de configuração coloca o problema das interdependências humanas no centro da teoria sociológica. O que faz com que as pessoas se liguem umas às outras e sejam dependentes umas das outras? " (ELIAS, 1980, p. 147). "Problema demasiado lato e multifacetado", para o autor, e que ele compara a um jogo.

No texto, aparece o exemplo do jogo de cartas... por que não pensar também como jogo de palavras... jogo de vozes... de movimentos?

Chartier, no prefácio do livro *A sociedade de corte* (2001), comenta a respeito da ideia móvel desse conceito:

> Em cada formação, as interdependências existentes entre os sujeitos ou os grupos se distribuem em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados, que são a própria condição de sua possível reprodução. Segundo Elias, existe aí uma propriedade universal, estrutural, de todas as formações sociais — mesmo que, é claro, o equilíbrio das tensões tenha um desenho totalmente específico em cada uma delas. (CHARTIER apud ELIAS, 2001, p. 14).

Tarefa: tentar entrançar, então, o desenho, da configuração que a mim se apresenta.

Paradigma indiciário

Com Ginzburg (1989), o que posso aprender? O autor segue um caminho metodológico que se compara a um processo de buscar pistas, observar pormenores, decifrar enigmas a partir de detalhes que se apresentam, buscar indícios, estabelecer conexões. Nesses termos, afirma o autor: "Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição". (GINZBURG, 1989, p. 179).

Ginzburg é um dos historiadores que participaram de um movimento que ajudou a mudar o rumo das concepções que se tinha da história, o movimento da História Cultural. Segundo Michel de Certeau (2011):

> Existe uma historicidade da história. Ela implica o movimento que liga uma prática interpretativa a uma prática social. A história oscila, então, entre dois polos. Por um lado, remete a uma prática, logo a uma realidade; por outro, é um discurso fechado, o texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade. (CERTEAU, 2011, p. 6).

Certeau, assim como outros historiadores, vê a história como um evento cultural, que se faz a partir dos olhares dos diferentes atores das práticas.

Dentre os modos de fazer história cultural "a década de 1970 testemunhou a ascensão, ou pelo menos a definição, de um novo gênero histórico, a 'micro história', associado a um pequeno número de historiadores italianos, como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Edoardo Grendi." (BURKE, 2005, p. 61).

Nessa perspectiva, "o microscópio era uma alternativa atraente para o telescópio, permitindo que experiências concretas, individuais ou locais, reingressassem na história (BURKE, 2005, p. 61), e não apenas os grandes eventos, tal como o olhar da história dos fatos, que dava ênfase aos grandes "heróis" e, com isso, deixava de lado as pessoas comuns, que faziam / fazem história a partir de suas práticas cotidianas.

Ginzburg mostra essas relações de força, a força das práticas cotidianas em vários de seus estudos, tais como *O queijo e os vermes* (2005), *Olhos de madeira* (2001), *Andarilhos do bem* (1988). Continuando a andarilhar por entre autores da micro história, encontro também Robert Darnton (2014), que a partir dessa perspectiva, nos apresenta a seguinte questão: "Como

pode um historiador afirmar que capta a experiência oral de pessoas de um passado distante? Em essência, eu responderia, por meio de um trabalho de detetive. ” (DARNTON, 2014, p.145).

E acrescenta:

> Longe de tentar ler a mente de um suspeito ou solucionar crimes pelo exercício da intuição, os detetives trabalham de modo empírico e hermenêutico. Interpretam pistas, seguem fios condutores e montam um caso até chegar a uma convicção – a sua própria e frequentemente a de um júri. A história, tal como a compreendo, envolve um processo similar de elaborar um argumento a partir de indícios. (DARNTON, 2014, p. 146).

Olhar de detetive... microscópico... atenção às práticas de leitura, de escrita e de oralidade que acontecem às margens da cidade, nas periferias... Olhar para os indícios que essas práticas suscitam...

Caminhando...

Caminho pela praia... olho as ondas.... Tento me fixar nas pegadas...

Permitirei, então, a mim mesma, pensar / retomar, os papéis de detetive, cartógrafa, configuradora, adentrando um jogo lúdico com a linguagem, compondo trajetos que possam ser construídos em diálogo com os envolvidos na pesquisa e que remetam à relação entre escrita e a multiplicidade de sentidos produzidos pelas produções poéticas, aos modos de criar, enfim, às formas de pensar e viver a poesia / com a poesia / na poesia.

Da areia, avisto, pois, o mar... Desafio Palomar. O que vejo na praia à minha frente?

Ondas, ostras, pérolas...

Vozes, poemas, manifestos...

Resistência?

Afetos?

Transformação?

Eis a matéria para a investigação...

Arrisco-me a seguir as pegadas na areia... as ondas me atraem...

Ondas que se formam, se configuram, se entrelaçam, se apagam.... Que marcas ficam registradas? Como? Talvez, as lembranças dos movimentos, talvez, o som que ecoa do momento em que as ondas quebram, talvez, as pegadas que ficam na areia... aquelas que dão título ao livro do Poeta Fernandes... e tantas outras...

Das questões de pesquisa

De que forma se constituem os sentidos que movem a criação de poetas anônimos?

Que caminhos encontram, cotidianamente, para escreverem a si mesmos?

Quais possibilidades encontram e inventam para tornar conhecidos / divulgados / publicados seus escritos?

Que saberes esses sujeitos carregam a respeito de aspectos referentes à língua escrita?

O que seus textos possibilitam aos leitores / espectadores, enquanto obras de arte?

Como foi o processo de formação desses artistas? E como os espaços por eles utilizados constituem-se enquanto espaços de formação?

Que sentidos tais leituras podem despertar no leitor / ouvinte dos poemas e de que modos podem transformar as relações dos mesmos em seus processos de leitura e escrita?

O que vem a ser essa literatura, marginal e, ao mesmo tempo, representante de uma cultura, um modo de ser autor da própria história e da própria vida?

São questões que surgem quando começo a conhecer, observar, encantar-me com o grupo. Mas, afinal, como responder a tantas questões?

Mais uma vez, sinto-me "Palomar", no anseio de compreender todas as verdades.

Mas, melhor desafiar, não só ao personagem detalhista, mas também a mim.

Esqueço as verdades. Busco as sensações. Cartografias de afetos.

É preciso, pois, reformular as perguntas, sob novos olhares.

Perguntas novas? Não há como elaborá-las nesse momento. Talvez essas novas perguntas apareçam, ou melhor, se percam, no movimento de olhar, assim como o menino personagem de Eduardo Galeano, quando visualiza o mar...

> Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (Eduardo Galeano).

Dos aportes - ondas teóricas

O que fazer com leituras que fizemos em diferentes momentos de nossas vidas, e que vão se juntando a novas leituras?

Leituras que, assim como as ondas da praia, vão se sobrepondo umas às outras, mas não se perdem... deixam as marcas de seus movimentos...

Dentre o referencial teórico que tenho para a composição desta pesquisa, transito por leituras diversas, de autores que li em momentos diversos de minha trajetória de estudos e me proporcionaram encontros: aportes da história cultural, tendo Chartier e Certeau como autores chaves, além dos estudos da linguagem, com Rancière, Foucault e Bakhtin que entendem a escrita enquanto processo na totalidade de sua relação entre locutor/autor-palavra (falada/escrita) - ouvinte/leitor, bem como suas relações com o campo da arte. Larrosa, em sua perspectiva de "experiência da leitura" / formação, que contribui para meu olhar sobre o estudo que vem sendo desenvolvido. Estudos a partir da perspectiva dos escritos autobiográficos também contribuem para a pesquisa proposta, tais como os apresentados em Arfuch (2010), Yvancos (2006) e Camargo (2010). Considerando a poesia como "objeto" de leitura, mas também como "objeto" de arte, parto da perspectiva de Foucault (2006), que considera a escrita / a arte para além da representação, do corpo, pensamento "em direção ao infinito"; e dos estudos de Vigotski (2001) que considera o ato artístico "um processo que amplia a personalidade, enriquece-a com novas possibilidades" (2001, p. 325). Além de Paulo Freire que, principalmente no que diz respeito à sua dimensão dialógica, aparece em meu modo de ler o mundo e escrever...

Todos esses autores, nem sempre constantemente citados, por estarem entranhado em meu modo de existir e atuar enquanto educadora, leitora, pesquisadora, compõem meu processo de construção.

Aportes teóricos, autores que se juntam, sobrepondo-se uns aos outros, à medida que o diálogo vai acontecendo e as ideias se entrelaçando... no praticar da leitura-pensamento que vai acontecendo.

Surge também, no caminho, meu encontro com Deleuze e Guattari (2003). Os autores, ao analisarem a escrita de Kafka, escrevem sobre o valor daquilo que chamam "literatura menor". Outra questão de pesquisa surge:

Que indícios valorativos podem ser captados na "literatura marginal periférica", como nomeada pelos poetas e a "literatura menor", como referida por Deleuze e Guattari?

O que, nos seus escritos, pode dar a ver uma “língua menor”?

Vamos ao que dizem Deleuze e Guattari:

“Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa linguagem maior. ” (DELEUZE; GUATTARI. 2003, p. 38). Essa seria a primeira característica desse tipo de literatura. A impossibilidade de escrever de outra maneira, que tem uma inter-relação com o que chamam de desterritorialização.

O que vem a ser essa desterritorialização na / pela escrita poética desses autores?

A segunda característica é que nela, tudo é político.

De que modo pode-se compreender que tudo o que fazem, como fazem, é político?

A terceira se relaciona ao fato de que tudo nela toma um valor coletivo.

E acrescentam:

> É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação colectiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade activa apesar do cepticismo; e se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40).

Olhando para os escritos e falas do Sarau das Ostras (assim identificam a composição do grupo), como seria possível compor com esses elementos, apontados por Deleuze e Guattari? A produção de uma escrita que é singular, possui particularidades, mas que ao mesmo tempo é coletiva? O que evidencia uma voz que é a de quem escreve, mas que reflete a voz de uma comunidade que possui em comum revoltas, inquietações, sentimentos e que se sente representada naquilo que ouve e lê? E cria?

São perguntas que me passam, enquanto pesquisadora, mas que não consigo colocar em palavras, conceituar. Seria a linguagem poética capaz de explicar?

Talvez um caminho possível para traçar meu roteiro inicial de estudo seja sair em busca desses três movimentos:

DESTERRITORIALIZAR-SE

SER POLÍTICO

COLETIVO

Para o caminhar por entre esses movimentos, um aviso ao leitor: autores irão se misturar em alguns momentos, autores por vezes que seguem perspectivas diferentes entre si.

Movimento de escrita-pensamento que faz parte, talvez, da transgressão metodológica, configuração de estilos que propõe Boaventura Sousa Santos (2010).

Não consigo, envolvida por esse espaço poético, visualizar nesse momento outro modo de fazer pesquisa. Pesquisa que não propõe se explicar por conceitos e definições.

Pesquisa movediça.

Pesquisa que se propõe a caminhar em direção a um fazer poético.

As pegadas seguem.... Para onde me levam?

Da metodologia dos encontros – Entrevistas que viram Conversas... Conversas que se fazem Poéticas

Como pensar os modos de fazer pesquisa?

Pesquisa construída com os participantes e não sobre eles.

Pesquisa que dialoga com suas práticas e suas vivências.

Em se tratando da temática como entrançada à vida e às vivências dos participantes, penso, com Arfuch (2010) e autores como Yvancos (2006), Catelli (2007), no espaço biográfico contemporâneo, entendido como um campo de indagação, composto por uma "confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa" (ARFUCH, 2010, p. 58) e considerado sob uma dimensão relacional. Arfuch considera, entre outros elementos, "a heterogeneidade constitutiva dos gêneros, sua estabilidade apenas relativa, o fato de não existirem formas 'puras', mas constantes misturas e hibridizações, em que a tradição se equipara à abertura à mudança e à novidade". (ARFUCH, 2010, p, 86).

Hibridização... multiplicidade de gêneros, linguagem movediça... Linguagem que se move a partir daquilo que os protagonistas da pesquisa falam e praticam enquanto poetas.

Considera-se, também, nesta perspectiva, uma ideia dialógica, uma

> atenção dispensada aos usos, à dimensão interativa entre participantes, que se complementa com a caracterização do enunciado, como essencialmente destinado – marcado por uma prefiguração do destinatário – 'tal como o imagino' e por uma atitude a respeito dele, que é, por sua vez, tensão à resposta. Essa consideração do outro como fazendo parte de meu enunciado, prévia a toda consumação possível da comunicação, encontra seu correlato na ideia de uma linguagem outra, habitada por vozes que deixaram seu rastro com o uso de séculos, uma palavra alheia que expressa sentidos, tradições, verdades, crenças, visões de mundo e que o sujeito assume de forma natural, mas da qual deve se apropriar pelo uso combinatório peculiar que dela faça, pelos gêneros discursivos que escolher e, sobretudo, pelas tonalidades de sua afetividade. (ARFUCH, 2010, p. 67).

Dimensão interativa... Rastros deixados por linguagem outra... tonalidades... afetividade...

Pensando a partir dessa dimensão interativa na interlocução com cinco poetas do Grupo Sarau das Ostras, posso dizer que o início se deu com o acolhimento da proposta pelo grupo. O convite foi feito em março de 2013 na Faculdade do Litoral Sul Paulista (FALS), em Praia Grande / SP, local onde eu trabalhava como professora e dois deles, Ludimar e Nego Panda,

eram estudantes, após um momento de apresentação poética do grupo todo para uma das turmas do Curso de Pedagogia.

De início, foram pensados encontros no modelo de entrevistas. Em 2013 me dediquei ao olhar para as publicações do grupo e, entre 2013 e 2014, realizamos três encontros. Ludimar disponibilizou sua casa, localizada na região central do município de Praia Grande / SP, para que pudéssemos dialogar.

Quando realizado o convite, eu trabalhava como professora em Praia Grande, o que facilitaria a realização dos encontros. Mas as pegadas não seguem os rumos previstos. Uma semana após a conversa, fui nomeada para uma função pública a ser assumida 30 dias depois na Secretaria de Educação de Limeira / SP, referente a aprovação em concurso público. Com a mudança de emprego e de localidade de trabalho, as datas dos encontros tiveram que ser revistas e agendadas de acordo com a possibilidade de horário de cada um dos participantes e aconteceram, por esse motivo, sem uma regularidade definida. Por isso, nem todos puderam estar presentes em todos os encontros, o que não afetou a intensidade das conversas. Houve uma boa disponibilidade do grupo em me receber, aos finais de semana, sempre com o mesmo acolhimento e amizade.

Elaborei, a título de um roteiro de conversa, um conjunto de questões, divididas em duas partes: uma delas direcionada à formação do grupo e a segunda com questões individuais sobre os processos de formação e produção de cada um deles, e enviei a todos via e-mail.

ROTEIRO DE CONVERSAS – SARAU DAS OSTRAS

Roteiro para o grupo:
- Como surgiu o grupo? De quem partiu a ideia?
- Nome do grupo – significado. Surgiu no momento de criação do grupo? Se não, após quanto tempo? Alguém criou o nome ou ele foi surgindo nas discussões?
- Como o grupo foi se constituindo enquanto grupo?
- O que "une" o grupo?
- O que o grupo se põe como objetivos? O que buscam?
- Onde acontecem as reuniões? Com que frequência? Contem como elas acontecem.
- E a ideia das apresentações? Como surgiu?
- "O barato é louco". Que história é essa?

Roteiro para falas individuais
- **Trajetória de escrita**
- Poderia falar como ou em que circunstâncias você começou a escrever?
- O que você considera como influências na sua escrita? Quais as principais influências? – pessoas, autores lidos, algum acontecimento...
- Que gêneros [que tipos de texto] você costuma escrever? Tem temas preferidos? Quais os temas mais frequentes?
- Como você tomou contato com o Sarau das Ostras?

- Em que você se identifica com o grupo?

- Sobre o ato de escrever
- Você poderia falar um pouco do que é escrever? O que é escrever para você?
- Como é para você escrever um poema? Por que você escreve?
- Comente o seu processo de escrita. Como os poemas surgem?
- Onde você escreve? Há um lugar, um momento, um material específico para essa escrita?
- Quando você escreve, coloca algo seu, da sua vivência pessoal? Com que frequência isso acontece? Você poderia citar exemplos/ ou mostrar/comentar alguma passagem?
- O que você pensa da invenção quando escreve? O que você se permite inventar quando escreve?
- O que você entende que não pode faltar num poema? O que você pensa que é essencial num poema? O que o torna poema? O que faz do poema – um poema?
- O que é a poesia para você?

Entendo que as perguntas foram necessárias para conduzir o diálogo, porém, não eram fechadas. Foram pensadas para que realizássemos uma conversa a partir delas e não como um modelo no formato pergunta-resposta.

Inspirada em Rolnik, vou com um roteiro, mas com os sentidos abertos, para compor meu "tapete voador". Lupa para captar os indícios, pistas, pegadas daquilo que a mim se apresenta.

Tal como Palomar, observo o movimento das ondas, e o modo como elas se configuram e movimentam.

Inicio, então.

Tudo planejado, gravador ligado. Em alguns encontros, todos estão presentes; em outros, algum deles não está, mas não deixa de fazer parte do sentimento de pertencimento junto aos companheiros do grupo. E independentemente do número de atores presentes, o diálogo das cenas acontecia com intensidade. Que bom que o grupo, mesmo conhecendo as perguntas de antemão, parece ter compreendido minha intenção de não limitar o diálogo com as perguntas. A ideia de entrevista deu lugar a conversas, nas quais... conversa vai... conversa vem... os participantes relatavam acontecimentos, em várias vozes, e nas quais, ora acabavam acrescentando relatos aos dos colegas, ora fazendo perguntas entre si. Perguntas, algumas vezes, inusitadas, que, no bom sentido, desviavam o assunto da conversa, ao mesmo tempo em que revelavam a mim, pesquisadora, elementos novos e não pensados. Em meio às perguntas e respostas, diálogos, Ludimar saía da sala e organizava um café. Aparente pausa, mas o pensamento continuava atento e o diálogo prosseguia. O gravador era ligado novamente e as conversas prosseguiam com naturalidade...

As entrevistas viraram, então, conversas – Conversas Poéticas – título pensado após a conclusão dos encontros.

> Expressa-se assim uma ideia dialógica da comunicação que não reconhece primazia ao enunciador, na medida em que este já está determinado por um outro, mas antes uma simultaneidade na atividade de intelecção e compreensão entre os participantes; trata-se de uma interação em presença, midiática ou de escrita. Nessa moldura, podemos situar agora a peculiar intersubjetividade gerada pelas formas biográficas também como um acordo, uma sintonia, e não somente como um "pacto" assinado e "selado" pelo autor (...) (ARFUCH, 2010, p. 67-68).

Como eu realizei também a leitura dos livros produzidos pelos poetas ali presentes, em alguns momentos das conversas, falávamos sobre eles.

No primeiro encontro, realizado num sábado, 08/06/2013, estavam presentes Ludimar, Poeta Fernandes e Nego Panda. Iniciamos por volta das 14h30.

Nesse dia conversamos sobre as questões referentes à configuração e produção do grupo Sarau das Ostras. Sentados no sofá da sala, a conversa fluiu, animada. Lembranças de como se conheceram e como o grupo começou. Em seguida, iniciamos os diálogos individuais. O primeiro participante que se propôs a se apresentar foi Nego Panda. Enquanto isso, Ludimar saiu para nos preparar um café da tarde. Nego Panda fala de si, das suas produções, seu objetivo enquanto poeta marginal. Fernandes o acompanha, também questionando e fazendo perguntas.

Fernandes pega o fio da última fala de Nego Panda e começa a falar de si. Lembra-me o modo de compor histórias a partir das cartas de tarô de Calvino (1991).

E as perguntas? Estão escritas e a pesquisadora as acompanha. Mas a oralidade das falas e o movimento da conversa vai imprimindo outro ritmo e naturalmente, Poeta Fernandes vai expondo, falando sobre seu processo de criação. No auge da conversa, Ludimar chama:

- Gente, vamos tomar café?

Dirigimo-nos à cozinha e, junto com o café, as ideias continuavam fluindo. Pedi permissão ao grupo para ligar novamente o gravador, na busca de captar as ondas de suas falas e ideias, causos que eram contados sobre escrita de poemas. Ao final, observei a folha com as perguntas e Fernandes completou, com pequenas questões que não foram mencionadas.

O tempo passa depressa. Já eram quase 19h. Ludimar deixou sua fala individual para o próximo encontro. Antes que eu fosse embora, ela me mostrou uma estante de livros em seu quarto, na qual coleciona suas preciosidades: livros de literatura que ganhava de presente ou encontrava jogados em algum canto da cidade, recortes de jornal que a inspiravam e ela, cuidadosamente, recortava, pastas com alguns de seus escritos...

Vou embora, levando comigo os vestígios dos afetos, pequenas sensações de aprendiz de cartógrafa. Levo pistas do que falam, do que apresentam. Sigo caminhando, pensando em como posso compor com tudo isso.

O segundo encontro aconteceu aproximadamente quatro meses depois, novamente numa tarde de sábado, 19/10/2013, quando consegui viajar novamente para o litoral e alguns deles, novamente, puderam me receber. Nesse dia estavam presentes Ludimar e RO3P.

Ludimar me recebe em sua casa por volta das 14h e inicia a conversa me contando sobre seu projeto com a literatura marginal. Disse que ultimamente estava se considerando mais "periférica" e que seus poemas, nas últimas semanas, vinham vindo "com a batida do rap". Observei que ela elaborou numa folha de papel um roteiro para sua fala a partir das questões que enviei ao grupo no início do trabalho. De forma pausada, ela foi contando episódios de sua vida e relacionando com os autores que a influenciaram e influenciam a escrever. No meio de sua fala, chegou RO3P e, tamanha a amizade entre eles, após uma breve conversa de boas-vindas, ela continuou sua fala planejada com naturalidade. RO3P ouvia com atenção e, chegado seu momento de falar, apresentou também seu processo de escrita e contato com o grupo Sarau das Ostras. Nesse dia, fui mais leve para o encontro. Não levei as perguntas do roteiro. Apenas ouvi e fui me deixando afetar pelo que os poetas me diziam. Até me esqueci de uma das perguntas, que foi lembrada por RO3P. Pergunta sobre o "barato" e resposta que me impacta, me "desbaratina". O encontro encerrou-se novamente com um café e uma animada conversa entre amigos.

O terceiro encontro aconteceu numa tarde de domingo, 23/02/2014 e, dessa vez, todos estão presentes, até mesmo uma visita recebida por Ludimar nesse dia. O primo, que acompanha a aventura de escrita do grupo.

Nesse dia, levei a primeira carta de Rilke (2013), contida no livro *Cartas a um jovem poeta*, para iniciarmos o encontro com uma leitura. Em seguida, fizemos a conversa com Abel, não presente nos encontros anteriores e finalizamos com uma proposta de escrita que levo como forma lúdica de brincarmos, juntos, com as palavras. Produção de um poema. O tema – RODA.

Esse tema, RODA, surgiu para mim como uma imagem de minhas vivências e embates com o tema de pesquisa, quando me deparava com a questão: Como cheguei até aqui? O modo como cheguei até esse momento de minha trajetória tem a ver com um movimento circular e me peguei a pensar nas diversas ideias rodeantes para os temas que me instigavam a pensar a educação, a escola, os sujeitos que aprendem e ensinam, que leem e escrevem...

Pensei então em compartilhar com os poetas esse momento. Da mesma forma que segui as pegadas deles, entrei no jogo que eles fazem a ponto de me aventurar nesse tema de pesquisa, quis propor algo que os aproximassem também de um tema significativo para mim.

Ali estávamos então... rodando, por entre as diversas possibilidades de pensamento que uma única palavra - RODA - pode criar.

Momento de criação, de descontração, mas ao mesmo tempo, tensionado pela presença em corpo, disposição, envolvimento, afeto / afetação, sobretudo, a vontade manifestada em mais um encontro de criação, mas também da criação estando juntos.

Figura 4: Conversas poéticas – conversas em roda...

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Primeiro momento do encontro.

Movimento circular.

Sentados em roda.

Cada um fala sobre si e seu processo.

Em meio à roda, o gravador.

Perguntas... respostas... conversas...

Falar, ouvir, ser ouvido, perguntar.

Pensamentos em sintonia.

Combinando o momento da atividade, o movimento circular permanece.

A responsabilidade com a atividade por vir.

Depois, o diálogo dá lugar ao silêncio.

A folha em branco

à frente de cada um deles.

Para cada um, um processo, uma reação, uma resposta.

Figura 5: Abel e folha de papel... palavras vão fluindo...

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Movimentos de cada um.

Alguns, sentados confortavelmente,

outros, olhando atentamente para a folha de papel.

O que haverá perpassando cada pensamento?

Como se dá o movimento do pensamento frente à folha em branco?

E o corpo de quem escreve? Como reage a cada ideia?

Escrita que se compõe... por entre, silêncios, olhares, escolhas de lugares, movimentos.

Momentos singulares.

Processos de criação.

Figura 6: Poeta Fernandes. Olhar fixado numa folha em branco... O que ela diz?

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Alguns procuram lugares para estarem a sós.

Outros permanecem lado a lado,

e ao mesmo tempo, na solidão de seu próprio pensamento.

Escrever só.

Escrever na presença dos companheiros de grupo.

Estar à vontade na presença do outro para estar só.

Solidão aliada a pertencimento.

Escrita individual. Escrita coletiva.

Escrita de cada um no coletivo.

Figura 7: Ludimar na cozinha. O que o local a inspira?

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Figura 8: Nego Panda. Ideias na cabeça e caneta a movimentar-se....

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Figura 9: RO3P, escrita em curso. As palavras o atraem...

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Figura 10: O Grupo Sarau das Ostras. Momento de produção. Impera o silêncio.

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Figura 11: Ao final, silêncio desfeito... descontração e sorrisos.

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Ao final, poemas produzidos, leitura coletiva, conversa afinada.

Encontros. Momentos de desterritorialização?

Leituras, falas.... Quanto elas têm de político?

Qual a intensidade desse coletivo?

Grupo que se encontra, se reúne, escreve junto, compartilha leituras.

Quanto elas trazem da literatura "marginal", "literatura menor"? E quanto elas permitem extravasar essas margens?

Figura 12: A foto ao final do encontro não pode faltar. A visita – primo - participa do momento coletivo

Fonte: foto produzida pelos participantes do Sarau das Ostras, disponível no Blog do Poeta Fernandes. <www.poetafernandes.com.br>

Foto coletiva, deixando saudades e vontade de continuar conversando...

Risos e sorrisos. O que fica de um encontro?

****

Até aqui, falei dos modos de olhar, dos modos de fazer pesquisa.

E eu, pesquisadora, onde entro nessa história?

Como deixo minhas pegadas?

Observo? Participo? Sou poeta também?

Quão territorializada, (des)territorializada estou, enquanto pesquisadora, nesses encontros?

O que penso sobre o papel político e coletivo da escrita?

A inspiração é, mais uma vez, Palomar, observador, protagonista do conto de Calvino. Personagem a quem não pretendo imitar, mas dialogar. Talvez, convidando-o a se arriscar, junto comigo, nesse movimento outro de olhar.

2. COMO TEM INÍCIO ESSA TRAVESSIA? DEVIRES DA TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA / EDUCADORA... IDEIAS A RODAR...

Figura 13: Roda de palavras

Produção da autora - Eliane A. Bacocina[5]

[5] Produção realizada a partir da leitura do livro *O castelo dos destinos cruzados* (CALVINO, 1991), como atividade da disciplina Seminários de Pesquisa, ministrada pelas professoras Maria Rosa R. M. Camargo e Laura N. Chaluh. 2º semestre / 2013.

Do tarô tiro uma carta.
No centro, uma roda.
Roda da Fortuna?
Roda de pessoas, rodeadas de palavras.
Palavras embaralhadas, escritas, pronunciadas...
Algumas com ritmos, rimadas.
Palavras que rodam, rodeiam.
Fazem pensar, criar, voar...
Movimentos rodeantes.
Quem gira a roda?
O Destino?
As pessoas em movimento?
Alguém que diz "Abracadabra"?
Parece-me que o que faz a roda girar
É o movimento das palavras.

Onde me encontro nesta roda?
No centro ou ao redor?
Em meio às letras, formando palavras?
Sentindo sua potência, sua pulsão?
O tarô diz o futuro.
Qual a previsão?
Prepare-se. Virão chuvas, trovoadas, imprevistos.
Acontecimentos inusitados.
Dias de sol também. Por que não?

Lá vai a roda girando...
Rodam as pessoas, os poemas, as palavras...
Roda a mente e o coração.

Eliane A. Bacocina[6]

[6] Produção realizada a partir da leitura do livro "O castelo dos destinos cruzados" (CALVINO), como atividade da disciplina Seminários de Pesquisa, ministrada pelas professoras Maria Rosa R. M. Camargo e Laura N. Chaluh. 2º semestre / 2013.

“O mar está levemente encrespado e pequenas ondas quebram na praia arenosa. O senhor Palomar está de pé na areia e observa uma onda”. (CALVINO, 1994, p.7).

Como tudo começou?

Como surgiu a ideia de observar a onda? Será um simples ímpeto de descobrir? Então, por que tanta dedicação, inquietando-se por horas a fio, no envolvimento com as ondas?

Continuo a caminhar.

As ondas continuam se movendo.

As areias da praia também.

Olho para elas. Há um início nesse olhar sobre as ondas e sobre os processos de criação? Como começou minha jornada por entre palavras, imagens, linguagem, educação?

Olho para minha própria trajetória – educadora, pesquisadora, poeta, talvez.... Há um momento inicial? Vejo-me em diversos momentos, por entre situações experienciadas... leituras, vivências, elaborações teóricas...escritas poéticas.... Pensar a construção do objeto de pesquisa, pensar a Arte. Pensar a Educação. Movimento circular, que não se fecha e não se completa, sempre se movimentando.

Indícios de práticas já realizadas.

Afetos... cartografias...

Comporei, então, esse capítulo, em fragmentos.

Nesses fragmentos, uma forma vai surgindo por entre os indícios. Uma roda.

Roda que vai se configurando e se deformando em contato com cada episódio que me vem à mente.

Espaço de experimentações.

Roda da pesquisadora que olha para si.

Em momentos em que se (des) (re) territorializa, em que vê a necessidade de agir em pequenas políticas, em que aprende no coletivo, com tantos outros, que a desestabilizam de diversas formas, seus saberes se constroem em movimentos circulares, rodeiam, dão voltas...

Ora me encontro no meio da roda, ora ao redor dela.

Ora conduzo a roda, ora me vejo sendo conduzida por ela.

Devir-roda. Devir- pesquisadora. Devir-educadora. Devir-poeta.

Em Deleuze e Guattari (1997), o devir é algo que acompanha suas ideias.

Devir – desejo – algo que não se generaliza – realidade...

> Devir não é atingir uma forma (identificação; imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal

> que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.11);

Zona fronteiriça, como se refere Yvancos (2006), fértil espaço de invenção.

Ciranda de roda
De samba de roda da vida
Que girou, que gira
Na roda da saia rendada
Da moça que dança a ciranda
Ciranda da vida
Que gira e faz girar a roda
Da vida que gira
(...) Na rodilha embaixo da talha
E em cima do torso da negra
Que ainda rebola
Nas curvas da vida da velha
Que ainda consola
A criança que chora
A roda é pra rodar na gira
Da vida que roda
(...)Ciranda de roda.
(Roda Ciranda. Martinho da Vila)

A roda “rodou”
Tarde de domingo
Sala iluminada
Conversa séria
Conversa fiada
Papo cabeça
Bom à beça
A roda girou
O tempo correu
Tique taqueou...
Coração pulsou
E depois...?
Sala vazia...
Coração, repleto de emoção
Dei um drible na solidão
Ela se dissipou. Virou pó
Virou poesia

Ludimar
(produção escrita realizada no 3º encontro, 19/03/2014)

E agora que percebeu
Que o mundo não gira em torno de si
Que pensa que tem todo tempo pra falar
Que é da hora ter por onde ir e vir
E no papel se vê preso
Imóvel no mesmo lugar
Pra que então tanta contida revolta, pois
De janeiro a janeiro
Você é um dos primeiros
A não enxergar à sua volta
O que nos basta é o que em muitos falta
E na falta de incentivo, em voz alta, mãos à obra,
Falamos do que nos incomoda
Somos indivíduos, servidos de manípulos
E ditos massa de manobra
E manipulados nesta grande roda.

Poeta Fernandes
(produção escrita realizada no 3º encontro, 19/03/2014)

Roda, que inicia a ciranda, onde cada coração tem suas frustrações e esperanças.
Roda, aro 17 cromada, que desfila nas ruas de terra.
Onde a aquisição da mesma veio através da guerra.
Roda, são as diversas. Cânticos e gritos. Ao céu risonho e límpido.
Ao riso tímido, sonho vazio.
O giro, o sentido anti-horário, roda. O mundo, a vida.
Subversão, contradições, o roubo, as armas, bombas, manifesto.
Roda, onde há quem chora, sem hora. O 360 do cotidiano.
E ainda assim, tem quem ama em meio a tanta discórdia.

RO3P
(produção escrita realizada no 3º encontro, 19/03/2014)

Roda viva, em meio a tantas emoções, o consentimento que fica, ou intensifica, sem ela, nosso sonho não se concretiza, atiça ou visualiza.
Feito pelo ciclo da vida, eterna evolução, que não tem chegada ou partida.
Pois é, não terá fim, o relógio sempre no sentido horário.
Já pensou se rodasse ao contrário?
Não tem sentido ou tem sentido
perto de acreditar que o tempo não está perdido.
E a roda estará sempre no seu melhor sentido...
Roda... Roda... Roda...

Abel
(produção escrita realizada no 3º encontro, 19/03/2014)

Tantã ciranda
Uma roda de prosa
A ladainha, um corrido
O timbre da viola
Minhas raízes
São crescidas
E seguem bem firmes
Roda da vida
Segue ao vivo
Não é tipo filme
Roda criança um pião
A brincadeira é feita
Em volta às voltas
Que são dadas
Nem tudo se aceita
Ta na ciranda, feita a roda
Canta uma parlenda
Dentro de casa
Um bom papo
É o melhor que há
Roda de conversa
É o melhor jeito de aprender e
Ensinar.

Nego Panda
(produção escrita realizada no 3º encontro, 19/03/2014)

Devir-roda.

Desejar-se rodeante.

Ir e voltar...

O leitor, a leitora, está convidado (a) a acompanhar a roda.

Rodar junto com o texto.

E, por que não, desenhar e construir seus próprios giros.

Fazer a roda girar. Para onde nossa roda nos levar...

Início da aventura

Fred Murdock, personagem do conto *O etnógrafo* de Borges (1971) recebe uma proposta. Seguir em direção ao desconhecido... conhecer uma nova língua... um novo modo de viver. Desvendar um segredo.

Sabe dos perigos que o aguardam...um de seus antepassados morreu na fronteira. Mas ele aceita o desafio e vai viver entre os feiticeiros.

> Empreendeu a longa aventura. Mais de dois anos viveu na pradaria, sob toldos de couro ou à intempérie. Levantava-se antes da aurora, deitava-se ao anoitecer, chegou a sonhar num idioma que não era o de seus pais. Habitou seu paladar a sabores ásperos, cobriu-se com roupas estranhas, esqueceu os amigos e a cidade, chegou a pensar de uma maneira que sua lógica refutava. Durante os primeiros meses de aprendizagem tomava notas sigilosas, que rasgaria depois, talvez para não despertar a suspicácia dos outros, talvez porque já não as precisasse. (BORGES, 1971, p. 20).

Assim como ele, a pesquisadora inicia sua jornada. Pensa a respeito da linguagem, da escrita poética, dos modos de escrever, do papel da educação e dos modos de educar, a partir de vivências que experienciou durante quatro anos em um lugar outro, onde encontrou novos amigos, conheceu modos outros de usar a linguagem e de aprender.

Levanta-se bem cedo, segue sua rotina de trabalho, cumpre tarefas, sempre em companhia de seus temas, que instigam pelo desconhecido, que provoca, que embaralha pensamento.

Lê textos, frequenta aulas e bibliotecas, relembra episódios, reelabora momentos vividos, escreve, em momentos preciosos que lhe restam...

Dialoga com pessoas, viaja, faz perguntas.

Toma notas e as deixa espalhadas.... Nos momentos de escrita, algumas dessas notas são recuperadas; outras, não se fazem necessárias, de tão entranhadas que se tornaram em seu ato de pensar... e escrever.

Conseguirá Murdock cumprir a tarefa proposta?

E a pesquisadora?

Coragem aos aventureiros...

Uma educadora a se formar: um jogo de aprender e ensinar...

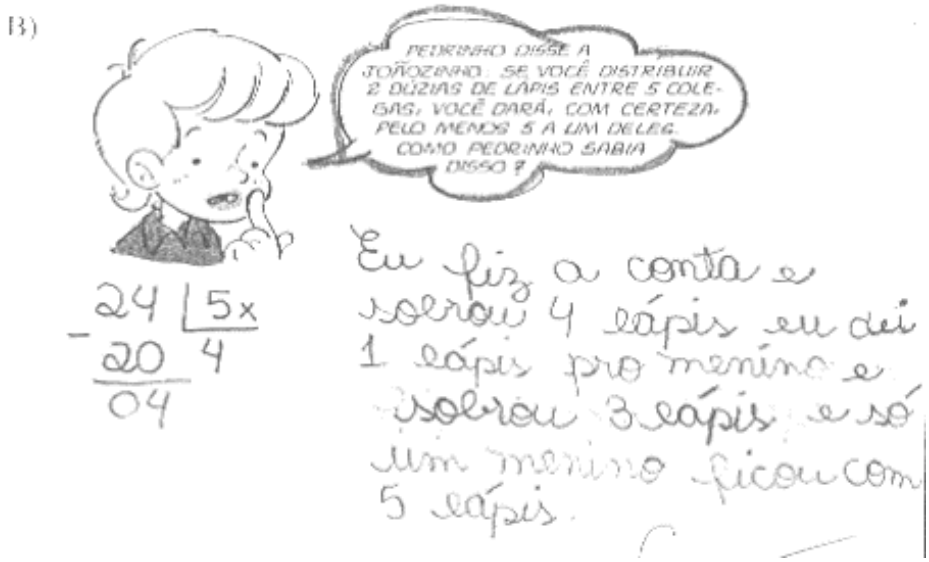
Desde pequenininha, a menina queria ser professora...

Devires-infantis.

Não teve, tal como Murdock, um professor que propôs a ela essa tarefa. Ela apenas sentia em seu coração, ao frequentar a escola e observar suas mestras, que era isso que queria fazer também. Quando indagada: "O que vai ser quando crescer? ", outras profissões passavam pela sua mente infantil, costureira, bancária, secretária, mas era essa a tarefa: ensinar, o que mais a encantava. Ensinava suas bonecas, os frangos que seu pai recebia como pagamento quando ajudava na granja de seu tio...e tantos outros seres imaginários. Seus alunos tinham nomes, ouviam a menina tagarelar as tabuadas e lições, mas nunca respondiam. Uma coisa ela só aprendeu após alguns anos, quando cursou Magistério e começou a estagiar e dar aulas para alunos de carne e osso: só se ensina quando o outro aprende algo, e mostra uma abertura para aprender.

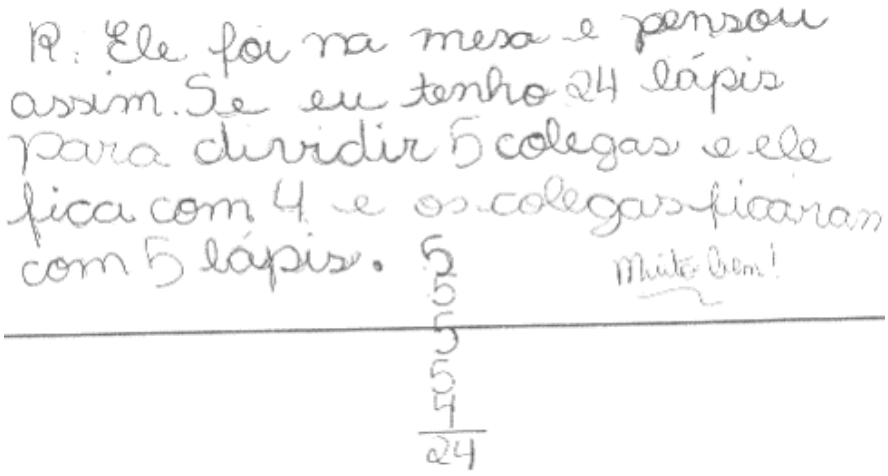
Os seres que aprendem não aprendem da forma como quem ensina idealiza. Eles têm, cada um deles, seu jeito próprio de aprender. Isso ela só aprendeu depois, muito depois, com a prática de sala de aula. Ao final do curso de Pedagogia, em 2002, quando realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso na área de Educação Matemática, desenvolvendo práticas de resolução de problemas com seus educandos de 3ª série do Ensino Fundamental, foi possível teorizar sobre o tema, ao se deparar com respostas a desafios que, aparentemente, possuíam apenas uma resposta correta, mas aos quais as crianças, de 9 e 10 anos de idade, mostravam que havia muito mais.

Figura 14: Registro de resposta de um grupo de alunos de 3ª série do ensino fundamental.



Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso da autora. (BACOCINA, 2002).

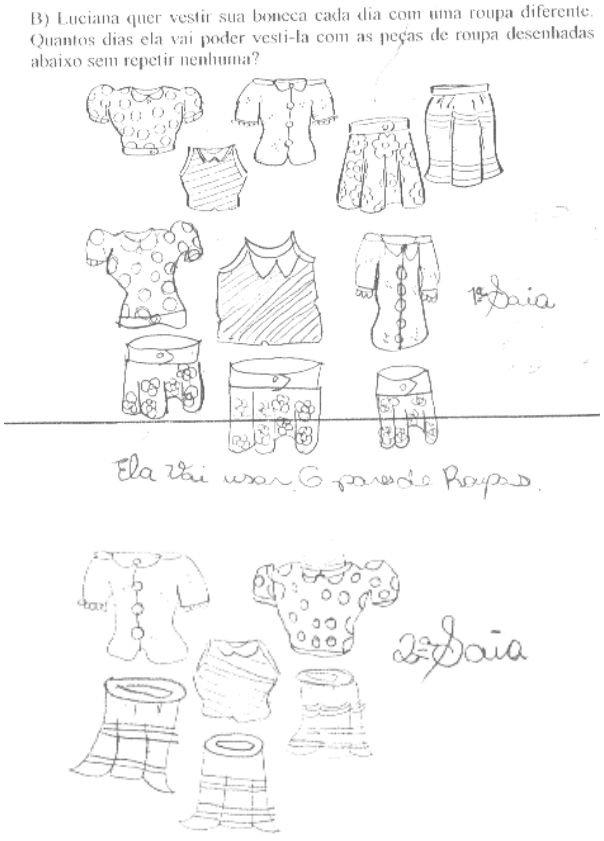
Figura 15: Registro de resposta de um grupo de alunos de 3ª série do ensino fundamental.



Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso da autora. (BACOCINA, 2002).

O que fazer com o que sobra? Alguns dão um a mais para quem distribuiu. Outros, são mais generosos. E deixam para quem ganhou. E não é assim na vida real?

Figura 16: Registro de resposta de um grupo de alunos de 3ª série do ensino fundamental.



Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso da autora. (BACOCINA, 2002).

Figura 17: Registro de resposta de um grupo de alunos de 3ª série do ensino fundamental.

Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso da autora. (BACOCINA, 2002).

A professora pergunta:

- Por que 8 vezes?

- Porque essa peça ela pode usar como blusa ou como colete.

A professora insiste:

- Então ela pode usar o colete com essa blusa de bolinhas também, não pode?

Aula de moda:

- Não pode não. Listras não combinam com bolinhas.

Entendeu, professora?

E agora, como dizer que há uma resposta correta para cada problema?

Devir-educadora, que não se acomoda a verdades.

Que ouve as verdades do outro e entende que não há saber mais de professora.

As crianças, já no início de minha experiência como educadora, me davam pistas, me ensinavam o que até hoje sinto que é preciso aprender.

É preciso ouvir-olhar para respostas outras.

E inventar outros modos de dizer.

Uma bola a girar...

Em 2002, em sala de aula de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, no decorrer de um semestre de aulas, imagens se tornavam mediadoras para a aprendizagem da leitura e escrita. A partir do conceito de "leitura de mundo" (FREIRE, 1993) e temas geradores que tinham como fio a vida de cada um, entre eles: identidade, experiência escolar, família, medo, aprendizado, a educadora e estudante de pós-graduação[7] que atuava nesta sala de aula, convidou cada educando a ler nas imagens os próprios sentidos e vivências, atribuindo, dessa forma, sentidos singulares para o ato de ler e escrever.

Foram propostas diversas atividades: leituras de textos, músicas, obras de arte, rodas de conversa, produção de listas de palavras, textos, desenhos.

Em momento final, em atividade de criação em que se propõe representar a própria vida e o que a escola representa, um dos alunos, com o nome fictício de Adriano, desenhou uma bola.

Figura 18: representação em forma de imagem produzida por educando da Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: BACOCINA, 2005.

O que significa a bola? Girar.... Deixar o mundo mais bonito? Transformar-se a si e ao mundo em que vive? Atribuir sentidos às vivências, talvez, a partir do conhecimento adquirido... Ou simplesmente: Como a vida está atribulada.... Vamos brincar?

Devir-bola...

[7] Curso de Especialização em Alfabetização – UNESP Rio Claro

Vamos rodar juntos?

2006. As imagens são tomadas como ponto de partida para diálogos com educadoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Nas atividades propostas, elas foram convidadas, pela mesma educadora, agora pesquisadora no Mestrado em Educação, a ler imagens também, relacionando-as com temas como: identidade, formação, sentimentos e trabalho.

As diferentes produções realizadas pelas professoras, expressas em desenhos, textos escritos e transcrição de vozes formaram uma espécie de "mosaico" e foram colocados lado a lado, sem hierarquias, às produções dos educandos da pesquisa anterior. Viraram "obras de arte", capazes de instaurar um fértil diálogo, no qual não se faz possível definir quem ensina e quem aprende. Foi possível proporcionar uma experiência na qual os diferentes saberes puderam se entrelaçar, a partir de leituras de imagens, músicas e poesias, seguidas de produções orais e escritas, formando uma trama de invenção de modos de aprender e ler. Cada um dos lados, educandos e educadores, pôde, separadamente, ler imagens e poemas e, quase sem se dar conta, falar sobre suas lutas diárias, suas vivências, seus modos de ver a si mesmos, suas dificuldades tanto para aprender a aprender como aprender a ensinar. Nas palavras de Ranciére (p.73), foi possível vivenciar a "potência que permite ao 'ignorante' arrancar o segredo do livro 'mudo'".

> O pensamento não se diz em *verdade*, ele se exprime em *veracidade*. Ele se divide, ele se relata, ele se traduz por um outro que fará, para si, um outro relato, uma outra tradução, com uma única condição: a vontade de comunicar, a vontade de *adivinhar o* que o outro pensou e que nada, afora seu relato, garante, que nenhum dicionário universal explica como deve ser entendido. A vontade adivinha a vontade. É nesse esforço comum que toma sentido a definição de homem como *uma vontade servida por uma inteligência. (*RANCIÈRE, 2002, p.71).

Vontades... saberes... Não a busca por verdades, nem a transmissão de conteúdos presentes em um "dicionário universal", mas o compartilhar de relatos, ideias e invenções. Nas falas das professoras que participaram da pesquisa, fica implícito esse pensamento:

> *Uma sala de aula não é composta somente de professores, os alunos também a compõem. A arte nos ajuda a retratar nossos sentimentos, nossa relação com os alunos. Através de um papel e alguns lápis podemos retratar a relação entre ensino-aprendizagem. [...] Através da arte viajamos no tempo, a arte nos ajuda a relembrar o passado, a pensar no presente e planejar o futuro. [...]. Os alunos com os quais a Eliane trabalhou revelaram serem grandes pensadores, grandes artistas, exemplo disso são os textos produzidos por eles. (Letícia, professora, em anotações realizadas no caderno de pesquisa após os encontros apud BACOCINA, 2007, p.155).*

> *[...] lá na escola eu estou percebendo que tem leituras pra serem feitas entre nós mesmo, sabe, entre adultos e entre os educadores, estou vendo isso mais como algumas leituras do que está acontecendo e tem que ser feitas entre nós, e em conjunto, porque senão não é possível. E é isso, [...] existe um momento de uma música mais alegre, de uma música mais feliz e que tem que olhar pra isso. (Marina, professora, 03/06/2006 apud BACOCINA, 2007, p. 162).*

Em um dos encontros, a proposta é de realizarem uma produção em imagem a partir de músicas instrumentais. De novo, a roda está presente, no desenho produzido por uma das professoras, que optou por ser chamada pelo nome fictício de Milena:

Figura 19: representação em forma de imagem produzida por educadora que atua na Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: BACOCINA, 2007.

> *A hora que começou tocar a música veio um sentimento de alegria, de aventura. Então o que me veio na cabeça foi um parque de diversões, todo mundo naquele chapéu mexicano girando e as pessoas assim com os braços, queriam também entrar, que queriam participar dessa roda, queriam se alegrar também. Então foi isso que eu senti, um dia bonito, e todo mundo querendo participar junto, querendo brincar.* (Milena, 03/06/2006 apud BACOCINA, 2007).

Com essa fala, a professora ilustra seu ideal pedagógico, a partir do convite para o diálogo, acreditando que é necessário envolver o educando nos processos de aprendizagem e

valorizar seus saberes e "leituras de mundo". Milena, mais que considerar seus alunos, considera-se também aprendiz e transformada pela experiência de educar.

"Não só na hora da alegria que seria o parque de diversões [...] a nossa vida gira, tanto a minha como a dos alunos", (Milena, 03/06/2006).

Por entre tantas tensões, relatadas sobre ser educador, é possível entrever a seguinte frase: "Que bom se a escola pudesse acolher as diferentes formas de leitura e visão de mundo, um lugar onde todos pudessem se encontrar, participar da roda, juntos, 'de braços abertos', 'em conjunto', tal como apresenta Ranciére".

Devir-roda...

Neste momento de minha trajetória enquanto pesquisadora, realizei um aprofundamento sobre a inter-relação entre Arte e Educação em dois capítulos de minha Dissertação de Mestrado intitulada "Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler" (BACOCINA, 2007). A partir de exemplos de artistas pintores como Leonardo Da Vinci, Van Gogh, Pablo Picasso e Pieter Brueghel, vou discutindo com autores como Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, João Francisco Duarte-Júnior e outros "a respeito do que se pode denominar Educação Estética, Arte-Educação ou Educação através da Arte" (BACOCINA, 2007, p. 35) e avança, com Jorge Larrosa, Ostrower e Vigotski, com seu conceito de "catarse" para a compreensão da transformação ocasionada pela atividade criadora. Transformação que tem um potencial no ato da reação estética. Nessa pesquisa, foi possível pensar que

> O transitar pelo campo da arte e pelo processo de criação enquanto atividades inerentes ao humano e potencialmente humanas, constitui um esforço de aproximação do ato criador como uma invenção dos modos de existir, de experimentar, de aprender, de formar-se, deformar-se, transformar-se, de ler, ler o mundo e a si mesmo. (BACOCINA, 2007, p. 59-60).

Arte e Educação... invenção. Existir. Experimentar. Transformar-se no contato com o outro, quebrar hierarquias sobre quem ensina e quem aprende...

Roda de diálogos e leituras

Em 2010, eis que a roda continua a girar e, a professora pesquisadora agora atua como professora universitária num Curso de Pedagogia[8]. No início do ano, tem início seu contato com a disciplina Oficina de Leitura e Produção de Textos e ela decide, numa sala retangular, começar a conversa a partir de uma roda. Roda de apresentação... Roda de diálogos... Diálogo sobre leituras...

Divididos em duplas, cada aluno conta parte de sua história (referente à chegada ao curso e ao histórico de vivências que tem com a leitura e com a escrita) a um colega da turma e, em momento seguinte, em duplas, cada um deles é apresentado por seu companheiro de dupla. Ao final, a tarefa é produzir uma narrativa cujo personagem seja o (a) colega que acabou de conhecer, com a história que ele (a) acabou de contar.

Dentre os relatos de grande parte dos alunos, estão a ausência do hábito de ler, a ideia de que "ler é muito chato" e "escrever é difícil" e não apresenta conexão com o que se vive. Ficam rodeando na mente da educadora perguntas como: Que histórias podem ser escritas em realidades assim constituídas? Como trazer luzes a essas realidades, por meio de experimentações envolvendo práticas de leitura e escrita? Como possibilitar a essas ideias rodarem e, talvez, se transformarem em práticas vivenciadas?

E é com essas questões que ela procura desenvolver suas aulas, criando situações em que a leitura possa ter um corpo, em que a escrita possa ser uma extensão da vida. São criadas "aulas-oficina", em que, a partir de momentos de leitura, os alunos possam produzir escritas, individualmente ou em grupos.

Nessa primeira atividade, em que os alunos escrevem narrativas em que o colega que acabou de conhecer é personagem central, quanta emoção se torna presente... Cada um, na aula seguinte, ao ouvir o colega ler uma história sobre a sua vida, sente-se presenteado, sente-se presença no mundo. Surge novamente a questão da produção escrita, do "compartilhar saberes", em experiências que me remetem à forma como Rancière trata a relação de ensino e aprendizagem e, em uma das turmas especificamente, da linguagem poética, pois nessa mesma roda, uma educanda se destaca – Ludimar. Apresenta-se como poetisa e conta um pouco da sua história de vida: quando menina gostava muito de estudar e escrever, mas, por ser mulher, não pôde prosseguir os estudos. Primeiro, o pai; depois, o marido, não permitiram que ela frequentasse a escola. Mas isso não impediu seus passos e sua mente de girar. Nas rodas da sua vida, ela foi encontrando caminhos para aprender. Um deles era acompanhar os filhos nos

[8] Faculdade do Litoral Sul Paulista (FALS), localizada em Praia Grande / SP.

estudos, dizendo que estava ajudando-os, quando na verdade, ela era a aprendiz que encontrava prazer nas palavras escritas. As leituras, de forma quase que camuflada, escondidas do marido, não deixavam de fazer parte de sua rotina. Nem a escrita de versos, que ficaram muitos anos guardados na gaveta e pareciam "gritar", como se pedindo para serem mostrados, divulgados. Até que chegou o dia em que ela retornou à escola, numa turma de EJA e, ali, reencontrou-se com seus objetivos e foi motivada a enviar seus poemas a concursos literários. Sua luta passa a ser coroada, com inúmeros títulos e medalhas. O ensino superior, naquele momento, era mais um de seus objetivos, a ponto de ser alcançado.

E ali estava ela, aos 59 anos de idade, servindo como exemplo para um grupo de estudantes jovens, a maior parte deles recém concluintes do Ensino Médio. Como era prevista uma aula para trabalhar poesia, foi convidada para uma participação nessa aula. No dia combinado, ela levou uma sacola com seus poemas "enroladinhos", como que para presente e, nos momentos finais, foi à frente da sala e declamou alguns deles, distribuindo seus "rolinhos" aos colegas. Criou-se, dessa forma, uma relação em que não existe mais alguém que ensina e alguém que aprende.

A roda realizada na primeira aula foi tomando forma no decorrer dos três anos de curso e, num movimento circular, tornando-se um espaço de construção de sentidos para o aprendizado.

Em trabalhos de diferentes disciplinas, iam surgindo, algumas vezes de forma proposta pelos professores, outras, espontaneamente, atividades que envolviam arte: futuros educadores iam se revelando artistas – cantavam, dançavam, interpretavam, desenhavam... e, muitas vezes, surpreendiam com seus talentos. Algumas vezes, essas atividades eram propostas por professores, outras, os próprios estudantes encontravam formas, dentro dos temas propostos em seminários, por exemplo, para se mostrarem artistas.

E, aos poucos, iam aprimorando seus modos de escrever – poemas, narrativas, artigos de opinião, artigos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso. E superaram suas dificuldades, tendo a Arte como aliada nesse processo.

Pode-se dizer isso de todos os alunos do curso?

Não há como afirmar, nem medir. Falando poeticamente, com Manoel de Barros:

> Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas - é de poesia que estão falando.
> Por viver muitos anos dentro do mato.
> Moda ave.
> O menino pegou um olhar de pássaro – contraiu visão fontana.
> Por forma que ele enxergava as coisas por igual.

> Como os pássaros enxergam.
>
> Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc.
> Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

E caminharam escrevendo a própria história, cada um com seu envolvimento singular nas atividades propostas. Agora eles eram os protagonistas. Rodavam. Giravam. Encontravam, aos outros e a si mesmos, nesse rodopiar.

A poesia entra na roda

Uma roda literária[9]. Numa biblioteca, poetas se apresentam, na segunda sexta-feira de cada mês. Leem, escrevem e declamam poemas, em círculos, emocionados, como se caminhassem por entre livros. A educadora / pesquisadora está lá, em 2011, em contato com esse espaço. Ludimar é uma delas. Ali estão também Nego Panda, Abel e Poeta Fernandes, com os quais, naquele momento, a pesquisadora tinha um primeiro contato. Cada um deles se apresenta em um momento do evento.

Figura 20: Ludimar se apresentando na Roda Literária, no ano de 2011. Roda contagiante.

Fonte: Arquivos da autora

[9]Atividade promovida pela Casa do Poeta Brasileiro de Praia Grande (CPBPG), amantes da poesia e disseminadores de conhecimento por meio de atividades culturais. Tal grupo se define, em site na internet, como

> uma associação sem fins lucrativos, credo político ou religioso, cujo propósito é o de agregar e congregar não só aqueles que cultuam a poesia, mas também os amantes de outras manifestações artísticas como as artes cênicas, plásticas e populares.
> Fazer parte da Casa do Poeta Brasileiro de Praia Grande é levar no coração o nome de uma instituição que, há mais de 35 anos, promove e luta pela cultura de Praia Grande, envolvendo a sociedade que, ávida de novas perspectivas, empenha-se, dia a dia em trazer (ou fazer) a diferença de nossa cidade.
> Este site visa, primeiramente, a interação entre os membros da CPBPG e você, usuário da Internet, que se preocupa com a cultura das artes, em especial a poesia; depois, ser um elo de união entre os órgãos públicos e, de maneira mais genérica, a ponte que nos une ao público em geral, à sociedade numa palavra e finalmente, alcançar a simpatia e o reconhecimento que lhe é devida. (site da CASA DO POETA – www.casadopoetapg.com.br).

É importante citar que esse grupo não foi criado por meio de uma iniciativa governamental ou institucional, mas por idealização dos próprios participantes, que se propuseram a buscar parcerias e tornar possível essa "ponte" com o público. A associação promove dois eventos mensais abertos ao público em geral: a Roda Literária, realizada toda segunda sexta-feira de cada mês, e promovida em parceria com uma biblioteca pública e o Sarau de Pensadores, que acontece em uma livraria e se realiza todo último sábado de cada mês. Tive a oportunidade de acompanhar, com os alunos, um desses eventos e observar a interação estabelecida entre o grupo integrante de poetas e a comunidade em geral. Na Roda Literária, os visitantes são convidados a participar de uma dinâmica proposta em círculo, lendo poemas, de sua autoria ou não.

> A dinâmica da Roda Literária conta com a presença dos poetas e demais convidados, todos amantes da arte literária, sentados em roda. Dado início a apresentação e considerações iniciais segue em sentido horário até que se complete o ciclo. Há declamações de poemas, citações de autores consagrados e troca de informações, bem como abertura para jogos literários e improvisos com muita interação do público. (CASA DO POETA, site www.casadopoetapg.com.br).

Figura 21: Roda em meio a livros. Imagem de divulgação de um dos eventos Roda Literária, promovido pela Casa do Poeta de Praia Grande.

Fonte: Site da Casa do Poeta. Disponível em: <http://www.casadopoetapg.com.br/events/roda-literaria-casa-do-poeta-e-porto-do-saber-12-abril-2013#.UesrZdI3udg>

Em um determinado momento, os participantes, que foram ali apenas para assistir às apresentações, são convidados a ir à frente e, também, apresentarem seus poemas.

Alguns dos alunos do curso de Pedagogia, futuros educadores, que vão até o local apenas para conhecer o trabalho e cumprir uma tarefa, passam a voltar todos os meses para levar a conhecer os poemas que escrevem, ler para os poetas. Muitos dos alunos, no primeiro semestre do curso de Pedagogia, tornaram-se participantes assíduos da atividade. Alguns, que num primeiro contato, frequentaram a roda apenas como ouvintes, a fim de cumprir uma obrigação acadêmica, para conseguir o certificado para as Atividades Complementares exigidas pelo curso, passaram a voltar todos os meses ao local, não mais como obrigação, mas como forma de encontrar prazer no contato com a leitura e a escrita. Pouco depois, alguns, olhos brilhando,

procuravam pela educadora após o período de aula, e pediam uma revisão dos poemas que foram escritos para ler na "roda". Falas vão surgindo: "Será que o português está correto? " "Vou ler para os poetas. Não quero fazer feio..."

Falam como se os poetas estivessem na organização do evento. Mal percebem que, com essa prática, também eles podem ser considerados poetas.

São escritas produzidas sem nenhum tipo de obrigação, mas espontaneamente, palavras que ganham corpo em mentes inquietas, que formam e transformam os participantes. Num cenário inventado, textos, antes lidos por outros, que agora se tornam seus. Escritos que não se contentam em ficar guardados nas gavetas ou nos cadernos, mas pedem para serem mostrados, lidos para outros. É possível vivenciar, nesses momentos, a "amizade", tão bem exposta por Larrosa (1998), que se estabelece no contato entre leitores.

> A amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo. [...] A liberdade aqui só é generosidade. Não apropriação do texto para nossos próprios fins, mas desapropriação de nós mesmos, no texto. (LARROSA, 1998, p. 145).

É como se a leitura ganhasse vida, a partir dos poemas ali "recitados".

Ler, ouvir, escutar com atenção, produzir, escrever, ler para outros, compartilhar...

O trabalho de formar educadores leitores e escritores continuou e, no início de 2012, mais surpresas.... Inicia-se o ano com novos alunos, conversando sobre leitura e escrita. Alguns alunos vão chegando, durante os intervalos de aulas, para perguntar como escrever melhor, outros relatam que escrevem. Escrevem romances, diários, poemas... Alguns, mostram rascunhos e escritos... em folhas soltas, *blogs, facebook* e até livros impressos encomendados em pequenas gráficas e editoras, espaços "inventados" para publicar textos que se encontravam em seus cadernos e guardados. Outro aluno desta turma é Nego Panda, *rapper* e representante da literatura marginal periférica, que escreve poemas em forma de crítica social e, há pouco tempo, havia publicado um livro intitulado *Poesias de um mundo louco* (2011). Olhar atento e crítico, questionador, em um relato descreve que foi muito criticado, nos tempos escolares, pelos erros de português que apresentava em seus textos e, se não fosse pelo incentivo de outras pessoas e pelo contato com o *rap*, não teria chegado a lugar algum. Como prática da disciplina Oficina de Leitura e Produção de Textos, assim como o convite feito a Ludimar no ano anterior, foi convidado a se apresentar em uma das aulas, com seus amigos do grupo Sarau das Ostras.

Em um número de quatro integrantes: Nego Panda, Ludimar, Poeta Fernandes e RO3P[10], eles criaram em sala de aula, um ambiente denominado *poetry slam*, uma espécie de desafio em que, um de cada vez, ocupa o centro da sala para declamar seus poemas. Ao final, um convite à turma de alunos: "Mais alguém aqui escreve poemas? " Fica o espaço para que ocupem o centro ou a frente da sala e declamem poemas seus ou de memória. Muitos vão à frente, alguns um pouco tímidos, para mostrar ao grupo poemas que conhecem ou que escreveram em algum momento de suas vidas.

Figura 22: Fernandes declama. Estudantes se encantam.

Fonte: Arquivos da autora.

Figura 23: Nego Panda sai do centro. Senta-se em meio aos alunos para ler seu poema.

Fonte: Arquivos da autora.

[10] Um dos participantes, Abel, não pôde estar presente na data proposta para a atividade em 2012. Apenas em 2013, quando a atividade se repetiu com a nova turma de alunos.

Figura 24: Poeta Fernandes e Ludimar encenam. Cena lúdica e poética.

Fonte: Arquivos da autora.

Figura 25: RO3P declama. Os amigos o observam.

Fonte: Arquivos da autora.

Figura 26: Final de atividade poética. Finaliza querendo mais...

Fonte: Arquivos da autora

Poesia Arte... Poesia *Rap*... Poesia Viva... Poesia que tem poder.

Tamanho é o encantamento – não apenas dos alunos da turma, mas também da educadora, que, com a mente inquieta e ideias a rodopiar, vai transformando essa experiência em projeto para o Doutorado em Educação. Em 2012, a proposta foi aceita pela orientadora e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP / Rio Claro e no início de 2013, quando a atividade se repetiu com a próxima turma de alunos de Pedagogia, a proposta foi aceita também pelo grupo de poetas. As reflexões continuam. A roda continua a girar.

Seguiram-se os encontros – "Conversas Poéticas", a análise dos livros de poemas escritos por eles e os pensamentos que aqui seguem registrados.

A pesquisadora sente, em meio às palavras, ouvidas, escritas, transcritas, a mente dançar.

> Dançar e fazer dançar é uma qualidade da escrita aforística. Em primeiro lugar, por sua brevidade e por sua jovialidade. Mas a brevidade do aforismo não é do tipo da brevidade superficial e vazia de conteúdo, meramente engenhosa, que seduz os espíritos ligeiros que querem dançar demasiado rápido; do mesmo modo sua alegria não é do tipo que buscam aqueles que querem rir logo em seguida. A dança é sempre a recompensa de uma longa preparação: sua jovialidade é o resultado de um esforço sério, ascético e laborioso; sua leveza é produto da rara arte de remoer. (LARROSA, 2002, p. 39).

Dançar e poetizar...

Grupo que se reúne para ler poesia.

Espaços... salas de aula... bibliotecas, livrarias, lugares abertos.

Espaços muitas vezes construídos de forma quadrada, mas por eles organizados em roda.

Espaços para aforismos... autores. Pesquisadores. Poetas.

Quanto esforço sério é necessário para fazer dançar as palavras.

Fazer dançar. Lisonjear. Traçar no papel palavras lisonjeiras.

Ludimar. Nego Panda. Fernandes. RO3P. Abel.

Em suas trajetórias, quanto esforço para aprender a língua.

Algumas vezes, resistência a aprender a língua. Língua que oprimia.

Outras vezes, paixão pela língua e pelas palavras. Palavras que encantavam.

Quanta vida nas palavras lidas, escritas, pronunciadas e, na vida, vivência, o querer extravasar... devir.

****

"É através das palavras, entre as palavras, que se vê e ouve". (DELEUZE, 1997, p. 9).

"A primeira coisa que olho para julgar o valor de um livro é se anda, ou melhor, se dança". (NIETZSCHE apud LARROSA, 2002, p. 35).

Eu... leitora... educadora... pesquisadora...

Caminhando por entre as palavras, no meio delas, vendo, ouvindo, sentindo o mundo...

Onde encontro palavras, modos de educar, (des) educar, temas de pesquisa, pessoas... que dançam... que me fazem dançar?

Textos, escritas que me instigam a descobrir... falas que me fazem voar para outros mundos além do meu...

De onde vem as respostas que "fogem" do esperado?

Que é ler e escrever para quem não conhece bem as letras? Educandos que, mais que aprender, ensinam... dizendo nada saber...

Escritas outras... poemas... versos que vão além da métrica perfeita... que falam do que conhecem e des-conhecem...

O que conheço ou desconheço? O que me afeta?

Grupo de pesquisa... grupo de poetas... que propõem fazer o pensamento dançar... dança por entre imagens, palavras, sensações, afetos...

Lendo, escrevendo, movimentando... propondo e vivendo experiências...

Experimentações... movimentos... pesquisa... processo sério, labor, preparação.

Alegria. Estudar. Dançar. Poetizar.

Pesquisadora e espaço brincante.... Vamos brincar de roda?

Os fragmentos apresentados fazem parte do processo de formação de uma pesquisadora / educadora / poeta...

"Ciranda de roda

Que gira e faz girar a roda

Da vida que gira". (Martinho da Vila)

Em busca de pistas de como tudo começou... seguindo pegadas...

Será que tem começo?

"A roda girou

O tempo correu

Tique taqueou...

Coração pulsou". (Ludimar).

Acontecimentos em lugares distintos e, aparentemente, desconexos.

Como eles vão se desenrolando?

Para a pesquisadora, um olhar, aos poucos, construído e a se formar.

Um movimento circular – de pensamentos, sensações, autores que dialogam.

A Arte, em suas diferentes formas.

A roda a girar.

O que a roda nos possibilita pensar?

Rodar – expressão que pode dar a entender, num sentido popular, "andar em círculos "ou "não sair do lugar".

"E no papel se vê preso

Imóvel no mesmo lugar. " (Poeta Fernandes).

Mas, aqui, a roda da qual se fala segue adiante. É roda de ideias, pensamentos, elaborações. Roda de conversas, leituras, compartilhamentos... Rodas de Arte – arte de escrever, arte de criar, arte de partilhar... Na roda não existem hierarquias, não há o "pedestal" que distancia quem, supostamente, sabe mais de quem "sabe menos". O movimento circular não admite arrogância nem predileção entre pessoas. Todos têm o mesmo direito a falar e a expor pensamentos e sensações, saberes e construções.

"Roda de conversa

É o melhor jeito de aprender

E ensinar". (Nego Panda)

O que podemos pensar sobre poesia e sobre modos de educar, a partir da ideia circular que a roda sugere?

Nesse mundo a rodar, talvez o caminho a propor seja fazer a roda girar. Para onde ela irá nos levar? Para lá? Para cá? Seguir? Retomar? Ir ou voltar? Não se sabe. O caminho é circular. Girar. Abrir-se à experiência. Devir...

Girando com a roda, me vejo a pensar...

Muito se fala sobre Arte como Educação. E se pensarmos a Educação como Arte?

Inverter o sentido da roda? Rodar ao contrário?

"Pois é, não terá fim, o relógio sempre no sentido horário.

Já pensou se rodasse ao contrário? " (Abel).

"O giro, o sentido anti-horário, roda. O mundo, a vida. " (RO3P).

Que bom se a Educação, em todos os seus espaços, pudesse, como o "chapéu mexicano" criado pela professora Milena, acolher as diferentes formas de leitura e visão de mundo... Ser um lugar onde todos pudessem se encontrar, participar da roda, juntos, "de braços abertos", "em conjunto". Que bom se permitisse a quem quisesse, declamar sua poesia, produzir, inventar.

Uma roda que não se fixa no sentido horário ou anti-horário. Roda, rodopia, acolhe quem dela se aproxima...

Brincar. Brincar com as ideias, com as palavras, poetizar. Teorizar? Por que não?

Chamo para a roda Vigotski, que em *Psicologia da Arte* (2001), lança algumas ideias novas no campo da discussão científica do tema e busca aprofundar a questão da criação, explicitando a forma como ocorre a reação estética e o processo de criação. No processo de reação à obra de arte, algo muito profundo ocorre, ao que o autor denomina "lei da reação estética". Esse fenômeno "encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra sua destruição no ponto culminante, como uma espécie de curto-circuito" (VIGOTSKI, 2001, p. 270).

O autor enfatiza na arte seu aspecto contraditório, conflitante, paradoxal ao conceituar o efeito da arte como *catarse*. Usa esse termo para se referir à transformação de sentimentos que ocorre no contato com a arte. E me dá a mão, nessa roda, considerando o ato artístico "um processo que amplia a personalidade, enriquece-a com novas possibilidades" (2001, p. 325),

Reação estética... processo de criação... educação como catarse... transformação de sentimentos...

Chamo agora Bakhtin, que considera a arte como uma linguagem significativa, atribuindo a ela um papel "imanentemente social; o meio social extra-artístico, afetando de fora

a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. ” (BAKHTIN, 1997). Sem o meio social, o caráter valorativo da arte, enquanto arte, inexiste. E o artista tem como papel construir um novo modo de ver o mundo.

> Encontrar o meio de aproximar-se da vida pelo lado de fora, é esta a tarefa do artista. Ë assim que o artista e a arte em geral criam uma visão do mundo absolutamente nova, uma imagem do mundo, uma realidade da carne mortal do mundo que nenhuma outra atividade criadora poderia produzir. E essa determinação exterior (interiormente exterior) do mundo, que encontra sua mais alta expressão e validação na arte, acompanha sempre nossa visão emocional do mundo e da vida. (...) O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo. (BAKHTIN, 1997, p. 206).

Educação no meio social... que possa construir diálogo com o outro... polifonia... em busca do novo...

Afinal, dá para separar Arte e Educação?

E a arte da palavra? A literatura? A poesia é uma dessas formas. Chamando à roda Adélia Prado, poeta, em entrevista realizada sobre poesia por Gurgel (2010) e publicada na revista *Na ponta do lápis*, ouço que a literatura está ligada à vida. E a escola pode tornar viva essa matéria:

> A literatura trata da experiência humana. O leitor se apropria do texto porque o texto se torna dele. Se a escola parar de tratar a literatura como matéria de vestibular e incluí-la no feijão com arroz de sua atividade pedagógica, o resto acontecerá sozinho e melhor: sem esforço: E, melhor ainda, com imensa alegria. (PRADO *apud* GURGEL, 2010, p. 4).

Educação que inclua a literatura, a arte de jogar com as palavras, a alegria.

E o papel do educador?

O próximo a ser chamado para a roda é Rancière (2002). Propõe-se a emancipação, por meio da aproximação entre quem ensina e quem aprende. Em “O mestre ignorante” (2002) aponta o poder emancipador que se torna possível quando se rompe as barreiras hierárquicas entre mestre e aprendiz. O autor defende uma relação de igualdade entre os saberes:

> Mais ainda, o homem sabe que há outros seres que a ele se assemelham e aos quais poderá comunicar os sentimentos que experimenta desde que os situe nas circunstâncias às quais deve suas penas e seus prazeres. Assim que ele conhece o que o comoveu, ele pode se exercitar em comover os outros, se ele estuda a escolha e o emprego dos meios de comunicação. É uma língua que ele deve aprender. (RANCIÈRE, 2002, p. 76).

Comunicar sentimentos que experimenta. Conhecer o que o comoveu... Comover os outros... Aprender uma "língua". Fazer rodar o conhecimento e os saberes entre educandos e educadores. Nos momentos em que a roda vai girando, é possível vivenciar tal experiência - a Arte e a Educação, o processo educacional e de autocriação propostos por Read, assim como a "amizade". Para falar sobre a amizade, quem vem agora é Larrosa (1998), que com ele, enreda seus leitores.

> ...o comunicar do texto não é a elaboração do comum, mas o estabelecimento de um "entre" no que os leitores se separam e se dispersam de um modo não totalizável, numa relação pluralizadora. O comunicar do texto, seu ser-em-comum, é o espaçamento que torna possível o heterogêneo. O texto comum é o texto no qual os leitores participam, é o texto com-partilhado entre os leitores, o que os leitores com-partem, o que os parte em comum, o que não se com-parte a não ser como partição e re-partição. (LARROSA, 2003, p. 144).

A linguagem artística, composta por poesias, músicas, imagens, não possibilita apenas uma leveza às discussões e situações, facilitadora da educação, como também se constitui no modo de educar. Um modo de educar que com-partilha,

Continuando o jogo, a roda segue e quem agora chamo para participar é Foucault (2006), que considera a escrita / a arte para além da representação, do corpo, mas "em direção ao infinito

Foucault traz à linguagem, enquanto arte, possibilidades múltiplas, ilimitadas, infinitas, tal qual a escrita de Sade, Ulisses, Sherazade, que buscam escrever no compasso com a morte / escrever para não morrer. (FOUCAULT, 2006b).

O autor enfatiza as práticas, em se falando de escrita dos sujeitos que escrevem a si mesmos, à sua "alma":

> É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve; porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma. (FOUCAULT, 2006a, p. 152).

Pensar a escrita como arte, processo estético, escrita de pensamentos que se gravaram na alma... infinitos... A girar? A criar.

Escrita-devir, como traz Deleuze, a quem chamo não para fechar, mas para abrir, expandir, ampliar essa roda de ideias com a qual aqui tento "brincar". Brincar com a ideia de escrever... brincar com a tarefa do artista-escritor.

"o escritor como vidente e ouvidor, finalidade da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as ideias. " (DELEUZE, 1997, p. 16).

Penso, então, nesta pesquisa e seus caminhos pela linguagem e pela formação, como se fosse uma roda repleta de encontros, contato com o outro e o que se produziu em tais encontros. Reporto-me aos caminhos que o grupo pesquisado propõe enquanto formação. Não uma formação engessada, que pretende formatar o outro aos padrões desejados, mas uma formação que instiga pensamentos, fomenta processos criativos e convida cada participante a, também, produzir seus textos, a também lançar e fazer girar a sua roda, fazendo girar o outro. Formação que não pressupõe alguém superior que ensina a quem, supostamente, não sabe. Formação que se torna emancipação de saberes, que se comove e comove outros é um ato que requer abertura e convida a trilhar outros caminhos, não apenas os já trilhados – requer abertura. Ao infinito.

Reporto-me, então, ao meu próprio caminho para chegar até aqui, educadora / pesquisadora. Caminho que tem início quando uma menina de 7 anos de idade decidiu ser professora, trilhou diferentes rotas – algumas retas, outras tortuosas, algumas floridas, outras pedregosas - encontrou algumas "inspirações" em pessoas que conheceu – professores (as), alunos de diferentes idades, companheiros de jornada - e até os dias de hoje busca quebrar limites, ultrapassar fronteiras, romper hierarquias e encontrar formas inusitadas, fomentar, alargar, enveredar por brechas, valorizar diferenças, marcar singularidades.

Estas questões perpassaram meu processo de criação durante todo o processo de Doutorado em que cursei diferentes disciplinas, o que também se traduziu no processo de criar a carta de tarô, proposta numa das aulas da disciplina Seminários de Pesquisa, após a leitura de *O castelo dos destinos cruzados*, de Calvino (1991), à qual juntei poemas escritos pelos participantes da pesquisa e propostos numa das conversas poéticas, cujo tema foi "Roda". Roda, que inspirou grande parte dos movimentos circulares e rodeantes desta pesquisa, inspirando uma escrita proposta em um dos encontros poéticos com os participantes, que se encontram no início desse capítulo.

No momento, se fosse possível nomear o ponto atual deste caminho, quem sabe, deixar uma placa para demarcar o território, ou desterritorializar, nela estaria escrito: *"Ler, escrever e compartilhar poesia: práticas (des)territorializadas, políticas, coletivas. Marginais?"*.

Chegar a esse ponto do caminhar só se tornou possível porque, assim como Fred Murdock, personagem do conto de Borges, aceitei o desafio que a vida me ofereceu de empreender uma longa aventura de quatro anos num lugar novo e desconhecido, descrito nos primeiros versos dessa tese e, em seguida, mais quatro anos de estudo e pesquisa sobre o que lá vivi.

Descobri os segredos? Descobri alguns. Outros, ainda estou tentando decifrar. Fred, quando descobriu o segredo, decidiu não mais publicá-lo. Eu tentarei fazer diferente - vou tentar

deixar alguns rastros desse aprendizado em forma de palavras, no entanto, não da forma como uma certa visão de ciência muitas vezes ensina a fazê-lo. Quem sabe, de forma poética? Sei também, da impossibilidade de fazer isso sozinha. Por isso convidei as pessoas com quem, nesse tempo, aprendi: Ludimar, Nego Panda, Poeta Fernandes, RO3P e Abel, para que possam caminhar comigo, participar, girar a roda. Farei o possível para trazer, junto com as minhas, as suas palavras. Onde será possível chegar? Impossível prever. Porém, de uma coisa não há como duvidar: nenhuma palavra ou representação será capaz de traduzir o sentimento presente nesse trajeto:

"O segredo, ademais, não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos há que andá-los". (BORGES, 1971, p. 21).

3. CAMINHANDO...
DEVIR POETA

Me dê motivo,
Pra acreditar que o sonho vai dar certo
Em meio as gotas de cansaço
Da boca só vem protesto
Renego, ou relevo enquanto assisto
O desencanto na cena em preto e branco,
A chave pra trancar o pranto,
E nessas horas que todos confiam na cartola do santo
A vida às vezes não se encaixa como lego
Não é tão clara como as sílabas do alfabeto.
Mistério, quem compreende,
Rasga o sentimento,
Costura embrulha e dá de presente
Onde a resposta mata ou cura,
O coração doente
Traz solução pendente,
Prende a respiração mais caliente
Perde as contas, sem mais delongas,
O mesmo que traí
No início abandoa o baque
E quando a sorte bate retoma,
Depois de anos e anos em coma.
Alívio, prestígio não ocasiona no capítulo,
As frases perfeitas não fazem nenhum sentido,
Seremos fracos ou intensamente idolatrados
Ou é medo que nos afunda por água baixo,
Então me diz o que importa realmente
O amor mais puro ou há insegurança
Que contorna em volta da gente?
(Abel Pereira. Cadê a melhora? In: Gotas de vinagre, p. 9).

São vãos os versos sãos?

são
os versos
vãos?

os versos
sãos
se vão?

vãos e
sãos
são
os versos?

e se vão
os versos
não são
sãos?

se vão
Os versos
vãos
são
sãos?

Versos
vãos
vão
sem serem
sãos?

Se são
versos
deixam
de serem
sãos

e se são
vãos
deixam
de serem
versos

(Poeta Fernandes. Disponível em: <http://saovaososversossaos.blogspot.com.br/> Acesso em 18/01/2016.

O que é o verso
Se não o transmitir de um pensar
O que é o verso
Senão a arte de saber rimar
A beleza de expressar
Emoção e sentimento
Na pureza da alma
E no trilhar do pensamento
O que é o verso
Se não a flor, a lágrima, a dor
Amor, ódio ou rancor
O que é o verso
Verdade, ilusão
Sonho, pesadelo, ficção
Um labirinto de encanto
Na mais perfeita junção
De escrita e sentimento
É um arco a brilhar no céu
Após a chuva, o trovão, o vento
O que é o verso
Senão as brancas ondas do mar
Ou a nuvem a se mover
Formando desenhos no ar
O verso, é a beleza
No coração de quem vê
No olhar do analfabeto
A vontade de escrever.
(Nego Panda. O verso. In: NP. Poesias de um mundo louco. 2011, p. 50).

Hoje meus versos me feriram.
Suas entrelinhas me entrelaçaram e me sufoquei.
Deslizei no verbo e me reprovei.
Tentei concordar com as pessoas, mas nem todas eram boas.
Na redondilha maior rodopiei.
Perdi-me no garimpo da rima certa.

Hoje meus versos me fizeram sangrar.
Sobre feridas tive que caminhar.

Quando o último suspiro em mim se manifestou
Foi o sangue que se adiantou.
Num esforço sobrenatural traçou no poema a métrica irregular.
E, antes de morrer pude ver, sadicamente, meu poema
chegar triunfante ao seu final.

(Ludimar, Sangue do meu sangue. In: *Rimas Inteiras para todas as quebradas*, 2014, p. 44).

Versos...

Vãos... sãos...

Verdade... Ficção...

Vontade de escrever...

Que se encaixam como lego...

Ou desconstroem castelos.

Que se escrevem com feridas, com sangue, com a vida...

Como surgem?

De onde vêm?

De que modo se compõem?

Vou-me embora pra...

Sigo caminhando...

As pegadas continuam deixando marcas na areia e nos caminhos por onde passam.

Pegadas lúdicas.

Pegadas poéticas.

De repente, ouço:

“Vou-me embora pra...”

Pra onde vou?

Vou-me Embora pra Pasárgada

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

*Texto extraído do livro "*Bandeira a Vida Inteira*", Editora Alumbramento – Rio de Janeiro, 1986, pág. 90.* Disponível em: <http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp> Acesso em: 18/01/2016.

Pasárgada? Que lugar é esse?

Existe na realidade? Ficção? Como se chega a Pasárgada?

Ao dialogar com os poetas sobre o que é poesia, em alguns momentos das Conversas Poéticas, encontro, em mais de uma voz, a presença de Manuel Bandeira.

Ludimar, em um momento, conta sobre suas férias inventadas:

Ludimar: Eu lembro que quando a gente voltava de férias, eu não viajava. Aí quando a gente voltou de férias, a professora falou assim: "Ah, uma boa ideia pra gente fazer uma redação é: cada um vai contar o que que fez nas férias." E aí eu fiquei triste que eu falei assim: "Ah, professora, eu nunca tenho férias. Eu saio de férias, num vou pra lugar nenhum, num brinco, ninguém vem na minha casa, num fiz nada nas minhas férias". Daí ela falou assim pra mim, eu até agradeço muito essa professora. Ela falou assim: Ué, Ludimar. Inventa umas férias. Já que você não teve férias, inventa as férias que você queria ter tido. E foi acendendo um negocinho assim em mim, aí eu comecei a escrever, eu pus até uma nave espacial nas minhas férias e aí quando eu fui mostrar ela falou: Viu que férias legal! Eu fiquei toda contente. Por isso que quando eu vi Pasárgada pela primeira vez eu me encantei com a Pasárgada porque eu vi assim o Manoel Bandeira querendo fazer tudo sem poder, por causa das doenças das limitações. Em Pasárgada ele fez tudo. (trecho da transcrição do 2º encontro, 19/10/2013).

Invenção, diante das limitações.

Em Pasárgada se pode fazer tudo.

E na linguagem poética, o que é possível fazer?

Poeta Fernandes também, em um poema, se arrisca a ir embora pra...

Suspense.... Todos pensam em Pasárgada, quando surge, na continuidade de seus versos, um lugar outro...

Vou-me embora pro Samambaia
respirar ar fresco
ter com os de lá um terço
de prosa, boa conversa
e por mais que eu pouco meça
esforço táctil
quero encontrar no lábio
muito aconchego
e se faço hoje despejo
de eufemismos
que ao verso só fazem confeito
saibam que movem sutis deidades
que ao ouvirem-me, ao lerem-me
logo sabem que na ênclise
o que me separa do verbo(amar) não é o hífen
mas pra que ortogramatilidades
pois pra ser bucólico
eu preciso de mais teor alcoólico
meu sentir é tão oblíquo

quão análogo se apresenta meu estilo
porém
Vou-me embora pro samambaia
ter um papo cabeça
com os de lá
mas terei saudades
e cantarei a eles quantos amigo tenho cá
e se a rima por hora destoa
minha mente jamais á toa
tento ser o mesmo
e é isto que me enjoa.

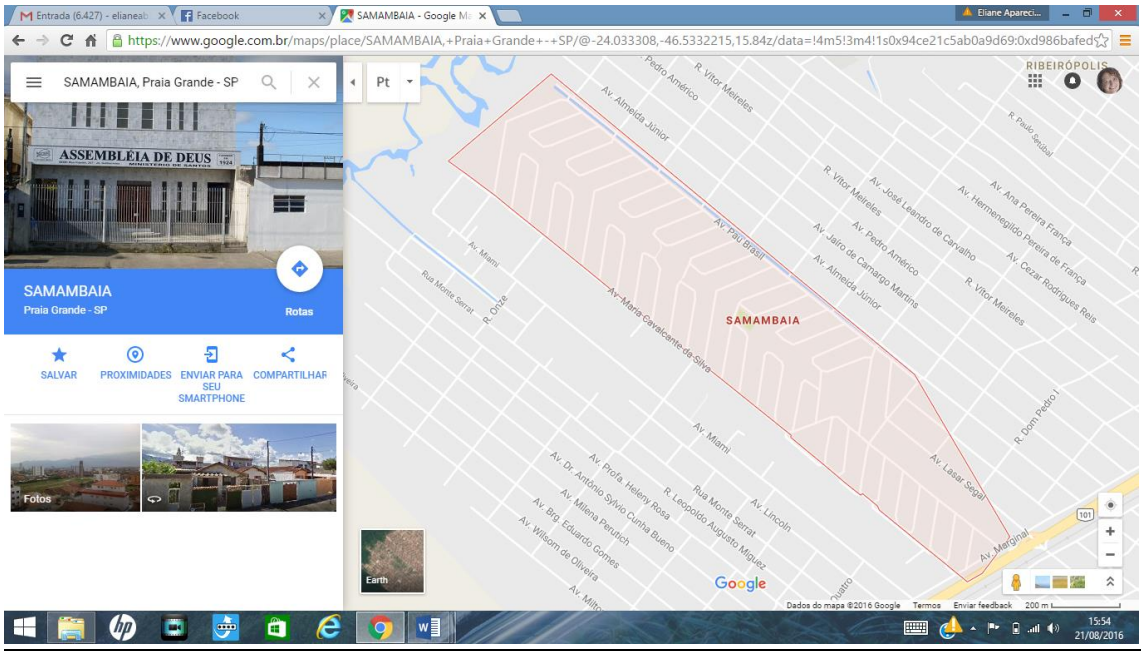
Viajo para Samambaia. Onde fica?

Ele me conta que lugar é esse:

Poeta Fernandes: E quando eu dou a pausa: "Vou-me embora pra... era pra provocar isso, porque todo mundo esperava uma referência a Pasárgada. (...) E saía Samambaia. Lá o Samambaia durante um tempo foi um dos bairros considerados mais violentos da cidade e se você olhar o Samambaia é um dos bairros arquitetonicamente pensados, mais bonito. Você coloca no Google você vê aquela folha... é lindo, eu queria ficar com isso e lá respiram pessoas, as pessoas pensam, as pessoas vivem. Apesar de morar no Quietude, pensavam que eu ia falar de Pasárgada. As pessoas achavam que eu moro no Samambaia... Aí surgiu como uma brincadeira. (Trecho da transcrição das Conversas Poéticas, 1º encontro, 08/06/2013).

Bairro em formato de folha. Pesquiso no Google Maps... lá está, a Samambaia.

Figura 27: Imagem obtida a partir do aplicativo Google Maps. Samambaia – Praia Grande. Forma de folha. Forma poética.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/SAMAMBAIA,+Praia+Grande+-+SP/@-24.033308,6.5332215,15.84z/data=!4m5!3m4!s0x94ce21c5ab0a9d69:0xd986bafede59e97a!8m2!3d-24.0329898!4d-46.5276954. Acesso em: 21/08/2016.

Samambaia bairro... Samambaia planta...

Um dos bairros considerados mais violentos da cidade...

é um dos bairros arquitetonicamente pensados, mais bonito...

você vê aquela folha...

lá respiram pessoas, as pessoas pensam, as pessoas vivem.

Pessoas vivem.

E as palavras?

As palavras ganham vida e tornam ainda mais vivo, o lugar, nas vozes dos poetas.

E Manuel Bandeira, que diz sobre poesia?

Em seu livro, *Itinerários de Pasárgada* (1957), o autor escreve:

> Um dia, ao começar a escrever um livro didático sobre literatura, tive que dar uma definição da poesia e embatuquei. Eu, que desde os dez anos de idade faço versos; eu, que tantas vezes sentira a poesia passar em mim como uma corrente elétrica e afluir aos meus olhos sob a forma misteriosa de lágrimas de alegria: não soube no momento forjar já não digo uma definição racional, dessas que, segundo a regra da lógica devem convir a todo o definido e só ao definido, mas uma definição puramente empírica, artística, literária. No aperto me socorri a Schiller, em quem o crítico era tão grande quanto o poeta, e disse com ele: "Poesia é a força que atua de maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência".
> Sabeis o que é atuar de maneira divina? Confesso lisamente que não sei. Mas conheço da poesia, por experiência própria, essa maneira inapreendida de ação: nunca pude explicar, em muitos casos, a emoção que me assaltava ao ouvir ou ao ler certos versos, certas combinações de palavras. (BANDEIRA, 1957, p. 217).

Dar uma definição da poesia?

Definição puramente empírica? Artística? Literária?

Força divina...

Nunca pude explicar...

Emoção que me assaltava...

Bandeira continua:

> Quando Schiller disse que a poesia é uma forma que atua além e acima da consciência, parece que queria referir-se àquele mundo do subconsciente que todos trazemos dentro de nós. A poesia seria então a ponto entre o subconsciente do poeta e subconsciente do leitor. (BANDEIRA, 1957, p. 218).

Forma além e acima da consciência.

Como definir?

Com essa impossibilidade de definição, Cristovão Tezza (2003), concorda:

> Definir “poesia” com algum rigor é dessas tarefas que, uma vez colocadas, parecem condenadas a priori ao fracasso não tanto pelo objeto em si, mas pelo esmagador acúmulo de História que obrigatoriamente se apresenta, o que exigirá um desdobramento metodológico (com suas variedades) que dificilmente chegaria a algum fim – ou a um princípio. As escolhas teriam de ser tantas e tais, que no máximo poderíamos chegar, instavelmente, a alguma poesia, ou a um modelo que, definido, excluiria a multidão dos outros, um pecado que parece fazer parte da natureza das vanguardas. A própria ideia de que poesia pode ser definida – e certamente pode, como qualquer outro objeto da cultura – já implica, é claro, uma moldura teórica, uma concepção de linguagem, uma visão histórica, um pressuposto estético, e daí por diante. (TEZZA, 2003, p. 36).

Definir poesia.

Tarefa condenada *a priori* ao fracasso…

Escolhas.

Chegar, instavelmente, a alguma poesia.

Objeto de cultura.

Moldura teórica – concepção de linguagem... visão histórica.

Quais minhas escolhas?

A que poesia posso chegar?

Quais minhas concepções de linguagem, de história, quando leio, ouço poemas e observo, convivo com os poetas do Sarau das Ostras?

Talvez, esse seja um ponto importante a se chegar. Lugar para se fazer uma parada nos pés cansados...

Palavras... poesia...

Palavras que recebo como presentes, como cartas deixadas em algum lugar... que me dizem coisas que os autores não pensaram em me dizer, mas que se tornam minhas, de maneiras singulares, quando as leio ou as ouço.

> Estas palabras que te envío, lector por venir, estas palabras que te doy para hacerlas durar, para insertarlas en el tiempo, para ponerlas en movimiento, serás tu el que las leas. Y las leerás con tu propia voz, con tu propia lengua, con tus propias palabras, en tu propio mundo, en tu propio tiempo. Por eso yo no puedo saber lo que estas palabras te van a decir. Las palabras serán las mismas, pero lo que digan serás tú quien lo lea, serás tú quien lo escriba. Te envío estas palabras no porque son mías, sino para que sean tuyas. (LARROSA, 2009, p. 14).

O que pode nos dizer uma palavra? Quantos sentidos diferentes, seja ela falada ou escrita, ela pode despertar em diferentes leitores? Com quantas vozes e línguas podem ser ditas, para quantos tempos e mundos podem levar? E as formas de linguagem poética, como podem ser interpretadas? A ideia de Larrosa, na citação acima, pode ser associada à visão de autores da História Cultural, como Roger Chartier (1996) e Michel de Certeau (1994), autores que analisam os modos de ler, as práticas culturais de leitura e escrita ao longo da história e as relacionam à atualidade.

Tais estudos mostram que há diferentes formas de ler, além de uma relação de poder entre as diferentes culturas. Paulo Freire (1993) vem a acrescentar a essa visão, ao dizer que não se lê apenas o texto escrito, mas também o mundo. "A leitura de mundo precede a leitura da palavra", fazendo com que a palavra volte ampliada ao mundo de quem a lê.

Também Bakhtin (1990) reconhece o papel do interlocutor na comunicação oral e escrita, como se nos questionasse, a todo o momento, sobre para quem falamos, a quem escrevemos, de que lugar falamos ou escrevemos.

Certeau, em *A invenção do Cotidiano* (1994), reconhece o lugar do leitor na leitura e na criação do texto, e o compara a um inventor. Ele

> não toma o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a "intenção" deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU, 1994, p. 264-265).

Também Rancière vê o ato de escrever envolvido num entrelaçamento entre quem lê, quem escreve...

> Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ela forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma. (RANCIÈRE, 1995, p. 7).

Na linguagem poética, é possível dizer de forma, muitas vezes, subliminar, ideias não permitidas por algumas regras e leis. Onde se esconde a palavra? O que esconde? Toma novas formas, assim como no conto de Allan Poe, *A Carta Roubada*, em que o personagem Dupin desvenda o mistério a ele apresentado, questionando as técnicas utilizadas pela polícia parisiense? "Se a carta tivesse sido depositada dentro dos limites de suas buscas, esses indivíduos a teriam encontrado, sem dúvida." (POE, 1997, p.78).

No conto, a carta que foi roubada possui uma forma. Mas Poe se coloca no lugar do indivíduo que a roubou, não subestima seus saberes e busca modos inusitados de encontrá-la. E observa que, ao mudar de "dono", a forma do objeto também muda, e que o saber do outro vai além das técnicas, além das formas pré-estabelecidas.

Na linguagem poética, é possível dizer de forma, muitas vezes, subliminar, ideias não permitidas por algumas regras e leis. Onde se esconde a palavra? O que esconde?

Talvez, conforme Bandeira supõe, no "ponto entre o subconsciente do poeta e o subconsciente do leitor".

Neste trecho da travessia, proponho-me a olhar para os elementos que compõem a pesquisa, inspirada por práticas de "detetives", buscando detectar nas leituras que faço indícios de práticas que me remetem a modos de escrever, motivos para escrever, ser poeta, pensando, com Rancière, as políticas envolvidas nessas relações: mão e corpo de quem escreve, corpo e alma, alma e comunidade. Escrita que é fortemente social, textos que dialogam com outros e entre si, olhar de quem escreve e se posiciona, consigo mesmo e com o mundo que habita.

Talvez, nessa escrita, habite também o devir de Deleuze e Guattari, que delineia possibilidades de ir além do que se vive.

> Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. Esses devires encadeiam-se uns aos outros, segundo uma linhagem particular, como num romance de Le Clezio, ou então coexistem em todos os níveis, segundo portas,

> limiares e zonas que compõem o universo inteiro, como na pujante obra de Lovecraft. (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 11).

O que são os poetas?

Que devires alimentam suas escritas? Quais suas paixões?

Leminski, ao escrever sobre poesia, apresenta-se como pensador selvagem, movido pela paixão...

> Não sou teórico no sentido como a universidade entende. Sou uma espécie de pensador selvagem, assim no sentido que se fala em capitalismo selvagem. Vou lá, ataco um lado, ataco o outro lado, meu pensamento é um pensamento assistemático, como, aliás, eu acho, é o pensamento criador. O pensamento que alimenta e abastece uma experiência criativa tem que ser pensamento selvagem, não pode ser canalizado por programas, por roteiros tem que ser mais ou menos nos caminhos da paixão. (LEMINSKI, 1987, p. 284-285).

O que buscam os poetas? Leminski continua sua apresentação, trazendo essa busca de quem faz poesia. Algo que não possui uma recompensa material.

> Daí essa coisa assim maluca de fazer poesia que é uma coisa que não dá nada pra ninguém. Se você pensar e medir à luz da lógica desse mundo, como dizia Jesus, é loucura. Eu vou dedicar agora quarenta anos da minha vida pra desenvolver uma intimidade com a palavra que, realmente, não vai me dar nada materialmente. A poesia, ela traz consigo esse caráter assim meio de, como é que eu vou dizer? Uma coisa meio masoquista. Você se dedicar dez anos a vender banana ou repolho, você vai ganhar muito mais do que fazendo poesia. A poesia não te dá nada em troca. (LEMINSKI, 1987, p. 284-285).

Que recompensa será essa, que busca o poeta?

Como e por que fazer poesia?

Sigo, então, no caminho de olhar para trechos das Conversas Poéticas nos quais os poetas dizem sobre seus processos de criação. A lupa está em minhas mãos e continuo no caminho, buscando indícios e afetos. O que é ser poeta? Como é devir poeta?

Como surgem os poemas – modos de compor

Eliane: Mas o processo mesmo? Como surge o poema pra você?
Nego Panda: Ele surge. Ele surge... ele surge...

Tal como a lapidação de uma pequena pedra, que a torna preciosa, o uso de uma palavra, por sua vez, transcende significados atribuídos. Assim pensando... [11]fico a refletir sobre os modos pelos quais se escreve um texto.

Eu faço assim: pego uma folha de papel e uma caneta e começo a escrever... simplesmente escrever, sem pensar muito. Às vezes, o início do texto já está em minha mente, outras, tenho comigo alguns tópicos da estrutura do que vou escrever – títulos, subtítulos, palavras, ideias... Outras vezes, no entanto, não faço nem ideia de como iniciar e, simplesmente, escrevo, assim, meio sem pensar.... Depois, conforme o texto vai ganhando forma, vou revisando, rabiscando, escrevendo palavras por cima daquelas que escrevi ou até mesmo mudando ideias de lugar... o início vira final, o meio do texto vai para o começo, enfim, vou "dissecando" a escrita, a fim de deixar o que escrevi com uma cara que seja minha. Melhor ou pior do que estava no início? Não sei dizer... No computador, é mais fácil. Basta deletar, recortar trechos e colar em outro lugar, mas prefiro no papel. Escrever sem a preocupação do texto estar pronto, me dá mais liberdade de escrever, sem aquela preocupação de que o texto precisa estar perfeito. Pensar que o texto está em construção e que, a qualquer momento, posso voltar a ele, acrescentar ideias, modificar palavras e mudar o sentido, me deixa mais leve. Gosto dessa ideia: texto móvel, movediço.... Que dificuldade escrever sem poder fazer rascunho, como em algumas situações que já vivenciei. Nesse caso, o processo é bem mais tenso, principalmente, quando isso envolve uma avaliação.

Pensando nos modos de escrever dos poetas, escrever sem rascunho é "fichinha" para o Nego Panda. Lembro que, quando estávamos em outros papéis, eu professora e ele estudante, muitas foram as vezes em que ele discutiu comigo essa questão, principalmente nas aulas em que falávamos sobre produção de texto e a importância de revisar constantemente o que se escreve. Eu ainda não havia pensado nessa ideia de texto movediço. Talvez isso facilitasse as coisas. Pois então, voltando ao Nego Panda... Ele dizia que escrevia e pronto. Se ele escreveu aquilo, naquele momento, é porque era aquilo mesmo que devia ter escrito. Ponto final. E nessas

[11] O texto começou a ser produzido no contexto da disciplina Tópicos Especiais em Escritos (auto) biográficos – pesquisa – formação, como proposta de escrita realizada pela Profª Maria Rosa R. M. Camargo a partir da leitura do texto "Objetos Sólidos", de Virgínia Woolf.

conversas, encerrava o assunto, mostrando-me o que havia acabado de escrever. Retomo esse ponto nas Conversas Poéticas:

Eliane: E você revisa o seu texto?
Nego Panda: Quase nunca. Eu não gosto. Eu gosto de escrever e deixar escrito. Eu acho que... escrita é sentimento. Se você começa a mudar e vamos falar... maquiar, você acaba tirando um pouco daquele sentimento que você colocou naquele momento naquela escrita. A minha visão como escritor. Então geralmente a maioria... a base do que eu tenho escrito é o que eu escrevo. Escrevo, publico e só se tiver erro de português eu vou lá e arrumo. Não sou de ficar... fazer essas revisões... esses negócios... rs. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Para Abel, o processo é outro:

Abel: Os poemas surgem pra mim em questão de rima, se eu tiver um assunto em pauta, eu vou ter que destrinchar ele, às vezes, isso aqui não rimou, e vou me isso aqui não rimou, mas eu sou uma pessoa muito perfeccionista. Se eu olhar e não gostar, já amasso e faço de novo...
Eliane: Você revisa...
Abel: Eu começo a escrever, de repente eu paro, tem poemas que demoram um mês, tem poemas que demoram seis meses e tem poemas que você faz e em duas horas tá pronto. Depende muito do sentimento que tá, amanhã você não vai estar com o mesmo sentimento que você tinha hoje. (Transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas, 23/02/2014).

Reporto-me, então, a uma pergunta que fiz nas conversas poéticas: "E se você está em um local onde não há papel nem caneta e lhe surge uma ideia, como você faz para não 'perdê-la'?" A resposta de Nego Panda foi o relato de uma situação em que estava de bicicleta, indo para a faculdade e, diante da tal "inspiração", começou a repetir constantemente o poema que havia acabado de "surgir" até chegar ao local onde poderia pegar um papel e registrar.

Eliane: Aí você tem que pegar um caderno e escrever?
Nego Panda: O caderno ou qualquer papel ou dependendo eu vou memorizando ele na cabeça até chegar em algum lugar onde tenha um dispositivo pra passar... Eu tava indo pra faculdade esses dias, aí veio uma ideia de um texto e "eu não posso parar agora pra escrever", eu ia repetindo o texto até chegar, aí eu repetia, aí fazia uma frase, vinha duas três, quatro frases e repetia o texto todinho e quando cheguei na faculdade tinha todo o texto na cabeça, aí eu passei pro papel. "Deixa eu passar pro papel senão eu esqueço..." (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Pensando bem, acho que já vivi situação parecida. O medo de "perder" aquilo que acabou passar pela mente e não se pode deixar fugir...

Para o Pelé, RO3P, escrever poemas é escrever pequenos trechos de versos que surgem e ir guardando esses fragmentos. Em algum momento, ele começa a ler todos esses fragmentos

e vai juntando todos eles, até formar os poemas e letras de música. Processo bem interessante esse: compor, a partir de fragmentos que, embora, aparentemente nada tenham a ver um com o outro, podem muito bem possuir conexões.

RO3P: (...) mas aí quando eu tenho a oportunidade de escrever alguma coisa eu escrevo duas três linhas deixo guardado, depois escrevo duas ou 3 linhas deixo guardado, aí 3 ou 4 meses depois eu pego tudo o que eu escrevi e vou juntando. Tanto é que eu tenho um sério problema que nas minhas músicas eu mal consigo impor um tema, porque eu sempre to falando de muita coisa dentro de uma música só, só que tem sentido uma coisa com a outra, não foge do contexto e chega na hora eu falo "e agora qual é o nome que eu vou colocar pra essa música" eu não consigo, mas o meu processo de escrita é assim, eu escrevo de pouquinho em pouquinho, hoje eu escrevo alguma coisa, depois de um tempo eu junto tudo e transformo tudo numa música.
A escrita é dom que a gente descobre, todo ser humano tem dom pra alguma coisa, vocação pra alguma coisa, eu descobri a minha, foi a escrita. Atualmente eu escrevo bem pouco, mas por querer... por calma, hoje eu tenho mais calma pra escrever, não saio escrevendo aquela coisa desencandeada, porque eu gosto de refazer muita coisa, eu pego uma música e "ah, não, vou refazer", então às vezes eu até escrevo de trechos em trechos, às vezes vem uma ideia na cabeça se eu to dentro de casa, se eu to na rua eu perco essa ideia, já perdi muita música, muita coisa boa por não ter o que escrever na hora e eu acabar esquecendo devido a tantos problemas pra resolver. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Escrever de pouquinho em pouquinho...

Juntar tudo e transformar numa música...

E sobre o que RO3P chama de "dom", o que seria? Pode-se falar em dom? Ou a criação estaria em algo que se constrói?

Processo de escrita... processo de criação...

E para o Abel? Que modo inusitado de conhecê-lo, antes ainda de juntar-me ao grupo e iniciar a pesquisa... Em uma roda literária, pude conhecer seu processo individual: ele chegou ao evento um pouco atrasado, sentou-se numa cadeira vazia que havia na roda, abriu um caderno em espiral e começou a escrever... Quando a roda girou, e chegou sua vez, ele levantou-se, abriu o caderno e começou a ler. O poema que havia acabado de escrever ou outro? Mistério... No terceiro encontro das conversas poéticas, foi possível conhecer outro lado de sua escrita: a vontade de construir textos que não tenham fim... começa um texto, em seguida vai continuando aquele texto, aquela ideia. A vontade de continuar a história, de não colocar um ponto final, mas ir seguindo os fios de pensamento.

Eliane: Tem um lugar específico? Na primeira roda literária que eu fui com o pessoal da Fals, eu me lembro... acho que era você, chegou ali, abriu o caderno, escreveu. Achei muito interessante, porque aí cada um vai lendo seu poema que vai seguindo a roda e chegou a sua vez e você leu o que você tinha acabado de escrever.
Abel: Aquilo ali foi o seguinte...
Fernandes: Esse segredo vai ser revelado... risos.

Abel: Eu já escrevo pra não esquecer porque de uma forma ou de outra na hora você ta naquela multidão e eu procuro escrever na hora, não foi um marketing que eu tinha feito, tinha coisa que já tinha na minha cabeça e eu procuro escrever pra não esquecer. Não é que seja uma coisa momentânea, tem coisa que eu vou lá e coloco, mas geralmente já tem um não é jogada de marketing não

Eliane: Não, é que eu achei interessante...

Mas você tem esse caderno que acompanha você.

Abel: Todo sarau que eu vou eu levo o caderno. Já tem coisas escritas e eu acabo escrevendo na hora pra eu não esquecer. Aí eu olho e falo não quer dizer que eu chego lá e faço na hora. Todo mundo acha isso.

Nego Panda: O segredo foi revelado.

Ludimar: Pra não cortar o barato que gerou uma certa popularidade a gente ficou quieto, mas... a gente sabia que ele não escrevia na hora só que ficou tão...

Eliane: Ah, então é sempre assim... entendi. (Transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas, 23/02/2014).

Fernandes e Ludimar, ao falarem sobre seus processos de criação, parecem trazer também o elemento de "lapidar" as palavras. Escrever, voltar a elas, ler, reler, revisar... ora, substituir por outra palavra, ora, transformar o início em final. Intenso trabalho de composição, processo quase artesanal.

Ludimar: Como escrever um poema? Às vezes eu sigo uma linha. As vezes aquelas palavras que vem na minha cabeça eu acho que elas merecem uma coisa mais, entre aspas, mais correta. Ela merece uma métrica, uma estrofe, um soneto, elas estão pedindo pra ser enquadradas assim. Outras eu prefiro que elas sejam mais despojadas, não tem a rima. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Nesse mesmo encontro, Ludimar fala sobre seus projetos de escrita marginal periférica e de como esses poemas estão fluindo. E declama um de seus poemas, que havia acabado de escrever.

Ludimar: Cuidado com a vida que te avacalha,
Que te deixa em cima do muro ou no fio da navalha.
Procura bem que tem uma saída.
A vida é tua. Não avacalha tua vida!

Eliane: E como surgem esses poemas, Ludimar?

Ludimar: Nossa! Essas agora eu nunca tinha me visto fazendo poesia periférica. Comecei fazer os rapzinhos assim de brincadeira e agora convivendo com eles... to escrevendo bastante... esses dias eu to concentrando só nesse tipo de música, porque no livro acho que vai sair mais umas 50 poesias. (referindo-se ao livro "Rimas inteiras para todas as quebradas, publicado alguns meses depois). *É um campo muito extenso. Tem muita coisa pra se falar... "Nossa! Eu to vivendo agora periférica mesmo..." então eu vou aproveitar esse lado pra ver se eu lanço esse livro.*

Eu comecei lembrar que às vezes vêm fogos de artifício direto aqui no Forte. E uma vez uma amiga perguntou: Por que será que aqui no Forte tem tantos fogos de artifício? A gente sabe que chegou droga, quando chega a droga, né?

"Tudo o que eu vou ler agora vem com a batidinha do rap, mas eu vou ler normal."

Lê o poema que acabou de escrever:

Comemoração
Hoje é dia de festa. Vai haver nova remessa.
Valeu o sacrifício. Vai ter fogos de artifício.
É um aviso pra comunidade que chegou coisa de qualidade
Jovens e adolescentes podem chegar, daqui a pouco vai ser liberado
O uso vai ser livre, ninguém vai barrar.
Desse uso, todos podem abusar
Viajem a vontade. Curtam a viagem
Abstinência é pura bobagem
Aqui tem material pra todas as pessoas.
É só chegar e curtir numa boa.
Pode ficar o tempo que quiser.
A gente volta sempre. Tem pra toda gente.
Biblioteca ambulante é o melhor presente.

Eliane: E você se inspirou nessa história dos fogos... E como que é, acontece, alguém fala alguma coisa, aí você fica pensando... e aí vem ... vem em forma de verso, em forma de rap?

Ludimar: Nesses últimos dias quase tudo tem vindo em forma com a batidinha do rap. Nessa a vida que te avacalha... eu misturei a vida que avacalha, mas... não é só a vida que te avacalha, a gente avacalha a vida também. Pra depois por a culpa na vida. Ficar sozinha aqui também favorece. Começo a pensar bastante... Aí do nada assim... depende das situações... (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Pergunto a Fernandes como se compõem seus poemas e ele conta como é seu processo de "lapidação":

Fernandes: Às vezes eu começo pelo meio. A ideia vem e eu falo "nossa, esse aqui não é o começo. Esse aqui é o meio de uma ideia que tem que ser criada lá. E às vezes acontece o contrário, vem as 4 últimas frases e eu falo agora eu tenho que fazer as 40 que antecedem, ou as 20, as 5. Porque às vezes o sentido está realmente naquelas últimas 4 frases, mas eu tenho que contextualizar, tenho que compor isso. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Para Fernandes, acrescenta-se o papel da oralidade. Algumas ideias são tão intensas que ele gostaria de deixar tudo numa linha só... No entanto, o papel tem margens. Mas o pensamento do poeta não...

Para Ludimar, é forte a intensidade da invenção – de uma ideia, cria outra totalmente inusitada. Da notícia da TV em que a mãe, desesperada, fala sobre o filho viciado em drogas, transforma na história de seu filho, também viciado... porém, revelado apenas no final do poema, seu vício é desenho animado.

Eliane: E aí, vamos supor, você tem uma ideia, só que você está no meio da rua, não tem como escrever, o que você faz?

Ludimar: Eu procuro mentalizar o centro do que eu estava pensando... porque eu pensei aquilo ali e aí eu procuro criar uma frase na hora pra naquela frase depois terminar. Como aconteceu uma vez, naquele tempo eu ainda trabalhava, eu tinha feito uma faxina e eu tinha

ouvido no rádio uma mulher contando o drama que ela tinha passado com o filho dela que era viciado, uma peregrinação daquela mulher...contando tudo tudo e naquele momento me surgiu que o meu filho, apesar de ser já casado, com filho, era viciado em desenho animado. Do serviço até em casa eu fui pensando "nossa, graças a Deus que o meu filho é viciado em desenho animado" e aí eu criei um poema em que a pessoa que fosse ler pensava que o meu filho era o mais viciado do mundo e termina falando que é viciado em desenho animado. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Fernandes retoma o processo de cada texto:

Fernandes: E cada texto. Esse texto que eu fiz aqui.. ele fala "eu embalado pelos seus encantos te procuro por lugares tantos que você não está, ao contrário pego retalhos de diálogos parodiados só pra assim te encontrar"... aquela conversa do ICQ que se perdeu e você fala "Cara, qual o nome dela? Que que eu falei pra ela..." retalhos de diálogos parodiados porque naquela época pra falar bonito você pegava uma frase legal, jogava na internet, parodiava aquela frase e dizia que era sua. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Nego Panda completa, falando sobre sua busca de originalidade.

Nego Panda: Eu não consigo gravar poesias de... Eu gosto de ler, mas eu não gravo, não decoro poesias de outros poetas... porque eu acho que a partir do momento se eu começar a decorar e assimilar muita informação de outros poetas na minha cabeça, aquilo vai influenciar na minha escrita. Às vezes eu me pego escrevendo frases que eu falo: "pera aí, isso não é minha..." Não é original, então eu procuro tentar me bloquear nesse sentido pra quando eu criar... E mesmo assim a gente sempre acaba fazendo algo que alguém já acabou pensando semelhante ou num futuro distante vai acabar fazendo. Quando você vê a tradução de um rap gringo o cara teve o mesmo raciocínio que você.. as coisas estão colocadas diferente... mas é a mesma ideia... (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Lapidar palavras... trazer-lhes sentidos. Realmente, pensar sobre as palavras e, principalmente sobre seus processos de escrita, transcende significados que possam ser atribuídos. Quando um texto está pronto? Não há como conceituar, definir, estabelecer... são modos de registrar que levam a criar...

fiar e desfiar...

afiar e desafiar...

afinar e desafinar...

Ao invés de definir a palavra, lapidar e ir além, deixar a palavra flutuar...

Ou, talvez, atacar a palavra, como propõe Deleuze:

"A única maneira de defender a língua é atacá-la... Cada escritor é obrigado a fabricar para si sua língua... Dir-se-ia que a língua é tomada por um delírio que a faz precisamente sair de seus próprios sulcos." (DELEUZE, 1997, p. 15).

Sarau das Ostras: cartografando o grupo

> *Seria um movimento, o Movimento Sarau das Ostras. Mas acabou fechando no grupo. Às vezes o pessoal pergunta: "Mas você é do Sarau das Ostras?" Dá vontade de falar assim: "Não, você também é."*
> *Fernandes: Claro. Porque você participa.*
> *Ludimar: Você é rapper. Então, você também é. Mas eles falam do Sarau das Ostras como sendo aquele grupo.* (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

A lupa se aproxima do grupo.

Devir Sarau das Ostras.

Devir-ostra.

Território da ostra... que aparentemente se mantém fechada, mas se abre para receber a influência do ambiente.

E o grupo? Como se mantém?

Na casa de uma das protagonistas, em Praia Grande / SP, os diálogos acontecem. Três tardes de diálogos poéticos entre seis pessoas encantadas por poesia. Uma é pesquisadora e autora deste trabalho. Os demais, poetas. O que os diferencia? No momento dos diálogos praticamente nada. Embora uma pergunte, com curiosidade, e os demais respondam, todos sentem-se à vontade para perguntar uns aos outros, a complementar as histórias que são contadas... a compartilhar afetos...

Aquela que se apresenta como pesquisadora foi professora de dois dos protagonistas em um curso de Pedagogia do local onde estão situados, estabeleceu-se uma relação de admiração, amizade e curiosidade e, nas apresentações nas quais pôde acompanhar o trabalho do grupo, surgiu a proposta de pesquisa que aqui se apresenta. Aqui, de outro lugar, ela não mais ensina – aprende poesia.

Os poetas: Ludimar, Nego Panda, Poeta Fernandes, RO3P e Abel.

Foi Nego Panda que, com base nos saraus de literatura marginal periférica que acontecem nas periferias de São Paulo, entre os quais se destaca a Cooperifa, que tem como principal representante o poeta Sérgio Vaz, decidiu organizar encontros em que tivessem lugar os poemas de literatura marginal.

Nego Panda: O Sarau das Ostras surgiu da ideia de fazer um sarau, um evento. A minha ideia era que ia acontecer, mas a gente não imaginava que assim em tão pouco tempo ia tomar o caminho que tomou.

Eliane: Foi ideia sua?

Nego Panda: Isso. Acerca do que já vinha acontecendo em São Paulo que a gente vem acompanhando e que é voltado pra literatura periférica. A intenção foi o que? Foi chamar alguns Mcs e o pessoal que fazia um rap e que o pessoal estivesse declamando suas letras em vez de cantar. Pra esse evento, foi estendido o convite pra n pessoas, diversas pessoas: Fernandes, Ludimar, Pelé, Abel... Só que o que acontece...

Eliane: Quando foi isso?

Nego Panda: Isso foi em...

Fernandes: 25 de junho de 2010.

Nego Panda: 2010. Só que eu fiz o convite e falei do sarau pro pessoal. Quando chegou o dia do sarau acharam que apenas eu que ia ficar declamando poesia. Então o pessoal foi chegando, tava tudo arrumadinho pro pessoal sentar, eu tava lá na frente esperando o pessoal, aí o pessoal foi chegando e sentando na arquibancada. E sentou a Dona Ludimar de espectadora, Fernandes, Abel, Pelé e eu em pé assim olhando e pensando: "O que eles tão fazendo ali?"

Aí comecei: "Vem pra cá, gente! Chega junto! Vamos! É, Dona Ludimar, você vai recitar também... Todo mundo aqui. É pra gente."

Que a ideia não era um grupo fechado entre Panda, Fernandes, Ludimar, Abel e Pelé... É um sarau assim que a pessoa pudesse chegar e declamar. Só que o sarau foi acontecendo, teve outras edições e a gente convidava todo mundo e só aparecia o Panda, o Fernandes, a Ludimar, o Abel e o Pelé e a gente fazia outros e convidava as outras pessoas e sempre a gente ia indo... e aí o pessoal começou chamar a gente pra ir levar o Sarau das Ostras pros lugares e acabou que meio que involuntariamente...

Ludimar: Ficou no grupo, né?

Nego Panda: Ficou um grupo. É um projeto que se estende ao coletivo, mas que ao mesmo tempo ele tem uma característica de grupo, porque tá sempre reunindo as mesmas pessoas. Então muitas pessoas pensam que ele é um grupo...

Fernandes: Eu tava lembrando aqui do primeiro sarau. Tinha jogo do Brasil. O Brasil tinha ganho naquele dia. A gente marcou pra uma data e "ah, vai ter que ser dia 25. E dia 25 tinha jogo do Brasil às 4 horas da tarde. Jogo da copa. Da copa do mundo de 2010. E o Brasil ganhou e eu liguei pra esse cara aqui e falei... "Cara... vai ter jogo do Brasil. Será que vai ter público?" Com medo mesmo, porque era o primeiro.

Eliane: Vinham mais pessoas.

Fernandes: A gente estendeu pra baixada toda. Em tese, a gente convidou todos da baixada que a gente achou que tinha uma relação com essa linguagem periférica. A ideia era essa: ser um sarau de linguagem periférica. E aí ele fez o convite. Só que aí o Brasil passou na copa, na fase anterior, passou e o sarau já tava marcado. Aí calhou de ser a data do jogo do Brasil. Eu acho que o primeiro, na verdade, até teve um boicote. Todos os demais participantes, não vieram as pessoas que a gente achou que viria, sobretudo pra se apresentar, por conta de ter havido jogo às 4h então o jogo foi até umas 5h30, 6 horas e o sarau começava 6 horas.

Ludimar: Onde foi mesmo?

Fernandes: Foi no Porto do Saber. Mas aí, ele sintetizou bem. A gente chegou... eu, a Ludimar, por mais que tenhamos sido convidados, a gente chegou realmente pra ser espectadores do que nos seria apresentado ali. Apesar da ideia nos atrair... de ter um outro sarau. A gente já tinha a Casa do Poeta fazendo alguma coisa, fazendo uma roda literária, fazendo o Sarau dos Pensadores. E aí ele veio com a proposta: Vou fazer um sarau também. Só que a gente chegou lá pra ser espectadores. Aí ele sintetiza bem quando ele fala que o sarau partiu de um evento e o reconhecimento dele e as pessoas começaram a chamar aquele grupo que aparecia nesse evento de O Sarau das Ostras, o grupo.

Eliane: E ficavam só vocês cinco?

Fernandes: Os cinco. Às vezes agregava um, o Luís Fernando já veio alguma vez...

Nego Panda: O Marcelo Moai...

Fernandes: A gente tem alguns convidados que a gente acaba arrastando, mas a base, como ele falou, talvez seja os cinco, e é os 5 a base. Mas a gente não é fechado nos cinco, a gente quer agregar mais porque quanto mais talvez mentes pensantes, e ritmos e gêneros, até de escrita, acaba enriquecendo a gente. Porque você olha o que o cara ta fazendo ali: "Nossa! Ele fez uma ideia que eu gostaria de ter feito e fez melhor." E aí ela fala de um jeito e a gente cria essa expectativa. Então a questão do grupo, de ter criado um grupo partiu do inusitado. As pessoas começaram a chamar de "Ah, aqueles ali são do "Sarau das Ostras".

Fazer um sarau...

O pessoal foi chegando...

Sentando na arquibancada.

Espectadores.

Sarau em que a pessoa pudesse chegar e declamar.

Projeto que se estende ao coletivo.

Ter criado o grupo partiu do inusitado...

Sobre o nome do grupo, Sarau das Ostras, Nego Panda conta que precisava apenas de um nome para registrar a atividade, num pequeno projeto.

Nome do grupo.

Que é um nome?

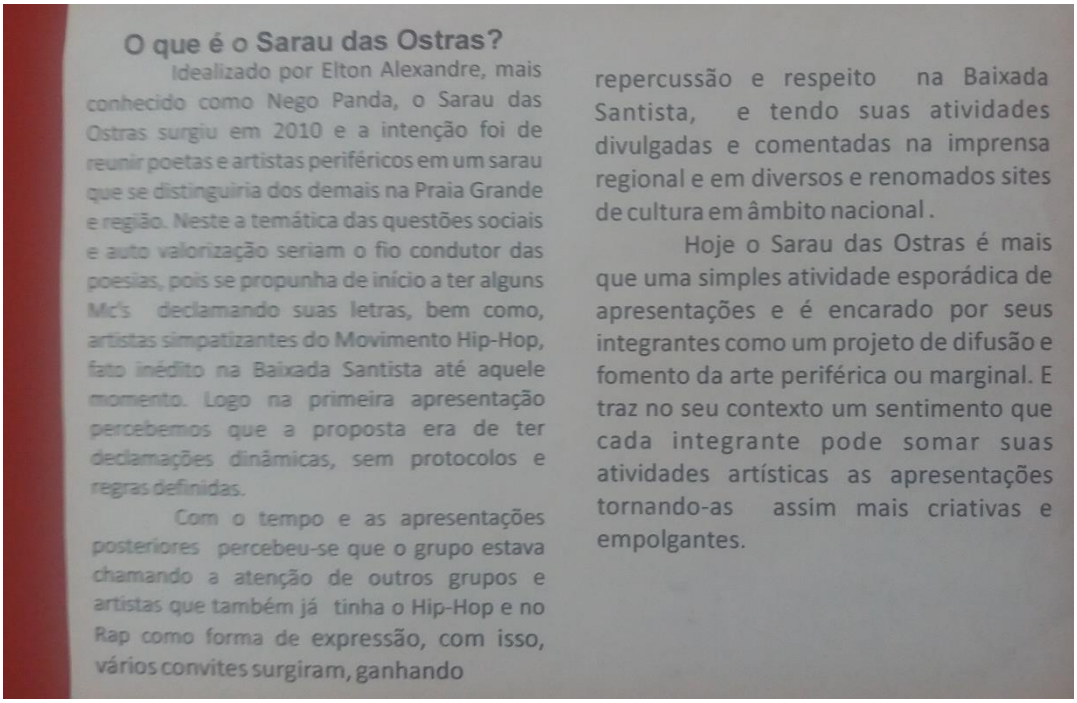
Posso existir sem ter um nome?

E um dia, pensando em como registrar o projeto, surgiu a ele que: "Nós estamos no litoral. No litoral tem ostra e a ostra tem pérola. A poesia é a nossa pérola".

Hoje faz parte de um folder que é distribuído pelo grupo nas apresentações:

> O Sarau das Ostras nasceu da ideia que a ostra é um ser presente na natureza e que vive no mar, essência dos moradores do litoral. Por outro lado, também vemos a ostra, como motivo de cobiça, por parte de exploradores sem escrúpulos que visam somente o lucro, em busca das pérolas preciosas. Estas por sua vez, são reações do molusco a corpos estranhos que invadem seu organismo, assim, como vermes ou grãos de areia. Nós a nossa maneira, com o sentimento de reação contra tudo o que nos incomoda, produzimos versos, poemas e letras, muitas de protestos e de conscientização dos problemas de nossa sociedade, estas traduzem, veemente, o valor de nossas pérolas. (Blog do grupo Sarau das Ostras. Disponível em: <http://saraudasostras.blogspot.com.br/>).

Figura 28: Sarau das Ostras em folder de divulgação.



Nego Panda: Isso, porque foi assim... pra fazer o evento tinha que mandar um projeto pra biblioteca. Inclusive eu tinha mandado o projeto pra biblioteca e pro Palácio das Artes. (...) Cheguei em casa, escrevi o projeto e pensando no nome, mas Sarau do que? Sarau disso, Sarau daquilo. Ligue pro Pelé, pensei uma coisa e outra. E aí eu tava em casa e falei: Caramba, putz... Sarau das Ostras. Minha irmã: "Sarau das Ostras? Que ostra?" Porque eu tava pensando: "Porque a ostra tem pérola e a poesia podia ser a pérola". Eu viajei pra essa ideia... Aí eu fiz o projeto e apresentei. Aí que a definição era essa que a poesia era a pérola do escritor

e tal. Mas a definição que hoje ele tem, amadurecida e bem elaborada, que a pessoa que fez escreve muito bem, que é o Fernandes Oliveira, entendeu? Aí ele sintetizou legal a ideia. E passou um tempo, depois do segundo evento e ele falou: Cara, fiz a definição. Vou mandar pra você". Na hora que eu li eu falei: "Cara, era isso, mas eu não ia conseguir colocar isso dessa forma no papel."

Mas quando o sarau surgiu, surgiu como Sarau das Ostras já, mas aí ele conseguiu sintetizar legal mesmo a essência do que era. Porque é igual o Pelé brinca: "Você quer saber a definição do sarau das ostras através da literatura marginal, dos maloqueiros ou você quer a definição do Sarau das Ostras...

Fernandes: Científica.

Nego Panda: Científica. A gente brinca com isso, porque a gente fala que a definição dele é uma pesquisa científica acerca do ser humano... risos...

Ludimar: Eu acho legal que ele explica bem o negócio das ostras...

Fernandes: Quando a gente tava indo pro segundo evento, o primeiro a gente foi como espectador, acabamos sendo partícipes e apresentando lá junto. Fomos pro segundo evento. Ia acontecer o terceiro, ia acontecer e a gente precisa colocar isso no ar, porque a gente tava colocando no particular. A definição partiu na verdade daí. A gente tinha que colocar no ar, mas como é que a gente ia definir o grupo, por mais que tenha surgido do lampejo desse garoto...

Nego Panda: Por mais que a gente explicava, a definição era a mesma, só que cada um tinha uma forma de definir. "É assim, é assado." O Pelé falava "Pergunta pro Panda..."

Fernandes: Então, a gente tava indo pro terceiro evento e a gente tinha que expor no blog. (...) Cada qual tem seus trabalhos na arte na cultura e essas apresentações ou esses encontros são a parte. Aí eu falei: "Cara, vamos fazer um blog, vou matutar uma definição pra ele... pérola... ostra... ostra, poesia... foi quando surgiu a ideia de falar que a pérola ela é a reação do molusco que absorve as impurezas do mar e quimicamente transforma na pérola que é cobiçada pelos exploradores, e talvez as nossas poesias também tenham esse caráter. A gente pega talvez as mazelas da sociedade, o que tem de ruim e com senso crítico a gente lapida, elabora, transforma numa pérola e é apreciado por muitos hoje, o que nos enche de orgulho. Talvez aquela definição ficou tarimbada e aceita e convencionou. Porque aí o que acontece: um falava uma coisa, outro falava outra, mas não definia. Convencionou, cada qual fala do seu jeito, mas virou uma convenção de que a história é essa, a co-relação da pérola com a nossa poesia, da gente pegar o que tem de mal. E realmente, fui brincar com ostra, com essência do que tem no litoral. Lá eu dei uma fantasiada que é a abstração. A essência era só fazer a co-relação entre ostra e poesia e o tipo de poesia que a gente fazia.

Nego Panda: Pra que ficasse definido pras pessoas quando vissem no blog.

Fernandes: Porque o que mais acontecia era: "por que das ostras?"

Nego Panda: Todo evento. E a gente só falava assim, né... Porque a ostra tem a pérola e a poesia é a nossa pérola. E acabava por aí.

Ludimar: Outro dia na abertura da Semana do hip hop o rapaz perguntou pra mim porquê. Aí eu lembrei, aí o Fernandes veio na minha cabeça, aí eu falei das impurezas... Eu falei olha, as letras das músicas do rap não falam das desigualdades, das injustiças? Então, a pérola também sofre todas essas impurezas pra se transformar na pérola e depois ela é apreciada. Aí eu falei "O Fernandes me salvou... Aí eu falei: é uma metáfora que a gente faz... Mas achei muito legal que é uma definição boa pra gente dar. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Definição científica...

Lampejo...

Pérola – reação do molusco.

Pegar as mazelas da sociedade.

Lapida, elabora, transforma numa pérola.

Brincar com a ostra.

Deleuze e Guattari trazem a questão do devir-escritor, escritor-feiticeiro:

"Se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo etc". (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 21).

E quando o devir do escritor feiticeiro é a ostra?

O que se pode dizer?

Devir-ostra...

O que mais dizem Deleuze e Guattari?

"O escritor é um feiticeiro porque vive o animal como a única população perante a qual ele é responsável de direito." (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).

Escritor responsável pela ostra...

Relação de afecto com a ostra...

"Pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu." (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).

Potência de um grupo que, não em modo de filiação, mas de matilha, contagiado pela ostra, devir-animal, encontram atravessamentos entre poeta e ostra, poesia e pérola. Criam relações de afecto, afectados pelo movimento...

Poetas que se dedicam a escrever, embelezar, enfeitiçar o mundo com as palavras que deixam registradas...

Para cada um deles o nome do grupo tem um significado singular. Nem todos sabem colocar esse sentido em forma de palavras.

Eliane: O pessoal falou também do significado do Sarau das Ostras. Que embora tenha um significado, cada um tem um significado próprio pra esse nome, e eu queria saber pra você qual o sentido que tem.

RO3P: Tem aquela... que a gente sempre pede pro Fernandes falar, o pessoal sempre pergunta por que Sarau das Ostras e tem toda aquela história científica que eu nunca consigo contar do jeito... falar bonito igual o Fernandes fala. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Porém, a ideia: "a poesia é a nossa pérola" permanece, assim como o objetivo de deixar registrada para o mundo a mensagem de transformação social que cada um traz consigo.

E eu, caminhante, continuo a brincar com a ostra...

Território da ostra...

Ostra que possui um território: o mar, mas que em seu movimento interno, mesmo que aparentemente fechada, permite-se uma abertura àquilo que habita o ambiente – areia, impurezas...

Seria a ostra "agredida" ou "invadida" pelas substâncias externas?

Não sei o que diriam os biólogos ou pesquisadores acadêmicos dos seres-ostras, mas aqui, em meu devir-poeta, permito-me pensar a partir da ideia dos poetas do Sarau. Poetizar com eles... em linhas movediças...

"A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas." (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 12).

Ostra... que, territorializada, se (des)territorializa ao abrir-se às substâncias e impurezas e se (re)territorializa ao produzir a pérola.

Produção da pérola... movimento estético... movimento político...

Produzir algo novo frente aos obstáculos e dificuldades que se impõem.

Movimento que, por se tratar de um grupo, é também movimento coletivo...

Poetas que se encontram em meio aos desvios de suas rotas poéticas. Como se encontram?

Volto a Deleuze e Guattari:

> O Universo não funciona por filiação. Nós só dizemos, portanto, que os animais são matilhas, e que as matilhas se formam, se desenvolvem e se transformam por contágio. Essas multiplicidades de termos heterogêneos, e de co-funcionamento de contágio, entram em certos agenciamentos e é neles que o homem opera seus desvios-animais. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 24).

Os autores referem-se, também, ao "anômalo", que seria um adjetivo utilizado pelos feiticeiros, "para situar as posições do indivíduo excepcional na matilha." (2012, p.27).

Seriam os participantes do Sarau das Ostras "anômalos" que, em suas matilhas, se destacaram e, num devir-poético, acolheram-se uns aos outros e criaram um grupo?

"Nem indivíduo, nem espécie, o que é o anômalo? É um fenômeno, mas um fenômeno de borda. (2012, p. 28).

Fenômeno de borda...

Poesia de borda...

Poetas que desenvolvem práticas às quais denominam "marginais". De onde vem essas práticas?

Ler com os outros / ler em voz alta: em busca de indícios de uma prática das entremargens

Lugar onde se faz
O que já foi feito,
Branco da página,
Soma de todos os textos,
Foi-se o tempo
Quando, escrevendo,
Era preciso
Uma folha isenta.

Nenhuma página
Jamais foi limpa.
Mesmo a mais Saara,
Ártica, significa.
Nunca houve isso,
Uma página em branco.
No fundo, todas gritam,
Pálidas de tanto.
(LEMINSKI, *Plena pausa*, 2002, p. 113)

Grupo que se reúne para ler.

Que organiza encontros para declamar, cada integrante, poeta. Leituras sobre aquilo que os incomoda.

Leitura daquilo que escrevem e daquilo que gostam de ler.

De onde vem essa prática?

Seguirei novas pistas, agora viajando no tempo e na História da leitura e da escrita.

Chartier... Bakhtin... Darnton... Que pistas me dão em seus estudos?

Chartier (2009) apresenta a história da leitura na Espanha dos séculos XVI e XVII, com os declamadores de poemas que compartilhavam textos diversos, por meio da leitura em voz alta, com artesãos e camponeses. As práticas de leitura em voz alta eram comuns.

"Escutar ler. No século *XVII, a prática é frequente. Nos exércitos* em campanha, tal prática preenche as horas de folga, fortalece as amizades, nutre os pensamentos". (CHARTIER, 2009, p. 149).

"Ouvir ler, ler a dois, falar de livros, conversar no meio deles pressupõem leitores que com frequência leem a sós, na intimidade, mas fazem um uso social do livro". (CHARTIER, 2009, p. 151). O autor apresenta os modos como os locais públicos se tornavam palcos de leitores e poetas, em momentos que se tornavam de partilha e lazer:

> Na Espanha dos séculos XVI e XVII, formam-se auditórios populares para ouvir a leitura em voz alta de vários escritos, sobretudo novelas de cavalaria. São ouvidas pela gente humilde da cidade (...) os camponeses e a família do

> *estalajeiro* (inclusive a criada Maritornes) ouvem os relatos sem o menor cansaço, desejando, ao contrário, que nunca terminem - "gostaria de ficar ouvindo-os noites e dias" *(Quería estar oyéndolos noches y dias)*, declara o dono da casa. Outros textos, porém, também favorecem tais leituras, como os dos *pliegos sueltos* ou *pliegos de cordel*. Parentes no formato tipográfico (in-quarto com duas a dezesseis páginas) e na forma poética (em geral são romanças octossilábicas e assonantes), essas peças destinam-se à oralização: seus títulos, de estruturas fixas, podem ser criados por quem as vende (...) e seus textos facilmente declamados, perante um público que tem acesso à escrita através do ouvido. (CHARTIER, 2009, p. 155).

Auditórios populares... leitura em voz alta... ouvir sem cansaço... peças destinadas à oralização...

Que podem ter em comum a leitura em voz alta do século XVII com as práticas de leitura atuais? De que forma tal leitura se modificou até chegar ao que chamamos hoje de literatura marginal periférica?

Bakhtin (2003) também deixa alguns indícios, em análise do contexto de Rabelais, na França, aponta o papel das praças como locais em que aconteciam feiras e palcos abertos, nos quais havia o predomínio da oralidade. Ao relatar as andanças do escritor pela província de Poitou no séc. XVI, temos que lá ele pôde:

> Familiarizar-se com outro aspecto muito importante da vida da praça pública: os espetáculos de rua. Foi lá que muito possivelmente ele adquiriu conhecimentos especiais sobre os tablados sobre os quais se representavam as comédias: eles eram erguidos em pleno centro da praça e o povo se apinhava à sua volta. No meio da multidão, Rabelais assistia à interpretação dos mistérios, moralidades e farsas. (BAKHTIN, 2003, p. 134).

O autor enfatiza também a “alegre literatura recreativa dos estudantes” e analisa esse contexto como fundamental para a obra do autor estudado. “Rabelais conhecia muitíssimo bem o chão da feira, e, como veremos mais adiante, soube compreendê-la e exprimi-la como uma profundidade e um vigor excepcionais. ” (BAKHTIN, 2003, p. 133).

Assistir à interpretação de comédias.

Conhecer o chão da feira.

Produzir escritos.

Espaços semelhantes são apresentados por Darnton (2014), nos quais as produções se transformavam em músicas e havia ampla divulgação à sociedade, utilizando também o espaço das ruas da França do século XVIII, alguns acompanhados de parceiros com instrumentos musicais, chapéus e roupas chamativas, situavam-se em posições que pudessem atrair os passantes:

> Um poema espirituoso com uma melodia contagiante se espalhava pelas ruas com força irresistível e, frequentemente, poemas novos se seguiam a ele, levados de um bairro para outro como rajadas de vento. Numa sociedade semianalfabeta, canções funcionavam, até certo ponto, como jornais. Forneciam uma crônica sobre os fatos do momento. (DARNTON, 2014, p 84).

Tais leitores, cantores e declamadores não eram reconhecidos socialmente, e já possuíam o olhar marginal das pessoas da sociedade:

> Cantores de rua viviam à margem da sociedade estabelecida, como mendigos itinerantes; eles também tinham muito em comum com os mascates, porque com frequência vendiam folhetos, manuscritos ou impressos, com a letra de suas canções. Os folhetos pareciam livretos e almanaques populares que os mascates comercializavam nas ruas, entoando pregões. Em geral, continham seis, oito ou doze páginas impressas, às vezes com as notas musicais, e eram vendidos por seis *sous*. (DARNTON, 2014, p. 92).

Declamadores de rua... à margem...

Escritas transformadas em músicas...

Publicações impressas.

Nos estudos citados, desses três autores, a abordagem referente aos indícios remetem a práticas que até hoje são observadas nas práticas ditas "marginais" de leitura e produção escrita e artística: práticas de oralidade em espaços públicos, que buscam modos inusitados de atrair as pessoas que passam pelos locais, a partir de uma linguagem ritmada, que quer se fazer atraente ao público ao qual se procura captar a atenção e, de certa forma, contagiar. No caso do público referido neste estudo, contagiar pela poesia.

Escrita como oposição / resistência / protesto

E a escrita como modo de resistir aos poderes estabelecidos? Como a encontramos nos diferentes momentos da história?

Em Darnton (2014), é possível conhecer poemas produzidos na França do século XVIII por grupos que se opunham ao governo da época e se utilizavam, inclusive, da ironia e do sarcasmo para manifestar suas posições políticas. Trata-se do Caso dos Catorze, grupo que passou a ser perseguido pela polícia após a divulgação de versos que atacavam o rei. Após envolver o leitor numa trama de mistérios que vão sendo descobertos, o autor apresenta reflexões interessantes sobre as redes de comunicação existentes na época e também sobre o poder da escrita, que toma forma de oralidade.

> São odes – versos trabalhados à maneira clássica e com um tom elevado, como se tivessem sido feitos para a declamação num palco ou numa tribuna pública. Eles têm em mira um alvo e se dirigem direto a esse alvo – seja Luís XV, censurado por sua frivolidade; o príncipe Edouard, louvado por sua bravura abnegada; ou o povo francês, personificado como um corpo outrora orgulhoso e independente, e então decaído no servilismo. A indignação – raiva, a clássica indignatio romana – era a paixão propulsora nesses poemas. (DARNTON, 2014, p. 61).

Versos escritos para declamação... Indignação. Paixão.

Essa forma de oposição ao poder vigente também ocorreu nas décadas de 1960 / 1970 no Brasil, na época da ditadura militar, momento em que poetas, músicos e compositores também deixavam suas mensagens por meio das criações que produziam. A censura era intensa e os mesmos se encobriam sob pseudônimos, assim como lapidavam as mensagens para que ficassem subentendidas e, dessa forma, escapassem às perseguições.

Paulo Freire, em *À sombra desta mangueira* (2001) reflete sobre sua situação de exilado. Em diálogo com esse texto, o escritor Fernando Batinga escreve o texto *Carta a Paulo Freire* (1978), no qual apresenta também a visão de língua enquanto cultura, bem como a angústia de quem tem a função de escrever em outro país:

> O escritor exilado sofre as mesmas agruras que os demais exilados, embora carregue uma outra cruz, que é a língua, a comunicação, a necessidade de contato com outros escritores e leitores. No exílio, o escritor se depara com a mais brutal das solidões. (...) o escritor no exílio está mais só; resta-lhe apenas o papel, a máquina; e nesta luta desigual ele deve expressar o sussurro de seu povo, resistência de uma cultura encurralada. (BATINGA, 1978, p. 286).

Num país colonizado, cuja história é marcada por explorações e injustiças, diferenças sociais, alguns autores se autodenominam "marginais", buscando subverter os padrões da literatura, desde a década de 1970, com o contexto da ditadura militar, em que jovens de classe média ou alta, ligados a universidades e atividades artísticas, tais como cinema, música e teatro produziam literatura. Escondidos atrás de pseudônimos, por meio da escrita, estes poetas denunciavam, em universidades, bares e demais ambientes frequentados pela classe média, situações de exploração, quase sempre políticas, utilizando-se de palavrões e estruturas que rompiam com as vanguardas da época, como é o caso do concretismo.

Artistas como Chico Buarque, Caetano e tantos outros que, em suas canções, enviavam seus recados.

> Apesar de você
> Amanhã há de ser

> Outro dia
> Você vai ter que ver
> A manhã renascer
> E esbanjar poesia
> Como vai se explicar
> Vendo o céu clarear
> De repente, impunemente
> Como vai abafar
> Nosso coro a cantar
> Na sua frente. (BUARQUE, 1978).

Apesar de você... que coloca à minha frente tantos desafios, eu canto, eu faço poesia.

E atualmente, quantos se consideram "analfabetos" de uma cultura elitizada e, diante disso, constroem seus próprios modos de dizer, ler, escrever...

O Brasil acompanhou também a produção da Geração Mimeógrafo, estudantes da classe média à margem do sistema editorial, que imprimiam textos de sua autoria e distribuíam, como forma de protesto. Faziam parte dessa geração poetas como Chacal, Francisco Alvim, Torquato Neto. Eram poemas em linguagem coloquial, com gírias e palavrões. De acordo com artigo publicado no Cândido, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná:

> A ideia de coletivo, da geração mimeógrafo, também diz respeito à maneira da circulação, uma espécie de compartilhamento, dos poemas. "Eles começaram a divulgar os seus trabalhos em textos mimeografados, distribuídos em bares, cinemas, teatros etc.", lembra o poeta, tradutor e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Paulo Henriques Britto[12].

Assim como tantas pessoas já se utilizavam da linguagem poética para protestar, declamavam novelas de cavalaria, e peças poéticas destinadas à oralização, nos dias atuais, esse termo, marginal, é utilizado por poetas de periferia, para denunciar situações de violência, carência de bens materiais e práticas das classes populares, expressando-se por meio de poemas e músicas do *rap* e *hip hop*. Tais poetas não precisam esconder sua identidade, assim como o faziam aqueles que viviam num regime de ditadura. Pelo contrário, fazem questão de dizer quem são, de mostrar seus rostos e revelar sua voz. É possível identificar nesses movimentos as estratégias e táticas de que trata Certeau: " 'o Povo fala'. Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida..." (CERTEAU, 1998, p. 222).

Érica Peçanha do Nascimento (2006), em sua pesquisa de Mestrado realizada na Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, analisa a apropriação recente da expressão

[12] Disponível em: < http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=938 > Acesso em: 19/01/2016.

"literatura marginal" por escritores oriundos da periferia de São Paulo e estabelece algumas comparações entre a geração dos anos 70 e a atual. Uma das diferenças apontadas pela autora é que "esses dois movimentos brasileiros de literatura marginal se concentraram em espaços geográficos diferentes. Os poetas marginais dos anos 1970 proliferaram em maior número no estado do Rio de Janeiro e a nova geração de escritores marginais, constituída por escritores da periferia, é predominantemente composta por moradores de São Paulo – embora seja preciso considerar que os dois estados componham o eixo cultural dominante no país". (NASCIMENTO, 2006, p. 20). Alguns representantes do movimento atual da literatura marginal, à qual se acrescentou o termo "periférica" são Ferréz, que é considerado um dos precursores, Sacolinha, Alessandro Buzo e Sérgio Vaz, o último deles também fundador de uma cooperativa e um sarau que ganhou espaço nos últimos anos na periferia de São Paulo, à qual se deu o nome de Cooperifa.

Nascimento (2006), ao analisar três edições da Revista *Caros Amigos* que abordaram a temática, apresentando poemas periféricos, destaca algumas características dessa escrita e dos seus escritores:

> textos relacionados aos problemas sociais, à vida e à prática social dos membros das classes populares, ou nos termos dos escritores estudados, do "povo da periferia". Os temas privilegiados foram: o cotidiano das classes populares, a violência urbana, a carência de bens e equipamentos culturais, as relações de trabalho e a precariedade da infraestrutura urbana – sempre calcados numa ideia comum sobre o espaço social da periferia. Do mesmo modo, a descrição física dos cenários (das casas, das favelas, das ruas sem asfalto, do esgoto a céu aberto, etc.) e das características das personagens (negros humilhados pela polícia e pela sociedade, mães que se tornaram arrimo de família, pais alcoólatras, jovens sem oportunidades educacionais e de trabalho, trabalhadores explorados por maus patrões, vizinhos solidários, etc.) estão relacionados aos problemas encontrados neste espaço. (NASCIMENTO, 2006, p. 34).

A autora, a partir dos estudos da Antropologia, interpreta a literatura marginal como um "movimento literário-cultural" e observa também que "a maior parte dos autores demonstrou pouco domínio dos códigos tidos como cultos, construindo seus textos a partir de recursos literários simples" (p. 35), assim como o uso da linguagem coloquial, o emprego de gírias das periferias urbanas brasileiras e palavrões. "Um diferencial importante é que os escritores apresentaram regras próprias de concordância verbal e do uso do plural que destoam das normas da língua portuguesa, tanto nas construções das frases como nos neologismos exibidos". (NASCIMENTO, 2006, p. 35). Em continuidade da análise, a autora afirma que as produções podem ser consideradas como "materializações bem-sucedidas de escritores originários de um

grupo social que, tradicionalmente, está excluído como sujeito do processo literário. (2006, p.56).

Pode-se afirmar que tais escritores se propõem a produzir uma literatura que seja porta-voz dos marginalizados sociais, que possa transformar em palavras, vozes e sons aquilo que moradores das periferias urbanas vivem e pensam sobre o mundo. É um movimento que têm, a cada dia, conquistado seguidores, como é o caso do grupo Sarau das Ostras.

Os poetas do grupo Sarau das Ostras utilizam-se de espaços escolares, ruas, bibliotecas, livrarias e calçadões de praia no litoral de São Paulo para compartilhar poemas, a maior parte deles de sua autoria, muitos com ênfase no fazer político e social, apresentando-se nesses diferentes locais, para divulgar sua arte. Em um movimento dinâmico, eles intercalam suas falas entre si e apresentam poemas de sua autoria que tratam de temas como fome, corrupção, injustiças e desigualdade social. Ao compararem o movimento da literatura marginal periférica com o movimento da literatura marginal existente no Brasil nas décadas de 60 e 70, época da ditadura militar, os participantes comentam:

Nego Panda: É outro movimento.

Fernandes: Até um comparativo. Existem até textos que fazem essa comparação. A diferença das duas.

Nego Panda: A literatura marginal da década de 70 era altamente política, com mais pessoas mais da classe média.

Ludimar: Que não podiam se identificar. Tanto que sobre o Chico Buarque temos até o exemplo do Julinho da Adelaide.

Fernandes: A literatura marginal periférica vem com identidade própria, mostra a sua cara. Porque também não tem uma ditadura por trás.

Ludimar: E é mais da periferia mesmo. (Trecho da transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas, 19/03/2014).

Literatura política.

Uma literatura que "mostra sua cara" e, portanto, os poetas fazem questão de se identificar, de dizerem seus nomes e codinomes, de usar as praças para que suas palavras, ao ganharem as ruas, também possam ganhar força para transformar a realidade questionada.

> A poesia tida como marginal é aquela que não ocupa as cadeiras de cátedra, nem tampouco aspira à imortalidade burocrática. Ela vai de boca em boca, beco em beco, nos muros e paredes de madeirite, em panfletos colados em postes, em cima do palco na voz do MC, quem sabe na roda de amigos, regados a um bom copo de cerveja, e traz à tona um pensamento de denúncia e renuncia às frívolas e conservadoras formalidades literárias. (FERNANDES OLIVEIRA, Contracapa do livro de NP, Poesias de um mundo louco, 2011).

Poesia que se encontra nas margens da cidade, nas bordas, ou dobras que se vincam pelos modos de fazer, poético, reverberando em fronteiras fervilhantes pela criação, pela exuberância das palavras que nunca se esgotam em si mesmas, no entremargens turbilhonado, se assim se pode dizer, de uma escrita que marca, que dá pistas de si mesmos sem perder, num contexto-multidão, singularidades que afetam.

Como segui-los? Onde se posicionam na ordem das palavras e da vida?

As pegadas que, pesquisadora, ensaio, tentarão aproximá-la desse (des)território inusitado tão comum...

Atravessar...

4. ATRAVESSANDO FRONTEIRAS. EM DIREÇÃO ÀS MARGENS, BORDAS... POESIA MARGINAL? POESIA MENOR?

Se o poeta falar de flores, ouçam as flores do poeta.
Se o poeta falar de amores, curtam os amores do poeta.
Se o poeta fizer críticas, analisem o raciocínio do poeta.
Se o poeta filosofar, pensem com o poeta.
Se o poeta sofrer, entendam a dor do poeta.
Se o poeta vencer, aplaudam o poeta.
Se o poeta vibrar vibrem com o poeta.
Mas, se o poeta quiser falar de sangue, respeitem o poeta.
Se quiser falar do absurdo, respeitem o poeta.
Se quiser falar do irreal, respeitem o poeta.
Se quiser falar do que não se acredita, respeitem o poeta.
Se quiser calar, respeitem o silêncio do poeta.
Só não o obriguem a calar-se.
Não o obriguem a dizer o que não quer.
Não digam a ele o que deve ou não deve dizer.
Se vocês não concordarem com o poeta, o poeta respeitará vocês.
Só não digam a ele o que deve ou não deve dizer.
Não atrofiem o poeta.
Não tirem a essência do poeta.
Não deturpem a verdade do poeta.
Não roubem a liberdade do poeta.

(Livre. In: MOLINA, *Rimas inteiras para todas as quebradas*, 2014, p.28).

A palavra

amor

caiu na página

como semente em terra

germinando deu dor

na fértil e inocente

alma de um poeta

(Semeadura. In: FERNANDES OLIVEIRA, *Minhas pegadas na areia*, 2011, p. 15)

Não quero a poesia marcada
Na poética sílaba talhada
Entre quarteto ou terceto
Quero mais que a métrica
Longe da contagem certa
A liberdade ao que me cerca
Não me importa a homegeneidade
Esqueça a gramaticidade
Poesia é mais
É liberdade, é cantar a vida
Viver a vida ou versar a morte
É chorar e não ter medo de ser forte
Chega da palavra marcada
Do esquema acertado
Poesia é mais que isso
(Nego Panda. Momento Poético. In: Gotas de Vinagre, 2013, p. 33)

Escrever sobre bordas...

Bordas (im)possíveis.

Margens, fronteiras, pedaços de pensamentos.

Bordas litorâneas... Onde as ondas se movimentam... Onde vivem as ostras... seres que, mesmo fechados em conchas, se abrem... Transformam as impurezas em pérolas.

Bordas da cidade... Locais de passagem... de criação... de poetas....

Poetas que transcendem as fronteiras do lugar. Sarau das Ostras. Grupo que cria... Que diz sim. Que diz não. Poetas das margens?

Bordas da página... Margens do papel... Local onde se registra o que não cabe. Margens dos livros produzidos pelos poetas. Livros de poemas marginais... Trans-bordantes...

Nesse trecho do caminho, penso sobre o modo como os poetas do grupo pesquisado se autodenominam: poetas marginais.

Pergunto: o que é ser marginal?

Leminski tem uma possível resposta – poética:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha. (Paulo Leminski)

(...) quando eu lancei meu livro eu falei que aquele livro não era uma vitória minha, era uma vitória de quem morava na periferia, que não tinha um contato assim, como vou falar... aquele contato direto com o autor ou com a literatura em si. Esse contato surge maior para nós moradores de periferia de 99, acho que de 99 pra cá, 99, 98 pra cá, em que começa a explosão da literatura marginal periférica. Vem com o Ferréz, a explosão começa com o Ferréz, mas tem uns livros antes que foram publicados pelo Sérgio Vaz, o Sérgio Vaz publica alguma coisa antes, mas a explosão começa com o Ferréz. A partir desse momento eu percebo que a gente que é da periferia encontra uma porta de escape dentro da literatura e a gente consegue se ver como autor, como escritor. Então quando eu fiz meu livro, a intenção era essa, era mostrar que a gente que tá jogado nos confins da cidade, lá na parte esquecida da cidade, também pode fazer literatura. Não são só os clássicos que tão pra isso. Então o meu livro... eu fiz, mas eu não sinto que ele é meu, eu sinto que ele é da comunidade, ele é da população. (Nego Panda. Transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas. 23/02/2014).

Margem... marginal... marginália...margear...

Enquanto caminho, coloco-me a imaginar...

O que é uma margem?

Que força ela tem?

Penso sobre o que é a escrita marginal periférica e os processos de autoria envolvidos nessa produção.

Poetas que se auto intitulam marginais.

O que isso traz para pensar?

Margem...

Segundo o dicionário Michaelis[13]:

> **margem**
> mar.gem
> ***sf*** (***lat margine***) **1** Beira, riba, terreno que ladeia um rio ou corrente de água. **2**Praia, litoral. **3** Cercadura, fímbria, orla. **4** Espaços sem letras de cada um dos lados de uma obra impressa ou manuscrita. **5** Leira de terra lavrada e compreendida entre dois sulcos. **6** Espaço livre de tempo ou de lugar. **7**Tolerância: ***Margem de erro***. **8** Ensejo, faculdade. **9** ***Bot*** Linha de contorno de um órgão vegetal, que pode ser lisa ou recortada. **10** ***Geogr*** Limite entre as águas marítimas, lacustres e fluviais, e a terra. **11** ***Econ*** Nas operações a termo em Bolsas de Valores, a parte do valor da operação que o comprador a termo deposita, como garantia contra eventuais não liquidações da operação contratada. ***M. de erro:*** número de erros que são aceitáveis num documento ou cálculo. ***M. de lucro:*** diferença entre o preço de venda e o preço de compra de uma mercadoria. ***M. de sementeira:*** o mesmo que ***leira. À margem de:*** fora de. ***Dar margem:*** dar ensejo, ocasião. ***Deitar ou lançar à margem:*** abandonar, desprezar.

Estar à margem...

Margem do rio... litoral... limites... margem da página... os poetas estão à margem da cidade, nas periferias.

Estão à margem? Fora de?

E o que fazem com esse "fora"?

A que isso dá margem ?

Margem de erro? Margem de lucro?

Margem de pensamento... margem que permite criar... devanear...

Na margem. Nem lá, Nem cá. Ou lá e cá? Aqui e acolá?

Quando viajamos, às vezes, pegamos a marginal.

---

[13] Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=margem> Acesso em 18/01/2016.

Via que fica à margem de um rio e que dá acesso a diferentes lugares. Basta decidir em qual rua ou avenida se aventurar.

Margem.

Aqui estou... escrevendo palavras “nas margens”, rabiscos na folha de papel. Devaneios.

Devanear sobre a margem do Grupo Sarau das Ostras.

De Rio Claro a Praia Grande. Como chegar?

Durante quatro anos trilhei esse trajeto de ônibus semanalmente. Atualmente, vez ou outra visito os amigos que conheci no litoral, ora a passeio, ora para as conversas poéticas.

O ônibus sai da rodoviária e toma, dentre outras rodovias, a Washington Luiz, a Anhanguera, a Bandeirantes, a Anchieta.

Passa por cidades que ficam à margem do Rio Tietê. Às vezes, entra no município de São Paulo, pela marginal do Rio Pinheiros. Outras vezes, atravessa o Rodoanel, passando também por diferentes rios. Desembarca próximo ao mar, com paradas nas cidades de Santos, São Vicente e Praia Grande.

Para, como o rio, desembocar no mar, passa pelas margens de diferentes rios.

Quantas vezes viajo envolvida em leituras, viajando por meio de livros que me prendem entre suas margens.

E olhando pelas bordas das janelas, eu sigo olhando as margens das cidades por onde o ônibus passa. Margens que carregam muros, favelas, pessoas, caminhantes... quantos escritos por entre esses cenários. Vidas escritas, inscritas.

O que há nessas margens, que despertam tanto a atenção de pessoas como eu?

O ônibus continua na pista. E eu sigo pistas... indícios... restos... inteiros... práticas... sujeitos...

Permito-me seguir, por entre as margens, marginais, para onde elas levarem as águas e palavras do meu pensamento.

As margens do rio... Entre as margens. Entremargens

Oco de pau que diz:
Eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triztriz
Risca certeira
Meio a meio o rio ri
Silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz:
Risca terceira

Água da palavra
Água calada, pura
Água da palavra
Água de rosa dura
Proa da palavra
Duro silêncio, nosso pai

Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri
Por entre as árvores da vida
O rio riu, ri
Por sob a risca da canoa
O rio riu, ri
O que ninguém jamais olvida
Ouvi, ouvi, ouvi
A voz das águas

Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
Tora da palavra
Rio, pau enorme, nosso pai
(Caetano Veloso / Milton Nascimento. Terceira Margem)

O rio corre. Segue firme seu trajeto.

Mas, o que há em sua margem?

Objetos... detritos... mata...

Mata ciliar...

> **O que é uma mata ciliar**
> É um tipo de cobertura vegetal nativa, que fica às margens de rios, igarapés, lagos, nascentes e represas. O nome "mata ciliar" vem do fato de serem muito importantes para a proteção de rios e lagos tal como são os cílios para nossos olhos. As matas ciliares também são conhecidas como mata de galeria, vegetação ribeirinha ou vegetação ripária.
>
> Em Regiões com problemas de desequilíbrio ecológico a mata ciliar não é capaz sozinha de impedir a erosão das margens, ela apenas ajuda. Rios em processo de assoreamento tendem a sair de seu leito com mais facilidade durante as chuvas, provocando inundação e solapamento das margens. As árvores não resistem às constantes agressões sofridas e terminam por serem levadas pela força das águas e a falta de superfície de sustentação.
> Site Guia Ecológico. A Importância das matas ciliares. Disponível em: <https://guiaecologico.wordpress.com/2012/04/04/a-importancia-das-matas-ciliares/>

Quando devastada essa mata, o rio pode morrer... o rio seca? Ou transborda? Ou a natureza passa a agredir, destruir tudo à sua volta.

O que é a força da margem de um rio?

Dos cílios dos rios para os cílios dos olhos.

Olhos que atravessam o enigmático conto de Guimarães Rosa.

Terceira margem do rio.

Menino que vê o pai sair na canoa.

Madeira, beira.

Dá vau, triztriz.

Vai e não volta. Não está mais. Mas está.

Está nos momentos vividos, na comida que ele leva todos os dias escondido na margem do rio.

Nas lembranças. Na saudade.

No pensamento que sente falta.

Na imaginação que leva a pensar sobre os motivos que levaram o pai a partir.

No convite para ocupar seu lugar na canoa.

Na coragem. No medo.

No desconhecido.

Desconhecido que está logo ali. E, ao mesmo tempo, não está.

Terceira margem? Onde ela fica?

Lugar ou não lugar?

No tempo que passa – atemporal.

Não existe mais. Mas existe. Onde está?

De que forma? Qual sua materialidade?

Da água do rio para a água da palavra... quanto há de força nessa palavra, que se encontra nesse “entremargens”?

Asa da palavra.

Para onde ela permite voar?

Continuarei a viagem...

Para as margens.

Margens das páginas dos livros de poemas

Margem da cidade. Fronteiras.

Bordas do pensamento.

Canais para os sentimentos.

As margens da página.

Livros publicados por poetas sonhadores de palavras: poemas sem margens...

Cartografias em devaneios e versos...

> Há quem passa a vida inteira lendo sem conseguir nunca ir mais além da leitura. Ficam presos à página, não entendem que as palavras são pedras postas atravessando a corrente de um rio. Se estão ali é para que possamos chegar a outra margem, a outra margem é o que importa. (SARAMAGO).

O que se lê nas entremargens de um livro?

E o que se escreve à margem de uma página?

Às vezes, explicações do texto que se lê... outras ideias... o que o tempo faz pensar... símbolos... desenhos... pequenas garatujas... devaneios.

E o que seria uma escrita das margens? Em contato com os livros, é possível folhear, devanear, mergulhar...

Cinco poetas – livros ou poemas em livros / CD.

Conteúdo dos livros: afetos... formas de afetar-se diante de situações cotidianas.

Livros... versos livres... poemas di-versos...

Olhar para o objeto-fonte-material LIVRO

O que é um livro?

Material tão simples, folhas encadernadas, que alguém folheia e nele lê palavras?

Como olhar para tais palavras?

Como Bachelard, que se descreve como um sonhador de palavras escritas:

> Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. (...) As palavras assumem então outros significados, como se tivessem o direito de ser jovens. E as palavras se vão buscando, nas brenhas do vocabulário, novas companhias, más companhias. (BACHELARD, 20019, p. 17).

Livro... livra... livre... livrante... livraria... livreto... livrania... livraberto... livramento... livronia... livroasa... livroverso...

"Um livro é sempre, para nós, uma emergência acima da vida cotidiana. Um livro é a vida exprimida, portanto um aumento da vida". (BACHELARD, 2009, p. 88).

Devaneios... Olho para cada um dos livros à minha frente. Aqui estão eles: *Ludicidade, Entre pedras e gavetas, Rimas inteiras para todas as quebradas Minhas pegadas na areia, Poesias de um mundo louco, O sonho dus guerreiros não morre,* tendo como suporte um CD, *Gotas de vinagre*, antologia com poemas de poetas di-versos.

Adquiri tais materiais, em contato com os autores de cada um deles. Poetas que denominam seus poemas como "marginais periféricos". E que escrevem sem preocupação com as margens.

Permito-me olhá-los em estado de *anima*. Bachelard diz acreditar que possamos inscrever todos os nossos "devaneios sobre o Devaneio sob o signo de *Anima",* que seria

> Arquétipo da vida imóvel, estável, lisa, ao compasso dos ritmos fundamentais de uma existência sem dramas. Quem pensa na vida, na vida simples, sem buscar um saber, inclina-se para o feminino. Concentrando-se em torno da *anima*, os devaneios ajudam-nos a encontrar o repouso. (...) Trazem a marca de uma feminilidade inegável. Se não abrigassem em nós um ser feminino, como haveríamos de repousar? (BACHELARD, 2009, p. 89).

A amizade, surgida de devaneios em grupos de poesia, dá origem a um grupo singular, que não se limita a ler poemas. Grupo que quer revolucionar, inventar formas inusitadas de viver poesia.

Talvez não seja por acaso que o grupo tenha como nome a ostra. Foi formado lá, próximo de onde as ostras vivem: o mar.

Ostra – palavra feminina.

Pérola - também feminina, joia cobiçada por tantas criaturas femininas. Provoca a sentirem-se belas as mais vaidosas mulheres. Aqui estou, pesquisadora. Conheço cada um dos poetas. Falo com cada um deles, folheio seus livros diversas vezes. E a tarefa, nesse momento, é olhar para suas publicações. Inicio a escrita por aqui, pela concretude do material, palpável, que contém os tesouros de cada um: o objeto livro.

Por onde começar? Livros, à primeira vista, são semelhantes. Todos têm uma capa, um título, nome do autor, páginas, letras. Um deles apresenta-se em CD, também envolto em uma capa-embalagem e, inserido no computador ou aparelho de som, traz vozes que pronunciam as palavras, com entonação que dá ritmo a elas – transforma-as em músicas.

Todos esses, que aqui estão, trazem dedicatórias dos autores diretamente escritas para mim. Escritos de amizade.

Ao deixar de lado as semelhanças, no interior de cada um, encontro-me com cada um de seus autores.

Suas escritas singulares, em versos, suas ideias, seus pensamentos, seus devaneios, as imagens construídas a partir de suas leituras, seus modos de olhar o mundo.

Folheando-os / ouvindo-o, permito-me adentrar os mundos de cada um. O que sabem? O que conhecem? Que dizer do processo de criação desse material? Como teria sido o caminhar ao produzi-los? Que tensões envolveram tal processo? Como cada um deles foi sonhador das palavras ali contidas, dos versos por eles elaborados, das particularidades dos materiais, ali concretizados?

E quanto a mim, agora autora, frente a esses materiais? Até que ponto a leitura consegue captar as profundezas de suas inquietações?

Deixo que minhas palavras, aqui escritas, desnudem minhas maneiras de pensar, agir, sonhar de olhos abertos, devanear...

"Que convite para sonhar o que vemos e o que somos! O cogito do sonhador se desloca e vai emprestar o seu ser às coisas, aos ruídos e aos perfumes. Quem existe? Que distensão para a nossa própria existência!" (BACHELARD, 2009, p. 155).

Apresentada a escolha, segue minha leitura / devaneio a partir dos objetos-livro dos poetas que compõem o grupo Sarau das Ostras.

Tal leitura aparece entrelaçada aos autores, indissociáveis do processo de escrita que produzem.

"Entre pedras e gavetas"... a "ludicidade" em poesia... "Rimas inteiras para todas as quebradas"

A autora dos três livros é Ludimar.

Após 60 anos de leitura escondida e escrita velada, pedras no caminho e guardados nas gavetas, suas obras são coroadas: prêmios em concursos de poemas e dois livros publicados.

Figura 29: *Entre pedras e gavetas*. Poesia em livro.

Dedica os livros aos filhos e netos, amigos. Pessoas que, certamente, acompanharam sua trajetória.

Entre seus poemas, lá estão diversos estilos. Poemas de amor, surrealistas, *raps*, caipiras e, ao final, cinco poemas infantis.

Caminhando *entre pedras e gavetas*, *Colheita*, *Desencontro*, *Nevoeiro*, *Meus caminhos*, vou seguindo com a autora, em meio a *Desespero* e *Faxina interior*. Finalizo voltando a ser criança, perguntando *Quem, como, o quê, hã?*

Ludicidade, título cujo jogo de palavras traz seu nome, sua relação com a cidade, o caráter lúdico de sua escrita.

Figura 30: *Ludicidade* em livro de poesia.

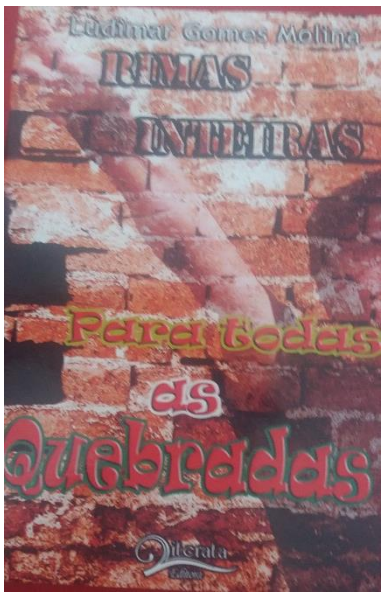
Em três seções: Obras Premiadas, que contém 23 poemas premiados em concursos; Emoções e Sentimentos, com poemas que passeiam entre o absurdo e a realidade; Poesias Caipiras, que traz poemas bem-humorados em linguagem "caipira", linguagem típica do interior de São Paulo, onde a autora nasceu.

Impossível não devanear com o contato com a capa, ilustrada por um amigo desenhista a partir da paixão demonstrada pela autora por Salvador Dali, apaixonada pela loucura do pintor.

Na *ludicidade* de seus poemas, viajo na *Ilusão* e na *Esperança*, de que numa *Galeria*, os *Últimos Acordes* levem a *Volúpias e Sutilezas*, ao *Êxtase* de um *Despertar*.

Rimas inteiras para todas as quebradas

Figura 31: Rimas Inteiras para todas as quebradas. Dos muros à poesia.



Livro escrito pela autora após entrar de cabeça na escrita da periferia, vestir as roupas e o boné, sair com os meninos para as "quebradas". Aqui, a linguagem é da periferia, com destaque a gírias e à imagem do muro que compõe a capa. Rebeldia poética.

Escute agora o que eu vou falar
Entrei nesse barato e aqui quero ficar
Não tenho a batida, sou desafinada
Não tenho toda ginga que tem a meninada
Mando bem nas rimas, pois já era poeta
A batida do rap não me deixa quieta
Admiro o talento de quem tá na batalha
e aceita o desafio do fio da navalha

Comparando com o dos meninos
o meu talento é pouco
Mas igual a eles o meu barato é louco
E nesse barato a gente se entende
Um ajuda o outro e todos se defendem (MOLINA, 2014, p. 25).

Neste poema, intitulado *Caminhos*, a autora se apresenta e ao seu "barato", que constrói junto com os "meninos" companheiros do grupo.

Na leitura, adentro a linguagem periférica: *Sempre alerta, Qual é, O barato da vida, É nóis, Quem sabe...*

Num dos encontros das conversas poéticas, quando fala de seus livros, Ludimar enfatiza a multiplicidade de vozes presente nos seus livros.

Ludimar: E os meus livros foram um sonho aguardado. E aí nos meus livros eu quis pôr um pouco de tudo. Quis pôr as poesias premiadas, não tanto por vaidade; pra provar que depois de tanto tempo que eu voltei a escrever, que de uma certa forma elas têm valor, elas foram premiadas e aquilo ali não me envaidece, me fortalece. Tipo... estou escrevendo bem, está sendo reconhecido o trabalho. Tem as poesias infantis. E agora eu já penso que quando eu tiver um livro infantil nas escolas é até mais fácil de se apresentar. Mas os meus livros assim... É a realização de um sonho. Aí eu quis pôr a Ludimar premiada, a Ludimar do sentimento, a Ludimar do rap, a Ludimar do surrealismo, a Ludimar caipira. Então você pega o livro e fala assim: tem várias Ludimar num livro só.

Fernandes: Compõem a sua Ludicidade.

Ludimar: Isso. Compõem a Ludicidade. Bem lembrado... E entre pedras e gavetas é que saiu a Ludicidade.

Nego Panda: Jeito Ludimar de ser... (Informação verbal, apresentada no 1º encontro das Conversas Poéticas).

Várias Ludimar numa só...

Multiplicidade de vozes... polifonia...

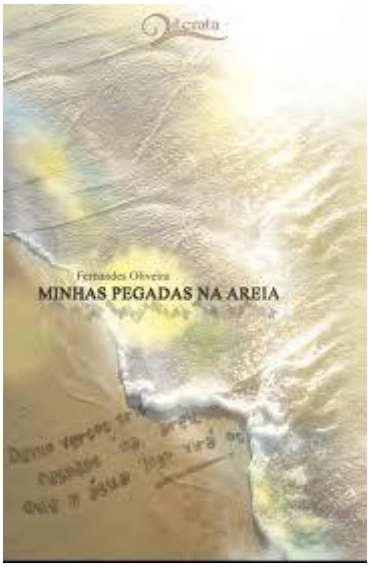
"Minhas pegadas na areia"

Já no título de seu livro, o Poeta Fernandes deixa claro seu objetivo: explicitar seu modo de deixar marcas no mundo que habita por meio de seus poemas.

Por que minhas pegadas? Porque é a maneira pela qual eu quero que as pessoas me sigam, mas são os rastros que deixo que podem sim ser apagados pelas ondas do mar... que vão e vem e levam... (Informação verbal, apresentada no 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Na capa, a imagem da praia, cujas ondas invadem seus escritos.

Figura 32: *Minhas pegadas na areia.* Livro com pegadas poéticas.



No conteúdo dos poemas, um modo de convidar o leitor a descobrir quem é o poeta que escreve. Indícios de Drummond e a sua famosa pedra aparecem em diversos de seus escritos.

Por entre as formas de seus poemas, alguns marcados pela métrica, outros irregulares, o poeta me parece um misto de Castro Alves, em poemas estilizados e Leminski, em outros, cujo estilo se aproxima da poesia concreta.

Ao escrever sobre si, no poema Vou seguindo como Drummond, o autor faz referência a autores que o influenciaram em sua trajetória como escritor.

Eliane: O Drummond é bem presente... percebe-se na sua poesia.

Fernandes: Percebe-se pitadas de Drummond, não porque o nome dele ta citado num poema, mas eu sinto algumas pitadas de Drummond, algumas pitadas de Augusto dos Anjos quando eu faço uma poesia mais sombria, mais mórbida, que vai falar um pouco de morte. Em tese são esses que eu citei e todos esses eu tenho livros bem amarelos em casa. (Informação verbal, apresentada no 1º encontro das Conversas Poéticas).

Poeta que lê poetas.

Vou seguindo como Drummond,
Sem medo de tropeçar na pedra,
Vencendo do mundo a Quimera.
Com Augusto alinhavando ao compasso
Tudo o que faço,
Com a necessidade de ser fera, a ideia.
Tenho Vitor Hugo como plateia.
Miserável é sim, o insulto,
Que o cérebro inculto,
Nos leva nesta Dantesca Odisseia,
Que nada tem de Divina e muito de Comédia.
Quem sabe onde a rima se esconde,

Vai beber direto na fonte
E não se perde na métrica.
Essa sim seria a maior tragédia.
Minha musa não mora em Pasárgada,
Muito menos descansa em mornas águas.
E se nossas palmeiras
Não se assemelham com as de lá,
Convoco Castro Alves e Gonçalves
A cantarem a beleza deste lugar.
Que fique aos puristas o trabalho
De buscar no vernáculo
Destes paupérrimos vocábulos,
Que de horror se mostram em espetáculo,
O sentido, que, em si, não é nulo.
De Lusíadas a Bilac num só pulo.
Como disse Caieiro em Pessoa
Mais vale o que não se pensa,
Pois quem diz que pensa o faz à toa
Eu busco conquistar a recompensa
Transpondo da ignorância o muro
E a cada sentença, com inovação,
Inspiração nos clássicos sempre procuro.
(FERNANDES OLIVEIRA, 2011, P. 46).

Fecho o livro, mas continuo tentando seguir as pegadas, na areia de seus versos.

"Poesias de um mundo louco"

Nego Panda, com poemas agressivos e contestadores, estilo marginal, trazendo modos de ser da periferia para seus versos, de modo contestador, de modo afetuoso, afetado pela realidade do povo que ali constrói seus mundos.

Figura 33: *Poesias de um mundo louco* num louco mundo de poemas escritos

São versos que instigam o pensamento a reagir e fazer parte dos “guerreiros desse mundo louco”, a quem ele dedica seu livro.

> Periferia em versos falo de ti
> Que choras, mas também ri
> Que exala o cheiro da morte
> E o doce olor do viver
> Que inspira a alegria
> Na molecada a correr
> Que mostra a Dona Maria
> Senhora grande guerreira
> Com a sacola na mão
> Catando as sobras da feira
> Sob o sol dia após dia
> De sua luta não se cansa
> Nos olhos rasos d’água
> Guarda a fé e a esperança
> Periferia em versos falo de ti
> Que guarda grandes guerreiros
> Talentos a descobrir
> Que tem no campo a pelada
> Onde a criança sorri
> Periferia por quem meu coração bate
> Pois nasci em suas ruas
> E jamais esqueço de ti.
>
> “Periferia, em cada olhar uma dor
> Em cada dor uma saudade;”
> (A ti um verso. In: NP. Poesias de um mundo louco, 2011, p. 20).

Periferia, palavra presente em quase todos os poemas do livro, com elementos como “bala perdida”, *Vida do Crime, Homem de farda, Corre, João.*

Poemas que trazem uma posição política forte, que expressa os anseios de uma comunidade.

Que mundo louco é esse que Nego Panda descortina?

Talvez, um mundo “entre” o que existe e o que pode vir a existir.

Mundo-devir.

Gotas de vinagre

Figura 34: Gotas de vinagre. Da acidez das palavras à composição de um livro.

Antologia organizada por Nego Panda.

Já na capa, a acidez do vinagre antecipa a acidez das palavras trazidas pelos 17 poetas convidados pelo organizador. Dentre eles estão os cinco poetas do Sarau das Ostras, cada um deles representado por dois de seus poemas.

- Abel Pereira: *Ego e Ambições / Cadê a melhora*?
- Poeta Fernandes: *Ode a ideia ou quando estou sem ainda componho / Ozome*
- Ludimar: *Lugares / Ouça*
- Nego Panda: *Momento poético / Palavras Ácidas*
- Pelé RO3P: *Milhares / O Barato é Loko.*

A linguagem, aqui também, é de protesto, com ideias fortes de transformação da sociedade.

A acidez do vinagre aparece nos diversos poemas ali contidos, nas palavras dos diferentes autores: *Ozome, Maldito macacão, Palavras ácidas, Milhares, Soterrados*.

"O sonho dus guerreiros não morre"

Esse é o título do CD de R.O.3.P., cantor de *rap* cujas letras convidam a entrar no ritmo de seus devaneios.

Aqui os poemas têm, ao fundo, a batida e o ritmo – poesia com som. Música.

Figura 35: CD O sonho dus guerreiros não morre. Poesia com ritmo musical.

Há um diálogo com os amigos do grupo. A sequência inicia com um poema do Poeta Fernandes em sua homenagem, que tem seu nome como título e, na faixa 8, traz o poema musicado de Negro Panda, cujo título dá nome ao CD.

A que mais desperta a atenção é a faixa 5, cujo título é *Crônicas de A a Z* e apresenta em cada trecho da música, palavras iniciadas com cada letra do alfabeto. Como é possível tal criação?

Na faixa 7, uma síntese do que é ouvir com atenção suas letras: "os sentimentos são milhares". Sentimentos loucos, que podem ser traduzidos por Bachelard, quando pergunta:

> E que vem a ser um belo poema senão uma loucura retocada? Um pouco de ordem poética imposta às imagens aberrantes? A manutenção de uma inteligente sobriedade no emprego – ainda assim intenso – das drogas imaginárias. Os devaneios, os loucos devaneios, conduzem a vida. (BACHELARD, 2009, p. 164).

Poder-se-ia dizer que o "tapete voador" do mundo de loucuras construído por esses poetas extrapola as margens da página e as bordas da imaginação? Convites ao devaneio...

Poetas leitores falam sobre livros

Os poetas têm livros publicados. Conhecem cada poema dos livros, sabem porque cada um deles está ali. E, às vezes, até a página de cada poema no seu livro.

Eliane: E como que é essa relação do livro com vocês... Vamos lá. Eu e o meu livro... já que o Fernandes tocou nesse assunto aí... Como que é?

Fernandes: Então... eu e os meus livros. Eu tenho uma certa paixão assim, por mais que eles estejam até amarelecidos lá muitos deles. Eu tenho uma certa paixão com eles e assim... Eu posso ficar anos sem lê-los, mas eu sei que eu os tenho.

Nego Panda: Os meus livros... falar dos livros... são meus instrumentos assim de... não são de coleção, porque quando a gente vai colecionar, a gente faz uma coleção a gente quer que aquilo fique num lugar intocável, imexível. É como o Fernandes falou... eu tenho, são meus, mas eu me dou, vamos dizer assim, nem sei se é a palavra correta... ao luxo de compartilhar com as outras pessoas, mas só que depois eu quero de volta, entendeu? Cê leva, mas cê traz pra mim... e quando os meus livros não voltam, o que acontece aí eu fico agoniado, véio, porque depois caramba, perdi aquele livro... poxa... gostava tanto daquele livro... e agora não tenho mais. (...)

Porque muitos livros que eu tenho são de eventos que eu vou. Aí que nem, eu fui no evento do lançamento do livro do Fernandes, aí eu quero ter o livro. Porque eu quero guardar aquele momento. Quando eu pego aquele livro eu penso que foi um momento importante pra ele... Tem toda uma história dentro do livro. O livro da Dona Ludimar também...e o livro de diversos... não só amigos, mas de diversos eventos de literatura que eu adquiro o livro é esse pensamento.

Ludimar: Então, os meus livros são bem variados. Se for fuçar lá tem de tudo um pouco, só que assim, eu preciso saber que eles estão lá, as minhas anotações, os meus papéis, os meus recortes, eu tenho que saber que eles estão lá. Já não sou tão assim de emprestar que nem meus amigos aí, porque eu tenho tanto medo de perder, porque eu tenho algumas relíquias, eu tenho um livro do Érico Veríssimo, que depois de escrito ele fez a mão retoques, "ah, isso eu não deveria ter escrito, isso eu não escreveria". Então aquele livro ali eu já não empresto pra ninguém.

Eliane: Como você conseguiu esse livro?

Ludimar: Foi um amigo, um amigo que me deu, era da mãe dele. Como eu me dava muito bem com a mãe dele e ele sabia do meu amor pela literatura e pelo Érico Veríssimo na prosa... O Érico Veríssimo é um dos meus preferidos. ... ele falou que não daria pra ninguém. Eu tenho Marília de Dirceu, que foi o primeiro livro lançado no Brasil, eu tenho Augusto dos Anjos que é um dos meus poetas preferidos, Manoel Bandeira. (Trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Tantos autores lidos no decorrer de uma vida. De que modo essas leituras aparecem nos poemas de cada um?

Livro. É meu e é de todos.

Livro para compartilhar e para possuir.

Fernandes: Que nem agora, esse ta aqui contigo (Ludimar) e eu tenho outros que há 5 anos estão na mão de outras pessoas. Mas é assim... Eu sei que eu tenho livros por aí e os meus que estão comigo eu gosto assim de voltar...

Nego Panda: Aí vou lá e tenho que comprar outro.

Agora, o que eu faço? Em alguns eventos com alguns livros, eu estou fazendo duplicidade, tô pegando 2 livros, um eu tenho, aquele é meu, o outro eu vou emprestar, se sumir aquele que eu emprestei, o meu ta lá, guardadinho, tá bonitinho. (...)mas o sentimento da maioria dos livros que eu tenho é de emprestar, de levar, já tive vontade de montar uma bibioteca comunitária, de deixar os livros à disposição para as pessoas. Eu comecei fazer isso em um espaço numa lan house perto de casa, levei um monte de livro e deixei lá pro pessoal, disponibilizei lá.

Ludimar: Tem algumas coisas assim que eu não empresto. Só se for muito de confiança mesmo eu empresto. Isso eu faço, mas a pessoa tem que ser de confiança... Só que eu tenho que saber que eles estão ali. Me dá uma segurança saber que eles estão ali e que a qualquer momento eu posso ir ali, dar uma olhadinha de novo e aproveitar, crescer lendo eles, aproveitar alguma coisa para o meu trabalho, aproveitar na própria poesia. Mas eles têm que estar lá.

Nego Panda: O livro, por mais que ele seja um instrumento nosso, ele está aí pra isso também, ele está pra ser livre, para que as pessoas tenham aquele conhecimento, tenham aquele entendimento da história que o autor quis colocar, daquele poema, daquele conto... (Trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Livro... livre... ler...

O que se lê em um livro?

Talvez, como propões Larrosa, a nós mesmos e a nossas relações com o outro.

> O que somos capazes de ler em um livro é o resultado de nossas disposições anímicas mais profundas: a finura e o caráter de nossos sentidos, nossas disposições corporais, nossas vivências passadas, nossos instintos, nosso temperamento essencial, a qualidade de nossas entranhas. (LARROSA, 2004, p. 21).

Sentidos... corpos... vivências... devires...

Poetas autores escrevem

Função autor.

O que é autoria?

Chartier (2012), a partir de Foucault, escreve sobre essa função.

> Podemos dizer que a "função autor" não é somente uma função, mas também uma ficção, e uma ficção semelhante a essas ficções que dominam o direito quando ele constrói sujeitos jurídicos que estão distantes das existências individuais dos sujeitos empíricos. Disso decorre a ideia de uma função que conduz de uma pluralidade de posições de autores, de uma diversidade de vozes nos discursos, a uma individualidade autoral única ou, ao contrário, de uma função que é princípio de identificação do discurso e que pode ser possivelmente atribuída a diferentes indivíduos, concorrentes ou colaboradores. (CHARTIER, 2002, p. 30).

Pluralidade de posições... diversidade de vozes.

Fernandes enfatiza as parcerias que estão presentes na construção de sua trajetória enquanto escritor:

Fernandes: Então, os livros que eu escrevi eu gosto de... na verdade eu só tenho um né... autoral, tenho um e tenho participações. Nos que eu tenho participação eu gosto de voltar neles e ver com que que eu estava naquele momento? Porque às vezes na participação eu tinha 17 anos, ou eu tinha 20 anos, hoje eu já tenho 30. Com quem que eu tava naquela época? Aí eu jogo às vezes um nome assim na página anterior,10 páginas pra trás, coisa que eu já fiz... Sabe aquelas antologias que você participa com o Brasil todo? Aí eu já joguei lá. Nossa, essa pessoa dez anos atrás eu participei de um livro com ela e hoje eu tenho ela no face e ela é lá do Rio de Janeiro, do Espírito Santo.

Eliane: Então tem uma relação da memória também com o que você escreveu?

Fernandes: De guardar isso e ainda assim saber qual a relação que eu ainda tenho com essas pessoas... ainda... assim... particular. Isso nos que eu participei e os que eu tenho de inspiração esses aí são xodó, esses eu guardo lá com o maior carinho ainda que os demais, porque esses são sempre fonte de inspiração.

De que é feito um livro?

De autores que escrevem. Editores que editam. Ilustradores.

Autores que os escritores leram.

Pessoas com quem tiveram contato.

Vozes múltiplas.

Diversidade de discursos.

Palavra.

Água da palavra.

Escritos nas margens. Dedicatórias.

Margens formadas por objetos e por sentimentos.

Palavras que, muitas vezes, fogem à língua culta, formando uma língua outra. Como propõem Deleuze e Guattari, língua estrangeira.

> O que a literatura produz na língua já aparece melhor: como diz Proust, ela traça precisamente uma espécie de língua estrangeira, que não é uma outra língua, nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um desvio que a arrasta, uma linha de feitiçaria, que foge ao sistema dominante. (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 15).

Materialidade fluida, de elementos que ali estão e que não estão.

Que ora se pode ver, tocar.

Ora se pode apenas sentir.

As margens da cidade... Fronteiras

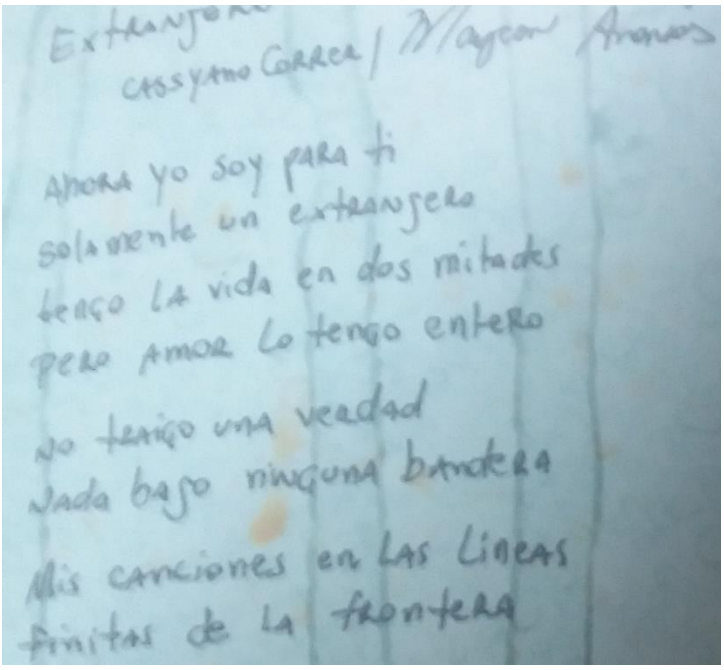


Figura 36: Letra da canção: *Extranjero*
Fonte: encarte do CD de Maria Gadú. Mais uma página: Som Livre, 2011.

Margens...

Margens do rio...

Margens da página...

Onde moram os poetas?

Como pensar as margens da cidade?

Lugares de passagens?

O que dizer desse espaço localizado no entremeio, nas bordas de um lugar?

No momento em que começo a pensar sobre este tema, uma canção e um livro me chegam às mãos: a música *Extranjero*, na voz da cantora brasileira Maria Gadú (2011) e o livro *La analfabeta*, de Agota Kristof (2006).

Escritos em espanhol, uma língua que não é aquela na qual fui alfabetizada, mas em um momento da minha vida, tive que aprender. A música, composta por dois artistas de língua latina e cantada por uma brasileira, diz das canções nas linhas "finitas de la frontera".

O que traz um estrangeiro?

Quantas histórias para contar?

Quantos saberes?

Quantos ouvem o estrangeiro?

Ouvir... sem impor sua verdade, mas saber do que ele viveu... do que ele traz... compreender um pouco da sua língua?

Sobre o livro, descubro que a autora, que o publica como um relato autobiográfico, não o escreveu nessa língua. Trata-se de uma tradução.

Nascida e alfabetizada na Hungria, local onde, logo na infância, se apaixonou pela leitura e tomou para si o ato de escrever, foi obrigada, após os 21 anos de idade, quando passou pela fronteira entre países até chegar à Suíça, a atravessar outra fronteira: aprender a língua francesa, considerada por ela e por seu povo como uma língua inimiga.

Mistura de vozes, de línguas...

O que pensar desse lugar outro, sobre os modos de ler, ouvir, conhecer?

Vozes outras que escrevem, traduzem, cantam...

Fronteira... língua outra... língua inimiga?

Para Kristof, essa é a experiência, como ela relata em seu livro:

> Me dejé en Hungria mi diario de escritura secreta, y también mis primeros poemas. También dejé a mis hermanos, mis padres; sin avisarles, sin despedirme de ellos, sin decirles adiós. Pero sobre todo, ese día, ese día de finales de noviembre del año 1956, perdí definitivamente mi pertenencia a un pueblo. (KRISTOF, 2006, p. 51).

Refugiada de seu país, a autora considera que, ao atravessar tal fronteira, encontra-se numa situação de perda de parte de si mesma: perdeu a pertença a um povo, pertença que envolve uma língua, uma cultura, um modo de ser. Essa situação é considerada por ela como um "deserto" e ela tem que reaprender e descobrir um novo modo de ser quem é, escritora, diante de uma nova situação: analfabeta em um novo país. Escrever, para ela, passa a ser uma necessidade: "(…) para soportar el dolor de la separación, sólo me queda una solución: escribir". (KRISTOF, 2006, p. 18).

Deserto...

Reaprender...

Analfabeta que sabe ler e escrever.

Escritora.

> Cómo explicarle, sin ofenderle, y con las pocas palabras que sé de francés, que su bello país no es más que un desierto para nosotros, los refugiados, un desierto que hemos atravesado para llegar a lo que se llama "integración", "asimilación". En ese momento, todavía no sé que algunos nunca lo lograrán. (KRISTOF, 2006, p. 64).

Como pensar a condição de um refugiado?

Quantos exemplos temos de pessoas foram excluídas de uma cultura por um sistema político, que se reinventaram para continuarem existindo enquanto pessoas que escrevem...

Pensar sobre escritas / poetas das margens talvez seja pensar sobre a existência de práticas de leitura, escrita e comunicação que questionam e resistem a um poder estabelecido e, a partir dessa resistência, criam e recriam a existência e os modos de expressão. Pensar a importância de conhecer e valorizar essas práticas e de, a partir delas, repensar a concepção que se tem de saberes.

Pensar as margens da cidade... e o (entre) cidades ou países?

As fronteiras?

As bordas?

Periferias?

Que lugares são esses?

Onde se localizam? Como compreender esses espaços movediços?

Palavras... conhecimento... poder...

Bakhtin (2003) quando fala sobre a questão da compreensão, vê "a compreensão como visão do sentido, não uma visão fenomênica e sim uma visão do sentido vivo da vivência na expressão, uma visão do fenômeno internamente compreendido, por assim dizer, autocompreendido". (p. 396).

Penso, então, que a palavra é viva, vivenciada, vivida.

Vida.

Segue os caminhos pelos quais percorrem o corpo e a mente do escritor.

As palavras demarcam limites? Ou encontram-se nos limiares e nas fronteiras, "táticas desviacionistas" que Michel de Certeau (1998, p.92) nos apresenta quando discorre sobre as "'maneiras de fazer' – de caminhar, ler, produzir, falar"?

Michel de Certeau (2004) aponta o papel político da escrita, ao dissertar sobre a "economia escriturística". Segundo o autor, "sempre é verdade que a lei se escreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos com a pele de seus súditos. Ela os articula em um corpo jurídico, com eles faz seu livro. [...] Os livros são apenas as metáforas do corpo. " (CERTEAU, 1994, p. 231, 232).

Lei se escreve sobre os corpos...

Pergaminhos com a pele dos súditos...

Com eles faz seu livro.

Como ler tais considerações e não pensar a respeito do papel político que tem a linguagem?

Papel também apontado por autores brasileiros como Paulo Freire (1993), ao definir a leitura como um ato político e afirmar que "enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito" (FREIRE, 1993, p. 19). E, portanto, enquanto alfabetizando, um sujeito que pode e deve se apropriar do código escrito para escrever sua própria história e não apenas para se submeter e um saber imposto.

É necessário "ler o mundo", ler além das palavras que lhe são dadas. Inventá-las. Fazê-las suas...

Se pensarmos a respeito dos espaços / cenários em que se desenvolve a leitura e a escrita nessa perspectiva, é possível questionar: que pluralidade de significações pode-se encontrar nesse contexto?

Quantos "não-sabidos" são criados a partir dos saberes existentes nos detalhes do cotidiano?

Quais práticas permeiam os diferentes saberes dos múltiplos atores presentes nos diferentes espaços sociais?

Muitos são os exemplos de pessoas que escreveram e produziram arte e que, no entanto, eram desconsideradas socialmente. Quem podemos citar?

Poetas como Patativa do Assaré.

Escritoras como Carolina Maria de Jesus.

Artistas anônimos que encontramos a todo o momento pelos jornais, pelas ruas, pelas praças, pelos caminhos da história cotidiana.

Quantos deles ousaram contar a própria história?

> A instituição dos aparelhos escriturísticos da "disciplina" moderna indissociável da "reprodução" possibilitada pela imprensa foi acompanhada pelo duplo isolamento do "Povo" (em relação à "burguesia") e da "voz" (em relação à escrita). Daí a convicção que, longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativos, "o Povo fala". Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida... (CERTEAU, 1998, p. 222).

Palavra que, muitas vezes, ganha forma poética. Poética e com consciência da linguagem, como apresenta Leminski:

> Chego, às vezes, a suspeitar que os poetas, os verdadeiros poetas, são uma espécie de erro na programação genética. Aquele produto saiu com falha, assim, entre dez mil sapatos um sapato saiu meio torto. É aquele sapato que tem consciência da linguagem, porque só o torto é que sabe o que é direito. Então, o poeta seria, mais ou menos, um ser dotado de erro, e daí essa tradição de marginalidade, essa tradição, moderna, romântica, do século XIX pra cá, do poeta como marginal, do poeta como bandido, do poeta como banido, perseguido, enfim, em condições, digamos, socialmente adversas, negativas. (LEMINSKI, 1987, p. 284-285).

Poetas... erro na programação genética...

Consciência da linguagem...

Marginalidade...

Desterritorialização?

Olhando para o Sarau das Ostras, penso em cada um e em suas experiências, particularidades de suas produções escritas.

Que táticas cada um utiliza para produzir poesia?

Ludimar... excluída de oportunidades de frequentar a escola, encontra caminhos para ler e escrever, estudando junto com os filhos, lendo após a casa estar em ordem... guardando nas gavetas os seus escritos poéticos...

Fernandes... em suas experiências escolares, aprende poesia. Será que era aquilo mesmo que a escola pretendia ensinar? Ou encontrou táticas para aprender a partir de seu encantamento pela poesia?

Nego Panda e RO3P, que por meio do *rap* encontram um modo de dar sentido às palavras escritas e rimadas, e passam, a partir daí, a rimar as experiências do povo da periferia....

Abel, que escreve em um caderno suas palavras, criando textos que não querem terminar...

Kristof... O estrangeiro da canção... e tantos outros... Como encontram seus caminhos singulares de deixarem escritos / inscritos nos espaços por onde passam, a si mesmos, às suas visões de mundo, as suas emoções?

Letras, palavras, poemas, romances...

Escritos que se formam por meio de políticas e estéticas, partilhas...

Formam, deformam, transformam...

Pessoas, lugares, caminhos, mundos...

Em seus espaços infinitos...

Identifico uma riqueza de saberes, nos textos escritos pelo grupo Sarau das Ostras, cujos temas são perpassados pelos questionamentos sociais, pela crítica às situações injustas e desumanas pelas quais passam os "anônimos" da sociedade.

Poetas que criam poesia. Ostras, que quando ameaçadas, produzem pérolas.

Os poetas, protagonistas desta pesquisa, escrevem, na maioria das vezes, sobre aquilo que os inquieta, os ameaça e os incomoda.

E a palavra? Adquire a forma poética para se fazer atuante, para ser ouvida e pensada pelos que a leem, ouvem ou vivenciam, palavra que se transforma em arte.

Transforma-se em grito de alerta.

Assim como, ao se referirem à escrita de Kafka, literatura menor, Deleuze e Guattari questionam:

> Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, ou conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problema dos imigrados, e sobretudo dos seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o nômade de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 30).

Fronteiras... formas de escavar a linguagem... seguir por uma linha revolucionária...

Como buscam essas formas os poetas do Sarau das Ostras?

Dois aspectos de seus processos de escrita, talvez, forneçam pistas para compreender tal questão:

- a forma do poema.

- a relação entre vivência e invenção.

Forma: sobre a métrica, rimas...

Bakhtin, ao referir-se à forma? Onde as localiza? Nas fronteiras.

> As fronteiras são vividas de maneiras essencialmente diferentes: por dentro, pela autoconsciência e por fora pela vivência do outro. Cada um dos meus atos, tanto interior como exterior, na orientação material da minha vida, procede de dentro de mim, jamais encontro alguma fronteira *significante em seus valores* que me assegure um acabamento *positivo,* avanço e atravesso minhas fronteiras que posso internamente perceber como obstáculo, mas não como acabamento; as fronteiras do outro, que vivo no plano estético, asseguram-lhe o acabamento positivo, abarcam-no por inteiro, concentram toda a sua atividade, fecham-se sobre esta. O escopo do herói em sua vida é inteiramente investido em seu corpo concebido como fronteira estética significante, é *encarnado.* (BAKHTIN, 1997, p. 106-107)

Avançar e atravessar fronteiras que se possa internamente perceber como obstáculo.

O que dizem os poetas sobre a forma dos poemas que escrevem?

Rimas, métricas... para que servem? São essenciais no poema?

Ludimar, em um dos encontros, conta um episódio da sua infância:

Ludimar: A gente estava brincando com alguém, fazia rimado e meu pai nessa parte ele até que me deu uma incentivada boa, porque meu pai também falava tudo rimado, ele gostava de brincar de falar tudo rimado. Então arrumava a mesa pro lanche e brincava: "Ainda bem que ela / ficou perto da mortadela" e um dia ele falou assim: "Hoje eu olhei para o céu e vi a lua / ela estava redonda igual uma mandioca". E aí a criançada olhou pra ele assustada e falou assim: "mas não ta rimando". E ele falou pra mim:

- Oh, você que quer ser poeta, aprende que não é sempre que se rima. Vai aprendendo, ta? Às vezes pra fazer poesia não precisa rimar. Nunca esqueça disso (...) mas pra mim valeu até hoje, sem perceber ele me deu um toque muito legal. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

"Não é sempre que se rima..."

Ludimar: Então como escrever um poema? Aproveitar o que você está querendo dizer, o que está sentindo, o que você está querendo passar. A métrica... eu não sou muito amiga da métrica, até porque uma métrica bem feita você tem que contar com um bom conhecimento. Eu até falo que aqueles poetas de antigamente, eles não faziam outra coisa, era isso que eles faziam, então eles tinham tempo, e estudavam muito pra fazer isso e faziam muito bem feito. Eu acho que a métrica às vezes ela tolhe a gente. (...)A métrica tolhe a gente um pouco. Ta certo que a métrica dá um ritmo maravilhoso, mas não é necessário mais. No rap ela é bem usada, mas no rap sai meio que espontâneo. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

"Não sou amiga da métrica. Ela tolhe a gente..."

Olhando para minha infância, reporto-me ao modo como aprendi o que é poesia e tantas vezes, ensinei, dizendo que poesia tem rima, versos e estrofes.... Também às aulas de Língua Portuguesa nas quais aprendi a calcular a métrica dos poemas.

Fernandes, quando descreve seu processo de aprendizado, conta que iniciou com a paixão pela métrica e escrita de sonetos:

Fernandes: E pra mim talvez seja um pouco difícil... fazer e pensar talvez na apresentação. Porque quando eu comecei eu me prendia um pouco às formas, talvez diferente do Panda. Eu comecei lendo Castro Alves, tal, e... Gregório de Matos, "o cara escreve em décima", "o cara escreve uma oitava", olha como rima na oitava, primeira com quarta, depois as duas últimas e depois vai repetir as duas últimas frases encadeadas, a 6ª com a 8ª, a rima. "Cara, eu quero fazer isso, mas eu quero fazer isso de uma forma que pareça natural", e talvez esse seja o engraçado de toda a situação, por admirar o estilo que a pessoa fazia eu queria mas não imitar a questão de procurar uma forma. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Admirar e imitar...

A esse respeito, Leminski discorre sobre a impossibilidade do poeta poder simplesmente se entregar à paixão, dizendo que "a gente está preso, preso mesmo, preso à forma, como preso à língua portuguesa". (LEMINSKI, 1957, p. 296).

> Há formas sociais que te impedem de fazer isso. Em 1891, a paixão pela poesia no Brasil se confundia com a paixão, por exemplo, pelo soneto, pela forma do soneto. Era uma forma social, você nasceu em 1891, poesia, entre outras coisas é o soneto. Era uma forma social, você nasceu em 1891, poesia entre outras coisas é o soneto. Bilac era Deus nesse país como foi, durante décadas, o mestre consumado do soneto. Então, aquela porra daquela caixinha, quatro versos, quatro versos, três, três, aquilo realmente exerceu uma tirania durante mais de quase meia década, cinquenta, sessenta anos no Brasil, tem gente fazendo soneto até hoje. De repente, o amor pela poesia se confunde com o amor pela forma do soneto. (LEMINSKI, 1957, p. 295).

Como levar o amor pela poesia para além das formas?

Fernandes continua, relatando seu processo de transformação:

Depois de um tempo eu falei: "A fórmula não ta com nada", aí eu voltei pros versos livres, numa sequência talvez um pouco diferenciada na hora de rimar e uma certa necessidade de rima que é uma coisa que a gente não conseguiu se livrar lá da Semana de 22, o pessoal fez o movimento modernista e a gente ainda não conseguiu se livrar da necessidade da rima às vezes no poema, na poesia, a gente ainda ta muito preso à rima. Às vezes vem uma ideia e você pensa: Como é que eu vou rimar esse ideia? Obstáculo... espetáculo... E aí você procura, mas como é que você vai colocar dentro de uma poesia que fala sobre palhaço. Espetáculo... obstáculo.... veio fácil pra mim, claro, cada um no seu momento. São essas ideias assim que eu quero desenvolver, pequenas assim pra lançar os lampejos no ar, e quando eu tento ser performático é quando a letra vem quase de supetão. Vem e eu vou só burilando. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

“A fórmula não ta com nada.”

Seguir formas ou arriscar-se em versos livres?

Manoel Bandeira traz um outro elemento à composição do poema: a música.

> “Poeta”, escreveu Jonson, grande dramaturgo inglês, contemporâneo de Shakespeare e um dos homens mais cultos do seu tempo, “é, não aquele que escreve com métrica, mas o que finge e forma uma fábula, pois fábula e ficção são, por assim dizer, a forma e a alma de toda obra poética ou poema. (...) Já o Dante acrescenta ao elemento ficção um novo elemento – a música, e diz: “Poesia é ficção retórica posta em música”. O elemento música vai aparecer em numerosas outras definições. (...) Não se pode negar que a música seja um elemento da velha poesia ao tempo em que ela foi assim definida. Hoje sabemos que pode haver poesia sem música, e poesia da melhor. Sem música, bem entendido, no sentido de não procurar o poeta fazer o verso cantar no poema. (BANDEIRA, 1957, p. 220).

Fazer poema... fazer música... cantar o poema.

Aqui podemos pensar, com o Sarau das Ostras, sobre esse elemento, pois trata-se de poemas escritos, em sua maioria, para serem declamados. Como eles dizem, recitados.

Cristóvão Tezza vai ao encontro desse pensamento, ao apresentar, como princípio de construção do verso, o ritmo:

> (...) o ritmo será o fator principal e subordinante do verso, ritmo entendido não apenas nos limites do sistema tradicional de acentuação: repassando as “revoluções literárias dos últimos decênios”, Tinianov lembra que “a noção de ritmo tornou-se muito mais complexa e vasta (...) em consequência da concepção do verso em termos acústicos.” (TEZZA, 2003, p. 124).

Poesia... música... ritmo...

Em síntese, o autor defende, a partir dos estudos bakhtinianos, numa concepção formalista de poesia, que a linguagem da prosa pode ser poética.

O que dizer dos espaços de escrita nos quais as letras e sons instigam o processo de criação?

Poeta Fernandes brinca com a frase proferida pelo imperador romano Júlio César durante uma batalha “Veni, vidi, vici” – Vim, Vi, Venci e a traz como título de um poema no qual todas as palavras iniciam com a letra V.

Veni, vidi, vici

Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes

dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
Cruz e Souza

Vulnerávies vítimas vivenciam vilipêndio,
Vultosas vozes, vociferam veneno,
Vacilos, vendavais, vibrações, verborragia
Vulgarmente, vimos vidrados vândalos,
Volúveis virgens virarem vadias
Vontade? Vencer, viver, voltar!
Volteio vago.
Vizinhos? Vila, vilarejos, vielas
Vestindo vestes velhas
Violência, vicissitude,
Vangloriam-se velhos, vivendo vinho, veludo,
Volvo, Vuitton, virtude,
Vaga, vantagens, vigia, vestígios,
Vida vindoura vate varonil
Verso violento? Vida verdadeira, você viu.
(FERNANDES OLIVEIRA, 2011, p. 38).

Nego Panda escreve o poema S.O.S., iniciando todas as palavras com a letra S.

S.O.S.
Sorriso sóbrio, sofismo sombrio, sorrateiro soslaio
Semblante, simplesmente, superficial,
Situação sufocante, sofrimento severo
Soldados sádicos, saboreiam seu sarcasmo
Sofremos, submissos, sua severidade
Senhores, senhoras, sórdidos sovinas,
Simbolizam-se superiores,
Situação secundária sobre sobras, sob serras,
Sem sorte, sentimos sensações significantes
Sufocados, sem suas soluções, senadores
Somos seres sonhando semelhança
Subestimados, sem subsídios,
Somos, subclasse suburbana,
Segregada, subalimentada, subnutrida,
S.O.S., salvação, saída.
(NEGO PANDA, 2011, p. 16).

São criações que instigam o pensamento, tal como RO3P, em seu poema-rap "Crônicas de A a Z", que assim se inicia:

"**A**lerta **a**os **a**rtistas **a**meaçados.
Almejar **a** **A**rte – **a**titude **a**tivista.
Ampliar **a**titudes **a**paixonantes **a**fogando **a**ngústias.
Amor (...)." (Péricles Nascimento, faixa 5, 2013)

Em continuidade, no poema acima apresentado, ele vai apresentando suas ideias a partir da repetição das letras do alfabeto nas iniciais das palavras que utiliza para composição. Como se faz isso? Qual o trabalho de criação ali envolvido? Segundo relato do poeta, essa produção

não demorou a ser concluída e foi inspirada em textos de alguns colegas, que também inseriam em seus textos as famosas aliterações, palavras cujos sons se repetiam.

Eliane: E aquela da Crônicas de A a Z como que surgiu? Você escreveu aos pouquinhos também?

Pelé: Não. Aquela ali foi papo de uma semana. Eu escrevi ela no máximo em uma semana, porém eu refiz ela bastante vezes, fui terminar agora em fevereiro, tem quase um ano e pouco que eu tenho ela escrita, mas fui definir ela em fevereiro que foi quando eu entrei no estúdio pra gravar ela, que ela ta no meu CD que eu lancei em maio. Foi inspirado no Panda, no Fernandes, e no Gogh e no Renan do Inquérito. Quando eu vi a primeira vez, acho que é monólogo que fala, né? Quando você trabalha com uma letra assim... Eu vi o Renan Inquérito no primeiro disco numa música que se chamava "Ce consegue cada coisa", ele falava tudo com C, e eu falei "Caramba! Que legal!" Vi o próprio Renan com o Mister M, o Fernandes com o "vim vi venci" com tudo com v, o Panda com tudo com S e nessas apresentações eu vendo eles recitar, eu prestava atenção, mas ao mesmo tempo passava uma coisa na minha cabeça: "mano, como é que esses caras conseguem fazer um barato assim..." aí eu fui relembrando tudo o que eu vi, o Fernandes me mostrou o monólogo do Chico Anísio que era tudo com m também, que ele tava no Jo Soares, eu vi esse vídeo, eu achei aquilo um absurdo de texto. "Nossa! Muito louco". De repente veio uma luz, um sopro: "cara, por que você não tenta um de A a Z que não tem?" Aí eu falei: "Caramba! Será que eu consigo fazer? Vou tentar fazer" e fui pegando as palavras com a e fui pegando alguns livros, vou tentar juntar e fui juntando, juntando, quando eu mostrei pros meninos foi num sarau, eles não sabiam, eu cheguei pra eles e falei "vocês vão ler minha surpresa de hoje". "Ah, já ta com letra nova aí já!" "É uma letra nova vocês vão ouvir", aí foi quando eu tirei a folha do bolso, comecei a recitar e quando acabei os caras ficaram de cara. E ainda antes de eu recitar eu falei "oh, esse poema foi inspirado no Fernandes, no Panda, no fulano, no beltrano..." e foi assim que eu escrevi Crônicas de A a Z.

Eliane: Teve um trabalho mesmo...

Pelé: Teve um processo. Tudo tem, né, um processo pra gente escrever. (Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas, 19/10/2013).

Foi fruto de trabalho mental, mas, também, de encontros com pessoas a quem aprendia a admirar e com os textos produzidos por elas. Mais uma vez, aí encontro Bakhtin:

> O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que este contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) (...). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas. (BAKHTIN, 2003, p. 401).

Encontro, também em Bakhtin, a ideia de fronteira,

> O autor, em seu ato criador, deve situar-se na fronteira do mundo que está criando, porque sua introdução nesse mundo comprometeria a estabilidade estética deste. Sempre podemos determinar a atitude do autor para com o mundo que representou pela forma como ele lhe representa a exterioridade, e vemos se a imagem que dá dele lhe é transcendente, se tem coesão pelo fato de que suas fronteiras são vivas, reais, sólidas, de que o herói está entranhado

> no mundo que o rodeia, o acabamento e a solução estão impregnados de sinceridade e de tensão emocional, a ação é serena e plástica, as almas dos heróis são vivas (ou então se não passam dos vãos esforços do espírito procurando transformar-se em alma). Ë a esse preço que o mundo estético fica estável e autônomo, que coincide consigo mesmo na visão que teremos dele através do exercício da nossa atividade artística. (BAKHTIN, 1997, p. 206).

Forma como representa a exterioridade...

Fronteiras vivas, reais, sólidas...

Herói entranhado no mundo que o rodeia...

Sinceridade e tensão emocional...

Almas dos heróis que são vivas...

Parece-me que tudo isso existe nos poemas que leio, dos poetas do Sarau das Ostras.

Eliane: É um poema que você escreve pensando na oralidade. Acho que todos vocês fazem isso... vocês escrevem pensando na oralidade. O movimento maior ta aí... na fala.

Fernandes: Tem um jogo de palavra e sonoridade nos fonemas, ele brinca com a linguagem poética. (Trecho de transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas, 23/02/2014).

Ritmo... jogo de palavras... sonoridade... brincadeira com a linguagem poética.

E a métrica? Rimas? Número de versos e estrofes dos poemas?

Parece que tudo isso que Nego Panda critica, num dos poemas que abre o capítulo, dizendo "Não quero a poesia marcada / Na poética sílaba talhada / Entre quarteto ou terceto" sintetiza as ideias trazidas acima.

Poema que traz em si um ritmo, mas que afirma que "Poesia é mais / É liberdade, é cantar a vida / Viver a vida ou versar a morte / É chorar e não ter medo de ser forte" (2013, p. 33).

Palavras que se localizam numa fronteira entre a forma e aquilo que se quer dizer no poema que se escreve... "Poesia é mais que isso".

Voltando às questões anteriormente apresentadas sobre como se escreve um poema, e diante de tudo o que ouço e leio, fica a pergunta:

O escritor faz o texto?

Ou o texto faz o escritor?

Palavras que são escritas e faladas? Ou palavras que leem e escrevem?

Palavras personagens... palavras sujeitos. Que se apropriam do leitor e do escritor para fazerem-se ouvir?

Palavras que surgem...palavras que saltam... palavras-ritmo... palavras-música... palavras que cantam e dançam... palavras que sonham, e independentemente da sílaba talhada, têm algo a dizer.

Simplesmente, palavras.

> Mandei a palavra rimar.
> Ela não me obedeceu.
> Falou em mar, em céu, em rosa,
> Em grego, em silêncio, em prosa.
> Parecia fora de si,
> A sílaba silenciosa.
>
> Mandei a palavra sonhar,
> E ela se foi num labirinto.
> Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.
> Dar ordens a um exército,
> Para conquistar um império extinto.
> (LEMINSKI, Desencontrários, 2002, p. 115).

Palavras que têm poder.

Dão ordens.

Comandam exércitos.

Por que decifrá-las?

Por que não, simplesmente, experiênciá-las?

Devir-palavras...

Poesia e vivências... escrita e invenção

Até que ponto aquilo que se escreve está relacionado às vivências? O quanto o devir escrita traz de invenção?

Quando pergunto a RO3P, se em sua escrita tem algo de sua vivência, ele diz que:

Geralmente sim, eu por ser muito rueiro eu acabo vendo muita coisa na rua, muita coisa boa, muita coisa ruim e acabo conseguindo transformar essa agonia em música... e informações também, eu converso com muita gente, de repente a gente ta conversando aqui e se você comentar alguma coisa, um certo tema e me chamar a atenção, eu vou pesquisar e escrever sobre o tema, é uma mistura, assuntos de rua, vida pessoal, mas nunca ficção, sempre realidade mesmo.

Eliane: Tem algum exemplo?

Pelé: O maior exemplo foi a minha música Milhares, foi o maior de tudo assim, porque eu peguei muita coisa que eu vivo, muita coisa que eu vivi e coloquei ela assim, escrevi, todas as músicas tem o pessoal, todas, mas a mais forte foi a Milhares. Tem no CD. A milhares, a mais pessoal de todas.

Ligo o CD em busca da música. *O sonho dus guerreiros não morre.* Faixa 7. A música começa assim:

> Tô vivão, na caminhada áspera e crônica.
> No ritmo frenético na areia de sodoma.
> Viver, vida chorona não é se impor diante o tempo.
> As visões é que te faz ser fortaleza em andamento.
> Momentos eu, tive e você teve as vontades.
> Ser notável só pra elas o destaque em vaidade.
> Simplicidade não sei, se pá nem tanto assim.
> Um degrau só de progresso é bastante pra se exibir,
> Nas louca tentação urbana, entre justos e sacanas.
> Pros ousados e pacatos seduções são levianas.
> Provocante, tipo lá no éden como antes.
> (Pelé RO3P. Milhares. In: Gotas de vinagre, p. 43 e RO3P. O sonho dus guerreiros não morre! Faixa 7).

Milhares. A mais pessoal de todas...

Sempre realidade...

Sim, muita realidade. Imagino a caminhada de RO3P. Caminhada áspera. Ritmo frenético. Seduções levianas.

Mas e as referências a Sodoma, ao Éden...?

Ficção?

Invenção?

Inacabamento?

Literatura?

Mas na resposta, ele é claro:

Eliane: E tem alguma que você inventou e não tem a ver com o seu mundo?
RO3P: Não, nenhuma, todas tem a ver...

E Nego Panda? Escreve por quê? Onde está a poesia? No poema... na vida...

Pergunto: *E o que você coloca seu quando você escreve? Você coloca alguma coisa sua? Ou você inventa?*

Nego Panda: É sociedade, é visão de mundo, como cita o Paulo Freire. É o mundo... Eu gosto muito de escrever sobre a sociedade, sobre as questões sociais. Acho que tudo, tudo o que ta aí é poesia. A gente só não descobriu, mas tudo é poesia, falta descobrir. Muita gente não descobriu ainda, mas tem poesia em tudo. Tem poesia em tudo. Tem poesia na criança que ta brincando na rua, na criança que ta empinando pipa, tem poesia na pessoa que ta tomando banho de mar, tem poesia no cara que acabou de ser atropelado, não é uma poesia alegre mas tem poesia e você vai fazer um verso crítico a respeito daquilo porque o cara foi atropelado porque o outro tava alcoolizado, então você vai acabar fazendo um texto sobre isso pra conscientizar as pessoas que não dirijam depois de beber.

Tem poesia em tudo.

O que diz Deleuze?

> Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionado pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles? A frágil saúde de Spinoza, enquanto dura, dá até o fim o testemunho de uma nova visão à passagem da qual ela se abre. (DELEUZE, 1997, p. 14).

Olhos... Tímpanos... O corpo do escritor.

E quando a escrita tem papel de resposta? Quantas vivências existem, anteriores à escrita do poema, para que o poeta tenha o objetivo de responder aquilo que ouviu e vivenciou?

Ludimar conta que, com alguns de seus poemas, teve sim a intenção de dar respostas a coisas que a incomodam. Uma dessas respostas está publicada em seu livro *Ludicidade*, com o título *Quem sabe*.

Ludimar: Tanto que se eu tivesse a agilidade que eles tem, quando uma senhora num evento, que eu acabei de cantar o rap olhou pra amiga dela com olhar irônico pra amiga dela e perguntou: "A Ludimar cheirou ou bebeu?" Mas eu demorei pra fazer a resposta.
Eliane: Isso aconteceu mesmo então...
Fernandes: Aí é a história da resposta.
Ludimar: Quando acabei de cantar o rap, aí eu queria ter a agilidade que eles têm de fazer na hora. Aí na próxima reunião a pessoa estava lá. Não citei nome nada. "Cheirou ou bebeu?" Então ficou uma resposta que eu dei não só pra ela, mas pra burguesia. (trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

> Um dia fui cantar meu rap longe da periferia,
> Fui cantar pra burguesia, mas eu me arrependi.
> A burguesia é preconceituosa.
> Não gosta da nossa prosa.

Quando terminei de cantar meu rap
A burguesia perguntava se eu cheirei ou se bebi.

Não, minha senhora burguesa,
você pode ter certeza, não cheiro nem bebo,
mas carrego dentro do peito
uma grande vontade de fazer tudo direito.

O nosso movimento conta com gente digna,
Trabalhadora e decente que sabe cuidar da mente
E quer melhorar o mundo.
Esse mundo tão desigual onde o bem sofre com o mal.
Onde o pobre favelado não passa de um coitado.
Não tem chance de vencer.
E quando vence é discriminado, rejeição pra todo lado.
Quem sabe um dia, toda essa burguesia entenda
O nosso recado queira nos conhecer melhor.
Todos juntos na estrada. Esperança renovada.

Voltei pra periferia.
Lutarei para que, um dia, nossa voz seja ouvida.
Não mais sejamos vistos como vagabundos
E cheiradores, da sociedade infratores e sim como cidadãos.

Estou mais tranquilo agora depois desse desabafo.
A verdade eu não abafo. Faço uso da razão.
Sigo em paz o meu caminho. Na luta não estou sozinho.
Tá ligado, meu irmão?
(MOLINA, 2011, p. 36).

Fernandes também tem história pra contar.

Fernandes: Sobre resposta. Muitos dos textos meus surgiram a partir de respostas, sejam amorosas, sejam de repúdio, aí eu falo "você falou isso pra mim. Então ouça o que eu tenho pra te dizer..." Esses dias eu mostrei uma pra um cara que disse: "você é poeta? Ou você copia os versos dos outros?", não porque eu tivesse raiva dele... a resposta não a ele, a resposta a... como eu posso dizer àquela atitude que às vezes é coletiva. (trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Resposta a atitudes coletivas.

Nego Panda também vê desse modo o papel da escrita.

Escrita política. Num contexto coletivo. Resposta às situações de injustiças pelas quais se passa. E entende-se que tantos outros passam também...

Eliane: E usando o exemplo da Ludimar ali da resposta, você já fez pra responder pra alguém?

Nego Panda: Não. Pra responder algo que tivessem feito pra mim que eu me recorde no momento, não, mas já fiz poesias inspirado em outras poesias que eu vi. Tem uma escrita que eu achei legal e falei "tenho que fazer isso também". Agora uma resposta assim de algum momento que eu passei não, a gente acaba fazendo algumas poesias... tipo cê passa por uma situação desconfortável e acaba escrevendo, mas geralmente quando eu vou escrever eu vou escrever eu acabo colocando tudo num contexto coletivo porque se eu passo por uma situação

de discriminação, nesse mesmo momento lá na Bahia tem uma pessoa que ta passando pela mesma situação de discriminação, no Paraná, em Rondônia, então acaba sendo um ciclo coletivo porque muita coisa acontece ao mesmo tempo, então eu penso que muita coisa ta acontecendo ao mesmo tempo, penso que o que ta acontecendo aqui ta acontecendo ali. Então eu acabo fazendo um social. (trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Eliane: Tem algum poema seu que já aconteceu com você? Que você viu e escreveu?
Nego Panda: Poema que já aconteceu comigo? Quando a gente escreve sobre injustiça social, essas coisas e a gente é pobre, basicamente muita coisa já aconteceu com a gente. Quando a gente escreve sobre preconceito por ser pobre, preto, morador da favela, o pessoal já te olha assim com o olhar torto então muita coisa já... não é... você não faz uma autobiografia, mas muitas coisas acabam sendo, meio que acabam caminhando lado a lado. (trecho da transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas, 08/06/2013).

Resposta. Escrita.

Para onde isso me leva?

Escrita individual? Escrita coletiva? Minha voz? Voz do outro? Alteridade?

Língua que é minha. Língua estrangeira?

A resposta de Abel segue ideia semelhante. Mais vivência que invenção.

Eliane: Tem alguma coisa da sua vivência no que você escreve?
Abel: Eu gosto de escrever as coisas pra pessoa ouvir e já entender, pare pra pensar por que será que ele falou assim? O que que ele quis dizer com isso é mais pra fazer pensar 90 % são coisa da minha vivência. Uns 10 % seria fantasia. Eu poderia tirar uma coisa de um filme mas aí seria os 10 %.
A Egos e ambições era uma letra de rap que eu havia feito, coisas que você passa e que você almeja ao mesmo tempo e ao mesmo tempo não é nada disso às vezes conforme uma ambição que você tem;;;
Fernandes pergunta a ele: E no mundo você acha que todo mundo ta dosando bem os egos e as ambições, sem se preocupar como vai chegar lá?
Abel: Todo mundo ta querendo um lugar de destaque sem saber.
(trecho da transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas, 23/02/2014).

Mas, posso olhar de outro modo?

E a invenção presente na escrita?

Deleuze vai além da vivência. Para a função fabuladora da escrita.

> A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletivas de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e renegações. (...) Precisamente, não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menorm, eternamente menor, tomado em um devir-revolucionário. Talvez ele só exista nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre em devir, sempre inacabado. Bastardo, já não designa um estado de família, mas o processo ou a deriva de raças. Sou um animal, um negro de raça inferior desde a eternidade. É o devir do escritor. Kafka, para a Europa central, e

> Melville, para a América, apresentam a literatura como a enunciação coletiva de um povo menor, ou de todos os povos menores, que só encontram expressão no escritor e através dele. (DELEUZE, 1997, p. 14).

Devir-revolucionário.

Devir. Invenção.

Descobrir.

Inventar na língua aquilo que se quer dizer.

Fazer dançar.

Nas palavras de Ludimar:

Eu escrevo em qualquer lugar. Às vezes assistindo televisão, às vezes deitada na cama, às vezes na rua, qualquer lugar, qualquer momento eu já vou captando o que eu quero escrever...

Uma vez eu estava fazendo uma faxina, um calor em pleno janeiro e eu vi que o galho da goiabeira do quintal vazio do lado tombava na marquise, eu pulei pela janela e peguei a goiaba... aquele gosto... veio a infância, os quintais que eu morava que tinha essas árvores e eu fiz: "faça da vida uma goiabada"...

O que eu me permito inventar. Aí é a parte mais legal. Eu gosto muito de inventar, eu acho muito legal essas pessoas que inventam palavras, tem um amigo meu que inventa umas palavras, ele pega um pouco de solidão com saudade, mistura aquilo, dá uma nova palavra, um neologismo... agora inventar é o que eu mais gosto, na invenção eu posso tanto falar verdade como falar mentira, verdade, sonho, eu invento; se eu quiser inventar que essa sala não é uma sala eu invento, se eu quiser falar que a partir de agora essa sala é um túnel que vai me levar pra algum lugar, eu olho pra uma flor e se eu pensar que um dia não vai ser uma flor, essa é a parte mais gostosa, é você inventar, aí é o ato mesmo da criação. Não quer dizer com isso que você está inventando só o que é irreal, você pode até ter um pouco de realidade, mas é uma realidade inventada, que é a realidade melhor que tem. Aí volta de novo na Pasárgada, do Manoel Bandeira, tão amada por mim. Inventar é a parte mais gostosa.

Faça da vida uma goiabada.

Inventar é o que eu mais gosto.

Essa é a parte mais gostosa.

É o ato mesmo da invenção.

Realidade inventada.

Pasárgada.

Bakhtin traz contribuições a aspectos do que o autor diz sobre sua própria obra. Para ele:

> O que diz um autor deve ser considerado com a maior circunspecção pelas seguintes razões: a reação global de que procede o todo do objeto decorre do desempenho do ato criador e não é vivida como algo determinado - pois o que a determina se encontra precisamente no produto criado, isto é, no objeto a que essa reação deu uma forma. O autor reflete a posição emotivo-volitiva de

> seu herói e não a sua própria atitude para com o herói; esta, o autor a terá concretizado em um objeto, e não poderia, enquanto tal, ser objeto de análise de uma vivência reflexiva; o autor cria, mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto ao qual deu uma forma; em outras palavras, ele só vê o produto em devir de seu ato criador e não o processo psicológico interno que preside a esse ato. (BAKHTIN, 1997, p. 28).

Encontro, também em Bakhtin, a palavra devir. Devir do ato criador.

Como seria o produto em devir do ato criador do poeta?

E continua:

> Assim é, aliás, a natureza da vivência de qualquer ato criador: ele vive seu objeto e vive a si mesmo no objeto, mas não vive o processo da sua própria vivência; o trabalho de criação é vivido, mas trata-se de uma vivência que não é capaz de ver ou de apreender a si mesma a não ser no produto ou no objeto que está sendo criado e para o qual tende. Por isso o autor nada tem que dizer sobre o processo de seu ato criador, ele está por inteiro no produto criado, e só pode nos remeter à sua obra; e é, de fato, apenas nela que vamos procura-lo. (Os aspectos técnicos do ato criador, a perícia, são claramente perceptíveis, porém, de novo, no objeto.) E quando o artista, além da obra criada e complementarmente a esta, empreende falar-nos de seu ato criador, da relação criadora que ele não viveu interiormente e que se concretizava numa obra (não a viveu, ele vivia o herói), ele substitui a obra já criada por uma relação nova, mais receptiva. (BAKHTIN, 1997, p. 28-29).

Palavras do autor.

Do poeta. O que dizer, então, sobre escrita vivência / escrita e invenção?

Talvez, o devir-escrita não tenha que fazer sentido, apenas fazer sentir...

Sentir do leitor...

Obra que se mistura ao autor.

Fronteira entre o que se vive e o que se inventa.

> Escrevo. E pronto.
> Escrevo porque preciso,
> Preciso porque estou tonto.
> Ninguém tem nada com isso.
> Escrevo porque amanhece,
> E as estrelas lá do céu
> Lembram letras no papel,
> Quando o poema me anoitece.
> A aranha tece teias.
> O peixe beija e morde o que vê.
> E eu escrevo apenas.
> Tem que ter por quê?
> (LEMINSKI, 2002, p. 135).

O que isso potencializa enquanto experiência criadora?

E o que dizer sobre as margens? Elas existem?

Para onde vai a margem do rio quando seca?

E quando o rio transborda? Existe margem?

O que dizer de uma periferia que deixa as bordas da cidade e ocupa o centro da cidade?

Que tamanho tem essa literatura?

Literatura menor? Maior?

Devir-literatura. Literatura que atinge as profundezas da linguagem...

5.SEGUIR AO INFINITO

(TRANS) BORDAR

Hoje eu quero aplauso!

Saudemos Bandeiras, Pessoas e Matos.

O que fazemos aqui é poesia de fato?

Origino-me da incógnita

Anseio, como todos, pela resposta.

Fazer poesia é o nosso barato?

Então... entorpeça-me com teu pânico.

Sim, sim. Somos os últimos românticos.

Vamos fazer , ser a moda

de modo que mudaremos conceitos.

Status quos? Pose respeito.

Deixe disso. Fotografe.

Ficar calados e parados. Isso que é gafe.

Solte seu grito. É dele que eu preciso.

Eu quero a loucura imposta.

A vida pouco dura e é dura para quem se encosta.

Saia do casulo. Bata as asas. Nos encante.

E antes que eu me esqueça...

Vou-me embora pra...

Samambaia.

(...)

(Poeta Fernandes, em vídeo disponível em: <http://www.poetafernandes.com.br/2010/04/hoje-eu-quero-aplausos-vou-seguindo.html>)

O Barato é loko

Livres pensamentos que voam sentido os ventos.
Às vezes contra o mesmo, às vezes para no tempo.
Se o barato é loko, meu truta, vai entender.
A rosa é a flor mais bela, mas tem espinho porquê?
Na trilha entre tropeços, acertos quem compreende?
Você ama quem nunca viu e odeia quem tá presente
É quente!
Desfazem sempre do laço fraterno,
Palavras jogadas ao vento nunca fez sucesso.
E o acesso, a porta arreganhada para o regresso.
Na selva de concreto são de areia os castelos.
Entre beijos e atritos. Intrigas entre harmonias.
Decide sua caminhada entre a brisa e a neblina.
A fita é fazer meu papel sem exagero.
Com o puro sentimento, ser mensagem e mensageiro.
Para os guerreiros, na terra triste onde o mal te frustra...
E as lágrimas das ruas no rosto de cada truta.
O que faz da vida dura sumir do meu semblante.
É o amor, que vale mais que o ouro e as crianças,
meus diamantes.
Constante, meu anti-depressivo são sorrisos.
Que nasce entre as ruínas com esses me identifico.
E edifico na rocha todo amor para conosco.
Pois a luz em meia as trevas o barato é loko,
(RO3P, In. Gotas de Vinagre, 2013, p. 44).

O barato da vida

Se o barato é louco, desse barato eu quero um pouco.
Também sou filho de Deus.
Preciso resolver problemas meus.
Quero ter felicidade na minha insanidade.
Quero andar pela calçada.
Quero atravessar a rua sem ser atropelado pelo destino.
Quero paz no meu coração de menino.
Quero chegar em casa e aconchegar-me na asa
De quem me espera, na esperança viva de que tudo vai bem.
Quero bater o martelo para que a justiça seja feita.
E que a corda não se arrebente somente do lado mais fraco
Quero sair do buraco onde a vida me jogou.
Nele, quero plantar uma flor,
Um lindo lírio da paz.
Por favor, me dê uma chance; eu sou capaz.
Só não sou igual s toda gente.
Meu defeito é ser louco.
Não aceitar o que vem pronto.
Determinado, mastigado, só faltando engolir.
Não quero isso, meu amigo.
Quero separar o joio do trigo.
Livrar-me do que não presta. Fazer da vida uma festa
Pois é! Meu único defeito é ser louco.
E se o barato da vida é louco desse barato eu quero um pouco
que dê pra sobreviver.
Nunca perder a insanidade.
É nela que encontro minha dignidade.
Agora peço licença. O sinal está aberto.
Preciso ser esperto para atravessar a rua.
Preciso chegar do outro lado. Não posso ficar parado.
Vai dar tudo certo eu não me engano.
A gente se vê por aí, mano!

(Ludimar Gomes Molina. In: Ludicidade, 2011).

O rio segue... passa por diferentes fases... trechos de águas calmas... trechos de águas revoltas, correnteza, desvios da correnteza... águas quietas, inquietas águas, águas turbulentas...

E eu, aqui, recordo-me de minha tarefa... continuo desafiando meu amigo Palomar.

Sigo com minhas pegadas em torno desse rio, ora observando... ora num barquinho, subindo e descendo por entre as margens, atravessando de uma margem a outra, desestabilizando-me muitas vezes, junto às águas do rio. Em momentos, sigo pelas bordas, em outros, arrisco-me. Permito-me transbordar.

Passando por cachoeiras. Passando por diferentes paisagens.

Paisagens por entre muros rabiscados, paisagens onde há pessoas.

Declamadores, espectadores, leitores, escritores...

O rio vai seguindo seu caminho, e eu acompanho os movimentos, próximos do momento de ancorar. O mar se aproxima.

Logo ali em frente estão as ondas. Ondas de poemas. Sarau. Ostras. Ondas de Ludimar, Nego Panda, Poeta Fernandes, RO3P e Abel.

O que mais eles fazem? O que dizem?

Os poemas agora, vêm em forma de "barato".

Barato de falas, gritos, sons movediços. Palavras que se sobrepõem, que se encontram e desencontram. Formam uma orquestra, afinada, gaguejante, turbulenta.

Movimentos disformes, que tiram cada um do lugar esperado, impactam, questionam, impulsionam...

Onde estou nesse barato? O que é, afinal, esse barato?

Inquieto-me. Também faço parte desse barato. Aliás, já cheguei aqui faz tempo.

Só agora me dei conta?

Literatura... poesia... marginal? Talvez?

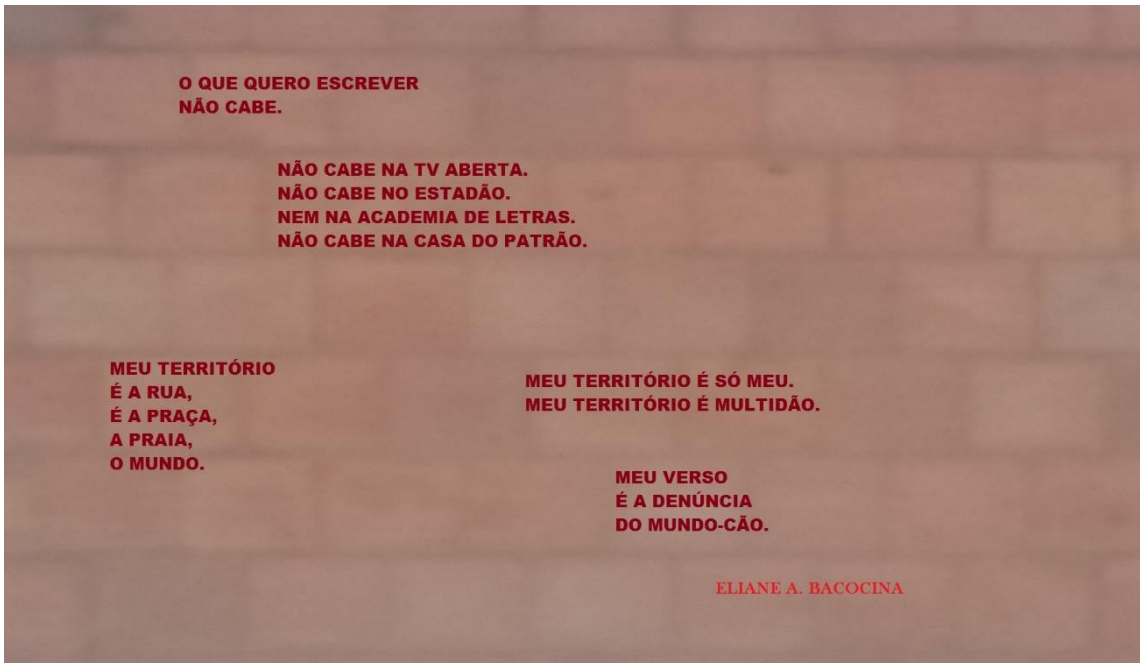
O barato é participar.

Então, lá vou eu!

Quem quiser que me acompanhe!

Acompanhem os poetas. O barato é louco!

Figura 37: Poema que não cabe.



Poema elaborado pela autora em oficina ministrada por integrantes do Laboratório Escriarte, na qual se discutiu o tema Literatura Menor.

Escrever... por quê?

> O senhor me pergunta se os seus versos são bons. Pergunta isso a mim. Já perguntou a mesma coisa a outras pessoas antes. Envia os seus versos para revistas. Faz comparações entre eles e outros poemas e se inquieta quando um outro redator recusa suas tentativas de publicação. Agora (como me deu licença de aconselhá-lo) lhe peço para desistir de tudo isso. O senhor olha para fora, e é isso sobretudo que não devia fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo e ajuda-lo, ninguém. Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele se estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: preciso escrever? Desenterre de si mesmo uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com um forte e simples "Preciso", então construa sua vida de acordo com tal necessidade; sua vida tem de se tornar, até na hora mais indiferente e irrelevante, um sinal e um testemunho desse impulso. (RILKE, 2013, p.24-25).

Que escrita é essa, entranhada no modo de criar dos poetas, pelo qual eles sentem a necessidade de escrever?

Ludimar: Por que eu escrevo? Porque eu preciso viver. Eu escrevo porque... nossa, escrever pra mim é uma das prioridades da minha vida. Eu preciso escrever. Assim como eu preciso ler eu preciso escrever. Escrever é o que me faz sentir viva. É o que me faz sentir livre. É o que me faz crescer. É o que me faz me comunicar. Praticamente é tudo. (trecho da transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas. 19/10/2013).

Por que se precisa ler?

De onde vem essa necessidade de escrever?

Prática que nos faz sentir vivos.

Faz-nos sentir livres...

Crescer.

Comunicar.

RO3P parece complementar a fala de Ludimar:

Eliane: E o que é um poema pra você?
RO3P: Uma vida. Uma vida. Ta escrevendo ali um poema. Que nem a Dona Ludimar, o poema tem que ter sentimento. Tem que ter sentimento e verdade. Sem verdade no poema, você ta rasgando uma parte da sua vida.
Eliane: O que diferencia um poema de outros textos, pra você, seu ponto de vista...
RO3P: Na verdade, eu não sei diferenciar, eu acredito que todo ser humano é um poeta, todo mundo tem coisas pra escrever, tem coisas pra viver.
Eliane: Mas assim... rima métrica... Você acha que poema tem que ter tudo isso?
RO3P: Poema é a verdade. O poema tem que ser a sua verdade. Não tem que ter rima, não tem que ter métrica, tem que ter verdade, sentimento verdadeiro, aquilo ali que o cara ta falando é dele, saiu dele aquilo ali, é ele, apenas ter sentimento e verdade e pronto. (trecho da transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas. 19/10/2013).

Sentimento.

Verdade.

Saiu dele aquilo ali.

Escrever até a morte.

(...) porque eu costumo falar pros meninos a gente somos compositores, somos escritores, a gente não vai parar de escrever nunca, a não ser que Deus venha e: Olha, você não vai escrever mais, toma aí um derrame, você não vai escrever mais porque cê vai morrer... fora isso enquanto a gente tiver ar e condições de escrever.

Escrever até morrer? Ou escrever para não morrer?

Escreve Foucault em seu texto *Linguagem ao infinito* (2009):

"Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala. As mais mortais decisões, inevitavelmente, ficam também suspensas no tempo de uma narrativa." (FOUCAULT, 2009, p. 47).

Poetas... apaixonados pela linguagem. E como explicar essa paixão e suas mortais decisões ao escrever?

Nesse mesmo livro, o autor cita Sade, que levou a linguagem ao seu limite.

Sade... Sadismo...

Para Leminski, quando diz da paixão do poeta pela linguagem, essa escrita se assemelha àquilo que ele se refere como sadismo e masoquismo da língua:

> Então, o poeta, a poesia, se é que ela tem alguma razão de ser, e eu acho que tem, estaria nisso. A atividade poética é uma coisa voltada para a palavra enquanto materialidade, a palavra enquanto uma coisa do mundo. O poeta é, na sua óbvia paixão pela linguagem, porque um poema propriamente não tem um significado, ele é o seu próprio significado. Por isso, os poetas são intraduzíveis. O poeta teria, em relação à linguagem, uma transa apaixonada e essa relação podia se manifestar de duas formas, uma forma masoquista e uma forma sádica. Essa paixão assumiria, em primeiro momento, uma forma masoquista. O poeta seria uma vítima da linguagem, a linguagem exerce uma violência sobre ele e ele sofre essa violência. Num outro momento, no momento sádico do processo, o poeta, o artista, o escritor, o criador, passaria a ser algoz, a ser carrasco da linguagem e daí inverter o jogo. (LEMINSKI, 1987, p. 285).

O autor acrescenta que, num primeiro momento, o poeta é um sofredor, uma vítima da língua. Isso tem início quando se nasce como falante de uma língua e é necessário se submeter às regras e normas gramaticais.

"Ninguém nos perguntou antes que língua a gente gostaria de falar. Quando você vê, você é passivo em relação àquela língua sobre a qual, com todas as formas sociais, você não tem poder." (LEMINSKI, 1987, p. 287).

Poeta sofredor. Mas também autor.

“Depois, vem a atitude sádica, quando o sujeito começa a devolver os golpes. Ideia de experimental, de invenção ou de vanguarda”. (LEMINSKI, 1987, p. 289).

O que seria devolver os golpes?

> Nesses momentos, o artista, o criador, passa a devolver aqueles golpes que tinha sofrido no início, no qual era uma vítima da língua. Agora, passa a ser algoz, passa a torturá-la, a quebrá-la, passa prum outro momento da sua paixão. (LEMINSKI, 1987, p. 289).

De que modo os poetas aqui trazidos para a roda torturam, quebram a língua?

Vejo essa “quebra” em alguns poemas que leio nos livros dos poetas.

Ei você me conhece?
Sabe quem sou?
Da onde vim?
Pra onde vou?
Sigo procurando
Essas respostas
Sou atrevida
Entro sem bater na porta
Machuco sem querer
E deixo a vítima
Às vezes morta
Sou forte pequenina
Mas rápida
Qual uma andorinha
Quebro o silêncio
Da noite
Faço sangrar tipo açoite
Derrubo o fraco ou o forte
Exalo o cheiro da morte
Arranco um grito de dor
Te faço ganhar uma flor
Ainda não sabe quem sou?
Eu sou a bala perdida
Que sem avisar ceifa a vida
Levando aquela criança
Que brincava em casa ou na rua
Mas me diz
Se a culpa é minha ou sua?
(NEGO PANDA, Bala perdida. 2011, p. 24).

Vejo que Nego Panda escreve como se fosse um objeto, o qual só revela ao final do poema. Ao fazer isso, leva o leitor a se colocar numa posição de curiosidade. A pergunta ao final “A culpa é minha ou sua?”, coloca-o numa posição de quem questiona. De quem é a culpa?

Seria a esse "quebrar" a língua que Deleuze e Guattari se referem quando buscam caracterizar a literatura menor?

> Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressor, encontrar os pontos de não-cultura e de subdesenvolvimento, as zonas linguísticas do terceiro mundo por onde uma língua escapa, um animal se introduz, um agenciamento se ramifica. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 41-42).

Por onde a língua escapa?

Voltando a Leminski...

> Gostaria de colocar, pra coroar isso, uma coisa utópica, que seria o momento, digamos assim, de amor entre o poeta e a língua. As línguas amam seus poetas porque, nos poemas, se realizam os seus possíveis. Um Fernando Pessoa, um Maiakóvski, um Poud, um Cummings um Cabral, um Khliebnikov, um Augusto de Campos são poetas que conduzem sua língua aos extremos limites de expressão dela, quase assim na fronteira, no abismo do incomunicável. Então, as línguas amam seus poetas como se fossem seus filhos mais atrevidos, e os poetas devolvem, evidentemente, aquele amor de filho pela mãe, dá vontade de estrangular, não é mesmo? E então eu imagino se seria possível, fico me perguntando se seria possível um momento, digamos assim, de amor, entre o poeta e a língua, a língua e o poeta. Aí viria a questão de perguntar se pode existir um amor sem sadismo nem masoquismo. (LEMINSKI, 1987, p. 289).

Conduzem sua língua aos limites da expressão.... À fronteira?

Amor sem sadismo nem masoquismo.... Onde estaria?

Escrita sem paixão? O que seria, então, a poesia? Amor à língua?

> Que leva duas pessoas a ficarem juntas? A poesia seria cúmplice, desde o começo, desse sentimento que se chama amor. Eu acho que é uma coisa perfeitamente lógica, natural, porque a poesia, se vocês olharem bem, ela é o amor entre os sons e os sentimentos. Ela já é na sua substância, intrinsecamente, ela já é amor, já é aproximação, no sentido que é amor entre os sons e os sentidos, num sentido que a prosa não é. É por isso que a poesia não morre. (LEMINSKI, 1987, p. 291).

Ludimar provoca "Não queiram prender a poesia numa camisa de força".

Poeta Fernandes diz da palavra amor, que caiu na página, germinou e deu dor na alma do poeta.

Amor à poesia?

> Por que é essa coisa tão inútil que não consegue sequer se transformar decentemente em mercadoria num mundo mercatório, esse mundo em que vivemos? Qualquer editor principiante sabe: poesia não vende. Existe esse

> hiato, realmente poesia não vende, e é bom que não venda! (...) Poesia não vende. Poesia é um ato de amor entre o poeta e a linguagem. E esse é um território como se fosse assim uma reserva ecológica do mercado em que vivemos que resiste ao fato de se transformar em mercadoria. Não é uma infelicidade e nenhuma inferioridade da poesia escrita, falando de poesia escrita, da poesia, escrita, da poesia livro, a dificuldade dela em se transformar em mercadoria é uma grandeza. Quem não entender isso não entendeu a verdadeira natureza da poesia, ela é feita de uma substância que é, basicamente, rebelde à transformação em mercadoria. (LEMINSKI, 1987, p. 291).

Amor entre poeta e linguagem... além do sadismo?

Amor a uma língua que, de tão intensa, se faz menor...

"Quantos estilos ou gêneros, ou movimentos literários, mesmo bem pequenos, só tem um sonho: preencher uma função maior da linguagem, fazer ofertas de serviço como língua do Estado, língua oficial (...). Ter o sonho contrário: saber criar um tornar-se menor. " (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 42).

Linguagem que não vende... linguagem à qual se ama...

> A gente pode criar um mundo assim, o império total da mercadoria, tudo pode ser vendido, coisas, sensações, as coisas mais incríveis, os momentos mais emocionantes. Uma coisa, porém, não pode ser transformada em mercadoria, que é o amor. Amor é dado de graça, alguém pode comprar sexo de outra pessoa, mas o amor a gente sabe que é o último reduto que resiste à transformação em mercadoria. Então, eu acho que a paixão do poeta pela linguagem, da linguagem pelo poeta, é coisa que tem amplas implicações sociológicas, históricas, transcendentais... (LEMINSKI, 1987, p. 291).

Seria possível definir as implicações da paixão do poeta pela linguagem?

Ou seriam implicações infinitas, que ultrapassam as bordas, (trans)bordam?

A paixão de quem diz: "Preciso escrever."

Escrever com sentimento, verdade...

Sem esperar nada em troca...

Amor... amor à palavra.

Sigo minha busca a partir dessa palavra.

As pegadas seguem. Para onde vai essa escrita?

Vou buscando pistas... e elas vão surgindo...

Escrita que não cabe.

Escrita coletiva.

Escrita que impacta.

Escrever o que não cabe

O que se quer escrever cabe na língua?

O que dizer sobre uma escrita que não cabe? Que transborda?

Abel quer escrever um texto que não termine...

- Eu tenho até vontade de continuar como se fosse o homem da estrada até então a minha vida é simples era uma parte da egos e ambições que eu tinha feito e depois eu resolvi cortar...

Eliane: Egos e ambições é uma poesia gigante assim...

Abel: É uma poesia que eu procuro não repetir as palavras.

. Isso porque antes tinha uma vez que eu tava conversando com o Pelé e falei: "Tive uma ideia, eu vou fazer um disco, fazendo assim, começando saindo de casa... cada faixa vai ser contínua da outra sem parar, sem parar e sem repetir nenhuma coisa e vai trocando as faixas, mas vai continuar, vai voltar, sem refrão sem nada... (transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas. 23/02/2014).

Não repetir palavras... que devaneios esse ato traz?

Fernandes fala de seu movimento com as mãos enquanto declama o poema.

Movimento que quer escrever tudo aquilo numa linha só. Mas não cabe.

Como faz para escrever aquilo que não cabe na folha de papel?

Não cabe no papel, nem em seu pensamento. Como exteriorizar?

Abel, no terceiro encontro, sob influência dos amigos recita seu poema longo.

Abel: Vão querer que eu recite mesmo o egos e ambições? (...) Vou recitar aqui pra senhorita:

> Ego e Ambições
> Na madruga, perambulando pela viela escura, a procura da fartura o ego pedindo ajuda. Não atura ter resposta nenhuma, cansado de fazer a mesma pergunta, onde o maior esforço não triunfa, sem trufa ou carpete vermelho, morre o desejo em ter o anel de platina entre os dedos. Permaneço, embora reconheço que por mais inocente a ambição se torna pesadelo, o medo compõe o enredo, tipo contra-peso, ileso, quem pagaria o preço, por minha cabeça a prêmio. Promove o grêmio, se conseguir descobre o que eu penso, joga o lenço estenda a bandeira branca, quem sabe, não alcance o topo da lança. Em meio a tantas no fim, cobrança... Meu sonho não é alimentado por falsa esperanças. Mergulho no veneno me perco, me acho no tempo, quem segurou a vitória e não passou na fase do sofrimento, momentos que por si esquece, na cápsula, no Orloff, ou até mesmo gritando no walktalk, sem toque, sem trégua. Com várias mentiras difícil é acreditar na vera. A casa cai, amigos se vai, parentes se traem, pega o que sobrou e subtrai. Na dúvida cala na marra, maltrata adicionando espinhos abala jornada chorar por nada sei que é falho, aprende na queda ou então me prove o contrário. Sentado no malote cercado, vendo os planos indo por água

> abaixo, cadê o atalho, a coragem a força a lei ortogou me encosta na masmorra. No que acredito só terá um ponto diante da forca, quem disse que o peixe padece pela boca, conta outra.
> Relaxe, pois falta muito pra chegar no meu nível de brecha, aí verás o branquelo imbatível, entende o que digo. Alívio a ser protestada abrir a consciência e fechar por míseros centavos acaso, ou mero equívoco, pra solucionar só tomando banho de colírio. Já penso, de role de Ford Egde com as damas no flat, ou dá ou desce a fama enlouquece. É fato, declinar o compromisso ou injustiçar quem tá do lado, culpado é como a sombra no seu encalço, e cortesia que ganha em tal próximo legado. Mãos pro alto, já tenho muito o que perder pra quem não conhece a palavra vencer, sem ter o porquê esperar até o dia amanhecer. Prover o aroma das rosas, enterra o sentimento pra acabar não deixando à amostra, misericórdia, talvez prospere entre pra qualquer invejoso que meu coração está coberto de neve, passo por cima dos vermes, anote o CEP, reclame depois quando der conta, passo, já foi, moscou deu boi. Compreenda que é melhor usar lupa do que venda, vá em frente ou se arrependa de joelhos, implora coloca os miolos pra fora, revoltado com a trama conspira na hora, e mesmo assim disfarça a olho nú ao semelhante tenta achar o sifrão de qualquer forma ou semblante, chance, por mais que cante atola no inferno de Dante por essas e outras encontra-se como centroavante, avante se esquive do punch, não para para o lanche e hora do rush a vida é um mero romance... Desilusões guarde pra si o exemplo, pois meu B.O. ainda me lembro, sustento a base do consentimento vibrações boas não trazem os ventos, atento ao através ao experimento ser feliz ao invés de ser omisso detalhar os conceitos ou beijar o prejuízo. E risco, tá crítico daí reclama para Cristo, é propício abandonar a razão a quem ter juízo. Contudo é um grão de areia nos problemas do mundo respire fundo repare em volta já ouviu o ditado que um bom filho a casa retorna, se importa ou conforta não sei, mas realmente nunca... saberá do que falei. (Abel Pereira, Ego e Ambições. In: Gotas de vinagre, p. 7-8).

Escrita que segue na estrada... sem palavras repetidas... que se quer infinita.

Escrita que quer deixar expressa sua paixão pela linguagem.

> Pensando nas relações entre poesia e linguagem, entre paixão, poesia e linguagem, formulei a coisa de que a poesia seria uma manifestação, sobretudo, de paixão pela linguagem, por causa do próprio caráter substantivo da poesia. Um poema não é como um conto, não é como um romance. Um conto, um romance são transparentes, deixam o olhar passar até o sentido. Na poesia, não. O olhar não passa, o olhar para nas palavras. Um romancista, um romancista típico, um ficcionista, para ele, a palavra não é o valor fundamental, sua música, sua forma, suas relações com as palavras não é essencial. O essencial é a escrita que ele está contando. (LEMINSKI, 1987, p. 284-285).

Olhar... olhar que para nas palavras...

Palavras pérolas... que atraem os olhares para elas...

Estética da linguagem...
Palavras que, lidas, geram outras palavras, apaixonadas.
Que não cabem na estrutura do verso.
Não cabem nas margens do papel.
Extrapolam as bordas...
Vão além das fronteiras.
Querem-se infinitas.
A transbordar...

Coletivo

> No ato de palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão:* alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso. (RANCIÈRE, 2002, p. 74).

Convidar os outros...

Como os poetas do Sarau das Ostras vão sendo convidados pelos amigos?

Como se dão esses encontros?

O que os une?

Ludimar reconhece o talento de Fernandes, o menininho que chega de chinelo Havaianas na porta da biblioteca onde o encontro poético acontece. Pede que se dê uma chance a ele de mostrar o seu poema. E surge um soneto. Junto com o soneto, uma amizade. Amizade poética.

Fernandes vê Nego Panda, figura que chega ao final do encontro e deixa todos assustados. O menino Fernandes, antes discriminado, reconhece o novo amigo: "Ah! Então você é o Nego Panda? Chega aqui pra mostrar sua poesia pra gente!"

Nego Panda reconhece RO3P, o amigo rapper. Chama-o a integrar o grupo. O que tem na sua poesia que o instiga a convidá-lo a participar?

RO3P tem amigos no rap. Entre eles Abel. Lá vem Abel para participar do grupo.

Nego Panda: O que uniu a gente foi a Arte. A vontade de fazer arte pelo prazer de fazer arte de forma diferenciada. A gente não quer simplesmente ler poesia, a gente quer declamar e encantar com a poesia.

Ludimar: Impactar, né?

Nego Panda: Impactar. E com a música é a mesma coisa.

Eliane: Então acho que vocês se identificaram nesses outros grupos que vocês participavam pelos objetivos de vocês...

Ludimar: Até porque... parece que alguma coisa faltava nos outros grupos. Faltava alguma coisa que a gente achou no outro. Que nem eu acho no Pelé, no Panda, na performance deles, nas letras deles. Cada um achou no outro o que estava faltando. A gente tava contente... Tinha vários grupos, tinha a Sociedade dos Poetas Vivos, o Clube de Poetas do Litoral que eu amo de paixão. Mas parece que a gente se identificou, parece que fala a mesma língua. Parece: "Pô, o Panda falou um negócio, que legal! Era isso que eu queria falar..." A gente continuou com os outros grupos, mas a gente se identificou. Quando penso em alguma coisa eu penso no Fernandes, no Panda e no Pelé. Eu não consigo imaginar o Panda sem o Pelé e o Pelé sem o Panda. Eu penso no Panda logo vem o Pelé. E já que eles me aceitaram com tanto carinho, a gente vê que é uma coisa verdadeira, melhor ainda... Parece que é tudo meu filho.

Fernandes: Mas ela dá puxão de orelha também...

Ludimar: Eles não aceitaram porque ah, vamos aceitar... Eles aceitaram mesmo. Tudo eles me chamam. Às vezes eu vou no evento e eu nem penso que eu vou ser chamada. Quem

nem no dia da Semana do Hip Hop eu fui como espectadora. De repente o Pelé me chama. Então a gente é muito unido. Um pensa muito no outro. A gente faz tudo junto.

Poeta Fernandes: Vem evento, vai evento... Vem ideia pra cá, vai ideia pra lá. Vamos fazer isso junto... Vamos bolar alguma coisa junto. Até que hoje quando um pensa em alguma coisa, já pensa em como vai encaixar o outro. O cara pra fazer isso é ele. Vamos encaixar ela e vice-versa. (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Parece que a gente fala a mesma língua.

Um pensa muito no outro.

Vamos fazer juntos.

Também quero fazer poesia junto com esses poetas...

> Os feiticeiros sempre tiveram a posição anômala, na fronteira dos campos ou dos bosques. Eles assombram as fronteiras. Eles se encontram na borda do vilarejo, ou entre dois vilarejos. O importante é a afinidade com a aliança, com o pacto, que lhes dá um estatuto oposto ao da filiação. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 29).

Pacto... Aliança... Contágio...

Agenciamentos que se fazem coletivos...

RO3P: Eu vejo o sarau hoje, pra mim, uma outra oportunidade de válvula de escape, pra dor, pra alegria, pra tristeza, pra um monte de coisa, eu posso pensar que hoje aquela coisa que nem sei se eu almejo mais, sucesso no ego, mas o reconhecimento na música que todo músico espera, hoje tem a literatura pra suprir isso aí (...) a gente vai escrever sempre, de repente a gente vai escrever mais e mais, tem muito trabalho que a gente pode fazer e deixar um legado mais pra frente, é difícil explicar o que o sarau significa pra mim, mas é um conceito de família, uma coisa boa. (transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas. 19/10/2013).

Difícil explicar...

Conceito de família... Coisa boa...

Família? Para Deleuze e Guattari (2012), outros termos seriam mais apropriados à discussão.

> Há toda uma política de devires-animais, como uma política de feitiçaria: esta política se elabora em agenciamentos que não são nem os da família, nem os da religião, nem os do Estado. Eles exprimiriam grupos minoritários, ou oprimidos, ou proibidos, ou revoltados, ou sempre na borda das instituições reconhecidas, mais secretos ainda por serem extrínsecos, em suma anômicos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 31).

ABEL: *O da ostra eu não sei como explicar, às vezes, eu não vou falar que o sarau das ostras seria um meio... não só uma janela pra eu expor a minha arte, mas um grupo que ta sempre comigo. É mais a amizade, pra mim, não vou dizer que é tudo, mas seria uma grande parte da arte, eu não consigo me ver hoje sem o Sarau das Ostras. (transcrição do 3º encontro das Conversas Poéticas. 23/02/2014).*

Coletivo. Janela? Amizade...

Impactar

Ludimar (para Fernandes): Eu lembro quando você fala assim: "Hoje eu quero aplauso". Acho que o pessoal fica numa dúvida? Aplaudo ou não aplaudo? É pra aplaudir ou não é pra aplaudir? (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Hoje eu quero aplauso.

Modo de impactar pela linguagem.

Linguagem que tira do lugar comum... Impacta. Contagia.

Fernandes: Mas essa dúvida é gostosa. E esse texto surgiu como? A gente tinha um grupo que chamava Lupel. Era uma reunião da Lupel no Hamburguer.com. Lupel: Ludimar, Pepita e Elza... Lupel e a gente ficou fazendo... a Alessandra ela tinha o hambúrguer.com na frente do cartório e às terças-feiras ela deixava para que a gente fizesse poesia lá (...) e aí um dia eu falei "cara eu preciso falar dessa situação que ta acontecendo aqui" e aí surgiu 'Hoje eu quero aplauso'.

Saudemos sim Bandeira, Pessoas e Matos, mas o que fazemos aqui é poesia de fato. E o destino dessa incógnita: fazer poesia é o nosso barato.

Saia do casulo, aí tinha uma menina que era toda envergonhada que ela ia lá e falava que não gostava de ler. Aí eu apontava pra ela. Saia do casulo, nos encante.

Preciso do seu pânico. Dona Elza – Sim sim, somos os últimos românticos. A Elza era toda romântica. E eu brinquei com a nossa roda antiga, desse outro grupo que era o Lupel, eu brinquei com eles.

Ludimar: Era muito rico esse tempo da Lupel, a gente começou meio de brincadeira e a gente se apresentou na casa da Pepita um dia e falou "a nossa proposta é essa" e a pessoa que estava no evento já falou: "o próximo é na minha casa", "o próximo na minha" e aí foi crescendo, crescendo e depois a Pepita viajou. (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Brincadeiras com a roda.

Roda de palavras.

Palavras que impactam.

Impactos que vão crescendo. Contagiando.

Ludimar: Dentro da própria Roda Literária deu uma alavancada, entendeu? Porque a Roda Literária é uma coisa mais parada. Porque a Roda Literária vai seguindo. Um fala, depois outro fala. Aí a gente bolou um esquema. Do nada alguém começava a falar. Aí um tava assistindo na plateia e começava a falar. Foi dando uma mudada e o pessoal foi gostando dessa dinâmica.

(...) A roda literária, eu acho ela legal, participo de todas elas, acho muito legal, mas de uns 2 ou 3 anos pra cá eu dei muitas sugestões de mudança, porque é uma coisa muito parada. Porque um fala, outro fala, depois outro fala... Quando o Panda e o Pelé começaram a frequentar aquilo ali me encantou porque naquela roda calma, pacata, do nada eles saíam falando, apareciam atrás de uma estante de livros, saíam falando, aí um já emendava com o que o outro falava e eu gostei muito dessa dinâmica e foi quando eles estavam formando o Grupo Sarau das Ostras, e eu gostei bastante desse tipo de coisa, comentei com eles que eu

tinha um ou dois raps e a gente acabou se unindo, tenho aprendido muito com eles porque eles tem uma facilidade com as palavras, com a interpretação, e isso me identificou bastante com o grupo bastante, até mais que a Casa do Poeta. (...) Eles são mais abrangentes. Eles falam de tudo, principalmente o Fernandes, que fala de tudo muito bem, brinca com as palavras, é bem erudito. Aprendi muito com eles. (transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas. 19/10/2013).

Alguém começa a falar.

Aparece atrás de uma estante de livros.

Um emenda com o que o outro fala... e ali, muitas vezes, encontro o que quero dizer...

Às vezes sem saber como... numa língua que não cabe...

Língua dinâmica.

Que fala de tudo.

Que brinca com as palavras.

> Se o devir-animal toma a Tentação, e de monstros suscitados na imaginação pelo demônio, é por acompanhar-se, em suas origens como em sua empreitada, por uma ruptura com as instituições centrais, estabelecidas ou que buscam se estabelecer. (DELEUZE; GUATTAR, 2012, p. 31).

O que causa essa ruptura?

Como impactar?

Fernandes: A ideia que o Panda falou de não haver protocolos. Um acabou... quando eu vejo ela entrando depois dele, eu vejo que é como se fosse a resposta dela pro que ele acabou de falar, mas não contradizendo, mas agregando à mensagem. Um olha no outro e fala "ele ta mandando essa, então eu to mandando aquela lá que é a resposta". Ta mandando essa, então eu vou mandar essa outra que é a resposta. Nos saraus que a gente ia era assim... (encena) A gente tinha o protocolo da vez do outro. Só que não era a vez do outro. Como é que ele ia dar a resposta num sarau por exemplo, se ele, num suposto protocolo de apresentações ele fosse o quarto, o quinto. Aquela ideia ali já teria passado. No Sarau das Ostras a gente conseguiu fazer isso, de forma inusitada. Deu certo uma vez, deu certo outra... pra quebrar o protocolo. De forma inusitada, acabou virando característico.

Ludimar: A gente já chegou a trocar de poesia que ia falar, né? Ia falar uma. Aí ele terminou. Parece que ta tudo encadeado. A gente já chegou a trocar de poesia. Ele mesmo já falou "eu ia fazer essa, mas essa aqui..." (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Não há protocolos.

Forma inusitada.

Revolucionária.

Literatura menor?

> Grande e revolucionário, somente o menor. Odiar toda literatura de mestres. Fascinação de Kafka pelos serviçais e pelos empregados (mesma coisa em Proust quanto aos serviçais, quanto à linguagem deles). Todavia, o que é interessante ainda é a possibilidade de fazer de sua própria língua, supondo que ela seja única, que ela seja uma língua maior ou que o tenha sido, sem uso menor. Estar *em* sua própria língua como estrangeiro; é a situação do nadador de Kafka. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40-41).

Nego Panda: O sarau que a gente achou que não veio ninguém. Claro, a gente esperava que viesse mais gente, mas apesar do pessoal não vir, o pessoal abraçou a ideia. O pessoal do hip hop não veio, mas abraçou a ideia. Procura estar sempre aqui.

Fernandes: Ano passado eu lembro que a gente estava no Salada Hip Hop, no mercado municipal de Santos, tem um espaço ali que nos finais de semana eles usam pra eventos culturais e teve um evento de hip hop de uma semana e a gente foi chamado pra abrir o evento. Nesse momento talvez a gente percebeu que ideia estava sendo abraçada. Foi lá que eu falei assim: "Tá na hora de desligar as bases e dar mais vazão às palavras". Chamamos um poeta lá de Santos, um advogado e falou também do Sarau das Ostras. Depois que a gente saiu do palco um cara veio assim e disse que sempre quis dizer isso, pra desligar as bases e dar mais vazão às ideias, mas nunca teve coragem. Buddy X. O cara tem 20 anos de estrada de rap, e uma frase besta que eu soltei... eu admiro o cara e ele disse: "Eu sempre quis dizer isso." Vocês estão conseguindo uma coisa. Eu não sou cantor de rap, mas no caso deles eles conseguem no movimento do rap tocar de uma forma diferente. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Desligar as bases.

Dar mais vazão às palavras.

Sempre quis dizer isso.

Coragem.

Eliane: E essa história do Barato é Louco? Eu vejo que o Panda tem um barato é louco, a Ludimar tem outro barato é louco... Como que surgiu essa história?

Nego Panda: Essa questão do barato é louco. O Barato é Louco é uma letra do grupo de meu rap, o Ruídos Negros. Eu fiz a letra, eu uso pra recitar, mas surgiu com a ideia de letra. O Pelé fez outra parte da letra. Quando a gente começou com o sarau, a gente levou pra recitar, aí quando eu levei pra recitar, o Pelé já pegou o gancho.

O Sarau tem uma característica bem legal, que ninguém espera o outro. Olha, depois que chamar fulano, ciclano recita. Não... A gente só toma cuidado porque se um começou falar, deixa ele falar. Então a gente fica sempre um olhando pro outro. Eu terminei de recitar O barato é louco, o Pelé já entrou recitando, então virou uma característica. Aí a Dona Ludimar gostou da ideia...

Ludimar: E aí eu disse que se o barato é louco desse barato eu quero um pouco.

Nego Panda: Eu quero ta junto aí também, fazer parte porque vocês faz isso. Foi quando a dona Ludimar entrou também. A gente quer falar que o mundo ta louco. O mundo ta um caos. A sociedade ta vivendo em estado de calamidade. Então a ideia da letra é essa. Falta amor no ser humano, então o barato ta louco. O pessoal ta se matando por besteira, agride o outro por causa de 2 reais, o outro mata porque olhou torto, esbarrou no outro, o outro vai lá e dá uma facada. Então, o barato é louco.

Ludimar: Além disso, o meu barato é louco é assim, o barato é participar. O barato é mostrar que tem muita coisa errada. O barato é louco porque eu tenho que ta dentro desse contexto desse barato, pra mostrar que eu não quero ser mais um, quero atravessar a rua. Vamos mexer nesse barato. (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Um fica olhando pro outro.

Fico olhando para os poetas.

O mundo tá louco.

O barato é participar.

Também quero participar desse barato.

O barato de mostrar que tem muita coisa errada.

Mexer no barato.

Fernandes: Encaixou melhor, porque a ideia do nosso sarau, do sarau que a gente participa é ser dinâmico. Eu acho que isso torna cada vez mais o barato louco. Mais louco disso é que cada vez mais a gente quer incrementar. Por exemplo: "carecem de..." A última palavra do meu texto é sentimento. Mas a primeira palavra dele é essa.

Eliane: Essa eu já vi vocês fazendo...

Ludimar: Aí dá aquele impacto. E a intenção é deixar cada vez mais louco.

Nego Panda: A gente convida sempre uns loucos pra participar...

Fernandes: Cada vez que surge um convite novo pra sarau. Vamos convidar fulano? E aí a gente se espelha no que tipo de apresentação que a pessoa faz. (transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

A ideia do Sarau é ser dinâmico.

E a intenção é deixar cada vez mais louco.

Barato louco.

Eu também quero um pouco.

> Ainda que maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz correr segundo linhas de fuga criadoras, e que, por mais lento, por mais precavido que seja, forma dessa vez uma desterritorialização absoluta. Quanta invenção, e não somente léxica, o léxico pouco conta, mas sóbria invenção sintática, para escrever como um cão (Mas um cão não escreve. – Justamente, justamente); o que Artaud fez do francês, os gritos-sopros; o que Céline fez do francês, seguindo outra linha, o exclamativo no mais alto ponto. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 41).

Linhas de fuga criadoras...

Desterritorialização absoluta...

Invenção.

Literatura menor? Marginal?

RO3P: O Fernandes tinha falado. "Oh, eu só vou adiantar uma coisa pra você. A Eliane vai perguntar porque que o barato é louco".

Eliane: Ah, é verdade. Você também tem o barato é louco. Ainda bem que ele te adiantou porque eu tinha esquecido...

Pelé: Essa música eu tinha escrito. Hoje eu nem canto, mas eu recito ela. Essa música era pra participar de um disco de um amigo meu que é do mesmo grupo do Panda, o Ruídos Negros. Só que a gente não gravou essa música, nem deu continuidade pra desenvolver ela, e eu fiquei com ela guardada e eu até fiquei pensando muito, no dia que o Fernandes falou. A resposta parece até difícil, mas é muito fácil, cê quer que eu responda pra você primeiro? Ele deu risada, eu falei "é simples, eu queria ter uma nave espacial pra voltar há anos atrás quando eu tinha 9 anos e eu vi o meu pai morrer na minha frente. Dali em diante é o motivo do barato é louco. Foi dali em diante.

Eliane: Puxa vida... (transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas. 23/02/2014).

Resposta não esperada.

Silêncio.

É louco esse barato.

O barato é louco.

(Trans)bordando pensamentos

Poemas que não terminam...

Textos que extrapolam as margens do papel...

Palavras de protesto... vivências coletivas... experiências singulares...

Pensamentos que não cabem.

Verso que se ouve, que se diz, que se escreve, que se sente.

Verso... Di-verso... Re-verso...

Pensamentos de uma pesquisadora que pesquisa /poetiza... que se

Encanta...

Encontra...

Des-encontra...

Des-territorializa...

Politiza...

Coletiviza...

Em meio a participantes de pesquisa... alunos... amigos... Versos... Encantos...

Que espaços essas práticas abriram para pensar um fazer pesquisa?

Pesquisa poética...

Pesquisa sobre a formação...

Formação do leitor... da palavra e da vida.

Ato dialógico. Criação humana.

Pesquisa que ultrapassa a barreira das margens.

Que traz à discussão a potencialidade e o exercício de transformação...

Pesquisa que desperta o exercício do pensamento.

E o pensamento, tem margem?

Ampliando possibilidades, fazendo poesia, fica evidente que não.

E para (não) concluir?

Vou-me embora pra...

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Carlos Drummond de Andrade, A palavra mágica. In 'Discurso da Primavera'
Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/a-palavra-magica-carlos-drummond-de-andrade> Acesso em 18/01/2016.

Após quatro anos de procura, o prazo acaba...

Encontrei todas as respostas?

Certamente que não.

A busca continua.

Para onde?

Qual a senha? Da vida? Do mundo? Da linguagem poética? Da escrita marginal?

"Vou-me embora pra..."

Talvez esse seja o verso mais apropriado para esse momento.

Para onde vou?

Pasárgada?

Samambaia?

Talvez, para um lugar de fronteira, onde as pegadas possam continuar a se inscrever, se apagar, a marcar (des)territórios...

Deixo um texto.

Acadêmico? Poético?

Talvez, um texto para ser revisitado, assim como Fernandes provoca os amigos em uma das conversas, no momento do café.

Fernandes: Vocês já jogaram fora textos de vocês? Assim, descartaram textos? Mas assim... Revisita eles... não ta terminado ou...

Ludimar: Eu costumo não deixar sem terminar. Eu termino sempre...

Fernandes: Eu tenho uma pasta de inacabados, mas assim eu revisito essas ideias e vou lá buscar alguma coisa e às vezes eu acabo compondo ou complementando textos com a pasta de inacabados, e acabo revisitando. E eu perdi uma pasta...

Ludimar: Às vezes eu to no computador e vem uma ideia que não acaba, aí eu deixo... (Transcrição do 1º encontro das conversas poéticas. 08/06/2013).

Termino ou deixo inacabado?

Como cheguei até aqui?

Qual o meu movimento?

Educadora, pesquisadora, aprendiz de poeta...

Impossível explicar, até mesmo entender, como tudo começou.

Só sei que, como educadora e como ser humano, num movimento de querer ir para longe de salas quadradas, de aulas quadradas, mentes quadradas, passei a encontrar inspirações em ideias circulares, em pessoas que se abriam à novidade e mostravam novidades. Em busca de relações de diálogo. Foi numa dessas aulas redondas em uma sala retangular, próximo ao movimento ondulado e instigante das ondas do mar, que vi chegando alguns alunos poetas: Ludimar, Nego Panda, que foram chegando, inusitados, impertinentes...

Quem eram eles? Alunos? Professores de poesia?

Fui conhecendo as rodas literárias, o sarau dos pensadores, o Sarau das Ostras. Fui, com eles, compondo, de modo movediço, em meio às areias e águas do mar. Vendo as pessoas se contagiarem, me deixei contagiar pelo barato dos poemas que eles produzem. Virei ostra, me desterritorializando e reterritorializando tantas vezes. Saí em busca das pérolas... atravessando as fronteiras entre os saberes...

"Mestre é quem, de repente, aprende..." (Guimarães Rosa).

O que deixo? Pegadas? Ou asas?

o bicho alfabeto
tem vinte e três patas
ou quase

por onde ele passa
nascem palavras
e frases

com frases
se fazem asas
palavras
o vento leve

o bicho alfabeto
passa
fica o que não se escreve
(LEMINSKI, 2002, p. 183).

Que o "bicho alfabeto" continue instigando pensamentos, em forma de asas leves, na escrita do Sarau das Ostras e de tantos poetas pelo Brasil e pelo mundo afora.

Escritas que se querem políticas, coletivas, desterritorializadas.

Literatura menor? Poemas marginais? Quem sabe...

Pensamentos que não cabem.

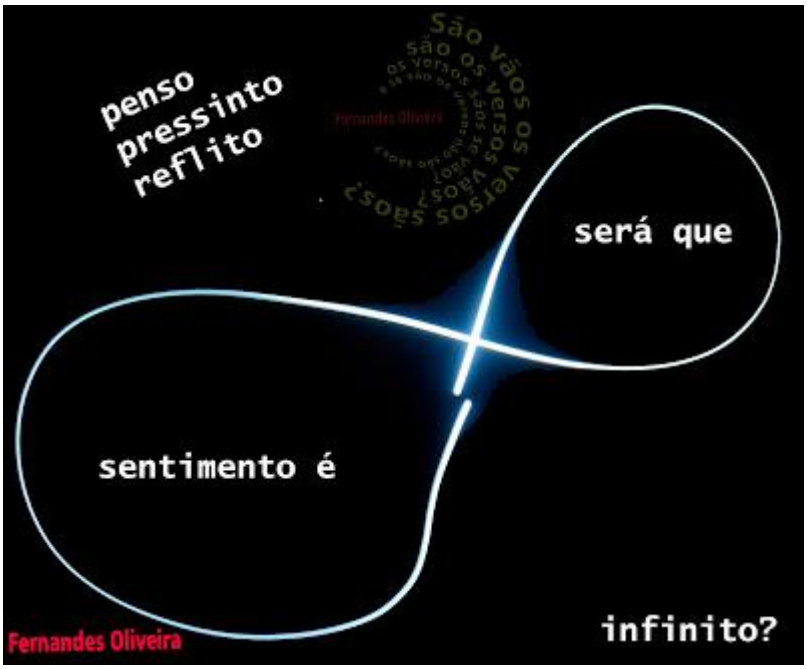
Movimentos de ler, escrever e compartilhar poesia que seguem em direção ao infinito.

A escrita... um movimento de atravessar fronteira. Como colocar em palavras tanto saber e tantas emoções que perpassam o ato de encontrar, compartilhar, ouvir, ser contagiada, sentir-me impactada? Esse foi, durante um período de quatro anos, o meu barato. Barato de inventar um modo de escrever poeticamente um texto de pesquisa.

Movimento baratinado... baratinante... desbaratado... ser educadora, pesquisadora, autora.

E o sentimento?

Figura 38: Poema de Fernandes Oliveira. Em direção ao infinito...



Disponível em: <http://saovaososversossaos.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-08-18T19:29:00-07:00&max-results=7> Acesso em: 16/01/2016.

Olho em volta.

Veja, Palomar. O rio não mais existe. Nem as margens.

O movimento se amplia ainda mais.

Parece-me que cheguei ao mar.

Me ajuda a olhar?

“Quanto ainda nos falta compreender? ”

Tendo o mar como horizonte, o olhar é infinito.

Por isso, poético.

“Como tudo isso é admirável! ”

“O BARATO É LOUCO!”
OUVI E FUI PERGUNTAR.
“POR QUE É LOUCO ESSE BARATO?”
ME CONTARAM QUE O BARATO É QUESTIONAR,
É FAZER PENSAR.
JÁ GOSTEI DESSE BARATO.
ENTÃO, TAMBÉM QUERO DESBARATAR.
CONTARAM MAIS:
“O BARATO É PARTICIPAR.”
ENTÃO, COM LICENÇA,
FERNANDES, PANDA, ABEL, PELÉ E LUDIMAR,
DEIXEM-ME ENTRAR NESSA RODA.
COM VOCÊS QUERO BRINCAR.
RODANDO EM MEIO ÀS PALAVRAS,
AOS VERSOS, RIMAS E O QUE MAIS HÁ,
DEVINDO POETA COM VOCÊS NESSE LUGAR.
LUGAR ONDE CABE OU NÃO CABE...
APLAUSOS? QUE FIM TERÁ?
TAMBÉM ME DISSERAM
QUE NÃO HÁ PALAVRAS PARA EXPLICAR,
E QUE NÃO QUEREM TERMINAR.
AGORA ENTENDO VOCÊS.
É CHEGADO MEU PRAZO.
UM PONTO ME É EXIGIDO.
MAS, TEREI A TAREFA CUMPRIDO?
NEM CONSIGO IMAGINAR.
SÓ SEI QUE NÃO SOU A MESMA.
MUDEI. CRESCI.
VIM. VI. VENCI?
NÃO SEI.
SÓ SEI QUE VOU CONTINUAR RODANDO,
PALAVREANDO...
DAS FRONTEIRAS ATÉ OS CONFINS DO MAR ...

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BACHELARD, Gastón. **A Poética do Devaneio.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BACOCINA, Eliane A. **Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadoras:** contribuição para a invenção de modos de aprender e ler. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado) - UNESP, Rio Claro, 2007.

_____. **A importância do ato de ler na Educação de Jovens e Adultos.** 2005. Monografia (Especialização em Educação - Alfabetização) – UNESP, Rio Claro, 2005.

_____. **Resolvendo problemas na 3ª série do ensino fundamental.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – UNESP, Rio Claro, 2002.

_____. **Da ostra à pérola e do sentimento a poesia:** a escrita poética como modo de resistência e subjetivação. In: Anais do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica, Modos de Viver, Narrar e Guardar. CD-ROM. Rio de Janeiro, Biograph, 2014. p.1-10.

BAKHTIN, Mikhail e VOLOSHINOV, V.N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte**, Revista Zvezda número 6, 1926. Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Número 6, 1926.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. **Estética da criação verbal.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

BATINGA, Fernando. Carta a Paulo Freire. In: Cavalcanti, Pedro C. Uchôa; Ramos, Jovelino. (org.). **Memórias do Exílio.** Brasil: 1964-19??. 1. De muitos caminhos. São Paulo: Editora do Livamento Ltda. 1978. p. 277-286.

BORGES, Jorge Luis. O etnógrafo. In: **Elogio da Sombra:** Poemas/Perfis: Um Ensaio Autobiográfico. Tradução de Carlos Nejar; Alfredo Jacques; Maria da Glória Bordini. Editora Globo/INL/MEC; 1971. p. 19-21.

BUARQUE, Chico. (1978). Disponível em: <http://chiconaditadura.blogspot.com.br/2009/09/apesar-de-voce.html> Acesso em: 27/08/2015.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Ítalo. **O Castelo dos destinos cruzados.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Palomar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.7-11.

CATELLI, Nora. **En la era de la intimidad.** Seguido de: El espacio autobiográfico. Rosário, AR: Beatriz Viterbo Editora, 2006.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. (org.); SANTOS, V.C.C. (colab.) **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CASA DO POETA DE PRAIA GRANDE. Disponível em: <http://www.casadopoetapg.com.br/events/roda-literaria-casa-do-poeta-e-porto-do-saber-12-abril-2013#.UesrZdI3udg>. Acesso em: 18/07/2013.

CERTEAU, Michel de**. A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da história.** 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. (org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. As práticas da escrita. In: CHARTIER, R. (org.) **História da Vida Privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P. 113-162.

_____. **Do palco à página:** publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XXVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução: Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carolos: EdUfscar, 2012.

DARNTON, Robert. **Poesia e polícia:** redes de comunicação na Paris do século XVIII. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. 2ª ed.; tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Kafka:** para uma literatura menor. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** São Paulo: Edições 70, 1980.

FERNANDES OLIVEIRA. **Minhas pegadas na areia.** Praia Grande / SP: Literata, 2011.

FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. In: **Ditos e escritos III** - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. pp.47-59.

_____. A escrita de si. In **Ditos e escritos:** estratégia, poder-saber – Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. pp. 144-162.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho Dágua. 2001.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Olhos de madeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Os **andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GURGEL, L. H. **Entrevista com Adélia Prado**. In: Na Ponta do Lápis. nº 15 dez. 2010.

KRISTOF, Ágota. **La analfabeta.** Barcelona: Ediciones Obelisco. 2006.

LARROSA, Jorge. **Carta a los lectores que van a nacer** (con un prólogo que la justifica y un epílogo que la hace prescindible). In: Leitura: Teoria & Prática. ALB/Campinas, SP: Global, 2009. Ano 27, n.52, jun. 2009.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação.** Jan/fev/mar/abr, 2002.

_____ . **Nietzsche e a educação.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Sobre a lição. In: **Pedagogia Profana.** Porto Alegre: Contrabando, 1998. pp. 139-146.

LEMINSKI, Paulo. 1944-1989. **Melhores poemas de Paulo Leminski.** Seleção Fred Góes, Álvaro Marins. 6ª ed. São Paulo: Global, 2002.

_____. Poesia: a paixão da linguagem. In: CARDOSO, Sérgio et al.. **Os sentidos da paixão.** São Paulo: Companhia da sLetras, 1987.

MOLINA, Ludimar Gomes. **Entre pedras e gavetas.** São Vicente: Costelas Felinas, 2011a.

_____. **Ludicidade.** Praia Grande / SP: Literata, 2011b.

_____. **Rimas inteiras para todas as quebradas.** Praia Grande/SP: Literata, 2014.

N.P. **Poesias de um mundo louco.** Praia Grande / SP: Literata, 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **"Literatura marginal":** os escritores da periferia entram em cena. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo – USP. 2006.

NEGO PANDA. (org.) **Gotas de Vinagre.** Praia Grande / SP: Ponto da Cultura Editora, 2013.

POE, Edgar Allan. **A Carta Roubada.** In: _____. Os assassinatos na rua Morge; A carta roubada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Políticas da escrita.** Tradução de Raquel Ramalho et al. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Tradução de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&PM, 2013.

RO3P. **O sonho dus guerreiros não morre!** CD. KiHap Produções: Praia Grande, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia:** Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 16 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia da Arte.** – tradução Paulo Bezerra. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YVANCOS, José María Pozuelo. **De la autobiografía**. Teoria y estilos. Santa Perpètua de Mogoda, Barcelona, ES: A&M Gràfic, 2006.